FUNDAMENTOS

Cidade de'Leste, Alto Paraná, Paraguai.
1983.

3a. edición.

GINO IAFRANCESCO V.

"*Haya alimento en Mi Casa*".

(Malaquías 3:10b).

Fundamentos.
© Gino Iafrancesco V.
Cidade de'Leste, Alto Paraná, Paraguai.
1983.

Tradução:
Irmão Ricardo de São Lorenço.
con Romeu Bornelli.
Revisada por el autor.

Edição de Roujet Fuchs e a igreja em Tamandaré.
3a. edição, Colômbia 2014, portugues.
2a. edição, Colômbia 1996.
1a. edição, Colômbia 1985.

Clasifíquese:
Exégesis Bíblica.

"*La exposición de tus palabras alumbra;*
hace entender a los simples".

(Salmo 119:130)

PREFÁCIO

O presente plano de ensinamentos básicos cristão não pretende esgotar o tema; trata-se de um esboço panorâmico dos ensinamentos do Senhor (dos apóstolos e da Igreja primitiva), de acordo com o Novo Testamento.

As citações bíblicas estão de acordo com a versão de Casiodoro de Reina e Cipriano de Valera, de 1960, com aproximação castelhana com o texto grego de Wescott y Hort, em virtude de maior esclarecimento de alguns termos.

Para melhor aproveitamento do presente estudo, aconselhamos ao leitor recorrer às mesmas Escrituras para atestar-se das citações mencionadas e observar seu contexto. No caso muito provável de que o leitor seja cristão, aconselhamos que o irmão invoque ao Senhor quando for ler e durante a leitura, de tal maneira, que dependerá do Senhor mesmo para um melhor aproveitamento.

Este trabalho constitui um estudo escrito pelo autor no ano de 1913, na República do Paraguai. O autor assume a responsabilidade gramatical do uso de maiúsculas nas palavras comuns que se referem à Pessoa e Obra do Senhor.

Gino Iafrancesco V.

FUNDAMENTOS

PREFÁCIO 3

PARTE I

I. Identificando Prioridades 9
II. O Fundamento lançado 11
III. A Pessoa 13
IV. A Obra 18
V. A Doutrina 21

PARTE II

VI. As Festas solenes 27
VII. Páscoa: Cristo Crucificado.....28
VIII. Ázimos: Cristo Comungando 30
IX. Primícias: Cristo Ressuscitado 33
X. Pentecostes: Cristo Glorificado 38
XI. Trombetas: Cristo Anunciado 43
XII - Expiação: Cristo Advogado.....46
XIII - Tabernáculos: Cristo Esperado 49

PARTE III

XIV. Os Primeiros Rudimentos.....55
XV. Arrependimento 56
XVI. Fé em Deus.....59
XVII. Doutrina de batismos 63
XVIII. Imposição de mãos 70
XIX. Ressurreição de mortos.....72
XX. Juízo Eterno 76

PARTE IV

XXI. O Reino dos céus está próximo 85
XXII. O Modelo 87
XXIII. Sobre esta rocha 90
XXIV. O selo do firme fundamento de Deus 96

PARTE V

XXV. A Unidade do Espírito 101
XXVI. Um Corpo 105
XXVII.Um Espírito 108
XXVIII.Uma mesma esperança 113
XXIX. Um Senhor 115
XXX. Uma Fé 118
XXXI. Um Batismo 119
XXXII. Um Deus e Pai 121

PARTE VI

XXXIII. O Fundamento dos Apóstolos e Profetas 127
XXXIV. As Igrejas dos santos 135
XXXV. A Doutrina dos Apóstolos 140
XXXVI. A Comunhão uns com os outros 145
XXXVII. O partir do Pão 148
XXXVIII. As Orações 153

PARTE VII

XXXIX. O Propósito de Deus 159

PARTE I

"*Porque ninguém pode lançar outro fundamento, além do que foi posto, o qual é Jesus Cristo.*"

1Co:3.11

I
IDENTIFICANDO PRIORIDADES

Em todas as coisas existe uma ordem de prioridades, e nos descuidarmos do que realmente é importante, corremos o risco de perder tempo e nos afastar de nosso propósito. As coisas verdadeiramente importantes não têm sido priorizadas em nossas vidas, e nossas escolhas acabarão pesando sobre nossas cabeças. Por tudo isto, é urgentíssimo assumirmos responsabilidades, com discernimento, identificar as prioridades, e decidir pelas coisas que realmente são importantes, fundamentais, que afetarão o destino de nossa vida. Que ninguém seja tão insensato a ponto de supor que escapará aos inevitáveis resultados de suas escolhas. Comecemos por identificar o que é melhor, o que realmente é prioridade, comecemos pelo que é verdadeiramente importante e necessário, o fundamental.

Todos os aspectos da vida têm seus pontos básicos, e entre aspectos e aspectos, existe gradação nos seus valores. Não sem razão repreendia Jesus aos fariseus por coar severamente o mosquito e engolir o camelo (Mt 23:23-26); e a Marta respondia, enquanto ela estava ocupada com muitas coisas: Maria sua irmã havia escolhido a melhor parte, a única realmente necessária, e esta não lhe será tirada (Lc 10:38-42). E, então, a todos nós ensina a buscar primeiramente o Reino de Deus e a Sua Justiça (Mt 6:25-34), chamado a si, o apóstolo Paulo, como perito-arquiteto, coloca o fundamento

indispensável (1Co 3:10-13) começando por aquele que provoca a salvação do homem para a glória de Deus, e nos sela ao Filho de Deus, Senhor e Salvador, morto por nossos pecados e ressuscitado (Rm 1:2-4; 10:8-13; 1Co 15:1-8; Co: 4.5; Ts 1:9-10; Tm 1.15; 3.16).

Todos os ensinamentos são ramificados do grande tronco desta realidade, e este encontra seu sustento e significado somente em Deus; tudo foi criado para Ele e por Ele; portanto, atender a Sua Revelação é o mais sábio que poderíamos realizar. Deus tem-se revelado mediante Jesus Cristo.

E o que gozamos hoje com imensa gratuidade, o que sofremos como pesada carga, é resultado do que ontem apenas parecia uma simples idéia, uma meia atitude. E a história tem mostrado desde ali com todos os montes e seus profundos vales, como resultado do espírito das idéias e ações do passado. A mediocridade da indiferença, da covardia ante o compromisso, a cegueira do egoísmo cômodo e passageiro, são culpados pelo sofrimento e miséria de muitos; coisas que pela Santa Justiça de Deus, recairão mais tarde sobre as repugnantes faces dos responsáveis; a cada um sua porção. Nenhum homem escapará de si mesmo! Mas também, os horrores dos perturbados e os delírios dos falsos messias tem afundado a humanidade mais e mais na dor, na corrupção e na morte. Necessitamos voltar a Revelação, que é prioridade. Devemos voltar a Deus por intermédio de Jesus Cristo! Devemos ir diretamente ao grão e começar pelo núcleo. Remendar as aparências nos fará ser enganados pelo

mal. O homem está caído e, é perverso; necessita de regeneração, necessita de Cristo, o vigor autêntico do autêntico Evangelho, necessita viver pelo Espírito de Cristo e conhecer a Deus; assim amará, e amando estará completo, realizado. Mas para amar é necessário mais do que leis e constituições, mais do que boas intenções, pois o querer o bem está no homem, mas não o realizar, por isto seus mais nobres propósitos são frustrados. Necessitamos de Cristo, que é a ressurreição autêntica, vivificante. O Filho de Deus, ressuscitado na História, vivo hoje, e vivificante. Eis o Fundamento! Temos que buscar a Cristo verdadeiramente, não meramente como uma formalidade, não vivemos verdadeiramente o Evangelho, que é o mais importante, pois temos nos apresentado com máscara, que escondem nossas deformações.

II
O FUNDAMENTO LANÇADO

"Porque ninguém pode lançar outro fundamento, além do que foi posto, o qual é Jesus Cristo." (1 Co 3:11). Isto escrevia Paulo. Agora sim, o que é um Fundamento? É algo sobre o qual se pode descansar e edificar com segurança; algo que resiste o peso e que sustenta; algo que sem o qual, as coisas que estão embaixo não se sustentam. Bonito nome e exato, dado por Paulo a Jesus Cristo O Fundamento! Fundamento é o princípio indispensável, e para nós não pode ser menos que Deus, nem menos que homem. Deus, para sustentar e expressá-lo como um todo; o Homem, para assimilar e realizá-

lo. Devemos considerar a Jesus Cristo, como Luz dos Homens, o Caminho, a Verdade e a Vida, a Ressurreição.

Ao considerar a Jesus Cristo como nosso Fundamento, contemplamos n'Ele: Sua Pessoa, Sua Obra, Sua Doutrina; num todo, indissoluvelmente ligado. Aproveitaria menos a consideração de sua mera doutrina, se não a considerarmos respaldada por Sua Obra; e de igual maneira, perderíamos a substância de Sua Obra se não considerarmos como perfeito marco de identidade de Sua Pessoa autêntica e histórica, Teo-Antrópica. Desta maneira consideramos a Revelação Divina Fundamental na Pessoa, Obra e doutrina de Jesus Cristo.

Certamente, porque entre os homens, quem pode ser comparado a Ele? Não se levantará filósofo, nem visionário, nem herói, nem moralista, nem político, nem marechal, que pode comparar-se com Ele quanto a excelência e quanto a frutos benéficos para a humanidade. E se algo de bom nós temos como homens na Terra, poderíamos indagar suas raízes e encontrá-las em Jesus Cristo, através do amor, da justiça, liberdade, beleza, dignidade, verdade. Conhecê-lo verdadeiramente é a indagação prioritária; conhecê-lo pessoalmente e como encarar Sua Obra, e em que fundamentalmente tem consistido esta; quem é, que faz e que fez. Aprendamos também d'Ele, como poderíamos colaborar eficazmente com Sua Obra? "Eficazmente" é a palavra-chave aqui, pois quanto lixo temos servido falsamente em Seu Nome, sem Seu Espírito. Que possamos com Sua revelação, compreender

sua Obra e colaborar com ela. Qual é sua Obra fundamental? Qual é a sua doutrina e ensino de Sua sublime pessoa? Como poderíamos começar a guardar as primeiras migalhas de Seus rudimentos e encontrar sua correta aplicação para tudo? A esta altura, quantos se acham desenganados e desiludidos com o novo cristianismo, que ainda não temos bebido o melhor das águas vivas, como se estivéssemos durante muito tempo adormecidos, embriagados, pois quem realmente faz Sua vontade e Sua Obra? Em Sua luz nos descobrimos como uma multidão de traidores.

III
A PESSOA

Conhecer a Pessoa de Jesus Cristo é absolutamente fundamental, pois se Cristo não era Deus verdadeiro, como então iria revelá-lo? Então como seria justo seu sacrifício pelas ofensas a Deus? Pois já que foi o Senhor o ofendido e d'Ele o perdão, então é preciso o perdão, o sacrifício, que corresponde ao que doa; está ali Seu amor; não corresponde justamente o sacrifício do perdão a um terceiro não injuriado nem injuriador; mas corresponde ao amor, à abnegação do Injuriado, o qual é Deus. Foi Deus quem carregou com os "pratos rotos" e a dívida; foi Ele quem por amor e em Sua grande paciência, para ser justo, teve que tomar sobre si mesmo o castigo de Sua Justa ira, o qual foi à expiação. Perdoar sem sacrifício, a saber, sem a reparação pelo pecado, seria injusto e livraria o mundo de Sua Justiça. A Justiça devia ser provida

e a reparação feita; a qual só podia realizar-se de duas maneiras: uma, com o justo castigo do culpado; outra, com o sacrifício do inocente injuriado, não de um terceiro, pois seria injustiça contra esse terceiro. No conflito entre Deus e o homem não pode mediar um terceiro. Se o homem pecar, ele deve morrer, é perfeitamente justo; E se não, Deus deve fazer-se homem, ser tentado, sair vitorioso e inocente, e então, com o sacrifício de Si mesmo, satisfazer as exigências da Justiça, morrendo como legítimo substituto do homem pecador.

O mais nobre foi que Deus mesmo, O Injuriado, aceitou ser substituto e se humilhou por amor; mas tomou o sacrifício como carga própria em honra à Sua dignidade. Seu sacrifício manteve Sua dignidade e Sua autoridade. Desejar o homem tal sacrifício significa a mais horrível ofensa, pois afronta diretamente o mais sagrado do coração Divino, Seu Espírito de Graça. Assim, pois, que a Pessoa do sacrifício perfeito não podia ser menos que Deus mesmo. Jesus mesmo declarava a importância de reconhecer corretamente Sua Pessoa. Perdoar sem sacrifício é o mesmo que profanar sua própria dignidade e a honra de sua natureza imutável; Além disso, se ele houvera abdicado do governo de sua criação; teria sido quase como deixar de ser Deus, a Suprema Autoridade; mas que Deus é a suprema autoridade é uma realidade imutável, inamovível e iniludível; é a própria realidade; outra coisa não seria realidade.

Jesus para levar a cabo a Sua Obra de reconciliação de todas as coisas, e Sua Obra de realizar em sua

plenitude a todas elas, deve revelar-se à Deidade e requerer que seja reconhecida sua identidade autêntica da Sua Pessoa. Sem tal reconhecimento o homem não pode colocar-se no fundamento de salvação, pois fora deste estará fadado a sua própria loucura, ao delírio de sua queda e ação da morte destruidora e humilhante. Urgi, pois, conhecer espiritualmente a Jesus, e assim identificá-lo. Ele mesmo, quando perguntou a seus discípulos acerca de que falavam os homens sobre Ele, quem era Ele, e quando escutou de Pedro a confissão: "Tu és o CRISTO, o filho do Deus VIVO." (Mt 16:16), então falou que sobre esta Rocha edificaria a Sua Igreja. Pedro foi feito uma pedra para ser edificado sobre Cristo, graças a uma revelação do Pai, conheceria e confessaria a Jesus como o Cristo e como Filho do Deus vivo (Mt 16:13-18). Nada poderia ser edificado sem esta mesma confissão revelada que sairia dos lábios de Pedro a respeito de Jesus; a saber, que Jesus é o CRISTO, o Filho do Deus Vivo.

Quem é o Cristo? Quem é o Filho do Deus Vivo? Que naturezas há n'Ele? Quando questiono "quê" é porque se pergunta por Sua natureza divina e por Sua natureza humana. Suas naturezas, a divina e a humana, são os irredutíveis "quê" de seu único "quem," a Pessoa". A categoria de "natureza" difere da categoria de "pessoa". A natureza é um "que;" a pessoa é um "que de quem". No único caso do "Que" de Jesus Cristo, um Verbo Divino participa da natureza divina; é a Palavra e a sabedoria do Pai; o Verbo é o resplendor da glória divina, e como tal participa de Sua substância essencial, sendo a imagem da existência e de essência divina da

subsistência ou ***hipóstasis*** de Deus e Pai (Jo 1:2; Col 1:15 2 Co 4:4; Hb 1:1-3). De maneira que o Verbo é Igual ao Pai (Fp 2:6).

Quando Deus, o Pai, se dá a conhecer a Si mesmo, é como se conhecer a Si mesmo, expressa tão perfeitamente como Ele é; portanto, Seu Verbo é a Palavra que lhe contém toda na plenitude de Seu atributo, com a que Se conhece e pela qual se revela, sendo tal Imagem a Expressão de si igual e consubstancial a Ele, Deus com Ele, idêntico em essência, mas distinto em Pessoa, pois uma pessoa é o Pai que conhece, e ao conhecer eternamente engendra imanentemente desde a eternidade em Seu Conhecimento sem princípio; outra Pessoa é o Conhecimento do Pai que é Este Invisível, a imagem, subsistente como perfeita reprodução pessoal, Pessoa igual na mesma essência divina; Conhecimento perfeitíssimo de Deus que subsistindo na essência divina como tal é o Verbo que acompanha desde a eternidade do Pai que com Ele se conhece e Ele se expressa. Este Conhecimento que Deus tem da plenitude de Si e de todas as coisas é a Pessoa do Verbo que lhe está próxima, se, diante de si como uma tela de Sua mente, a Quem o Pai participa em tudo de Sua natureza substancial e essencialmente divina. Este Verbo é o Filho do Deus Vivo com Quem o Pai participa em um amor comum que é tão divinamente grande e pleno que ao expirar-se é tão pleno como Si mesmo, tão pleno como o Pai e o Filho que se conhecem e amam dando-se mutuamente e totalmente, de maneira que esse Divino Amor que procede do Pai e, é correspondido pelo Filho, é idêntico em natureza à Divindade, pois subsiste ao

próprio amor desta Divindade enquanto inspirada e expirado da plenitude de Deus como o mesmo Deus que se dá, e é, portanto a Pessoa subsistente no Espírito Santo, co-participante com o Pai e o Filho na única essência divina assim constituída desde a eternidade sem princípio, sendo, Deus um só: o Pai, o Filho e o Espírito Santo.

Bem, agora, aquele Verbo de Deus, o unigênito do Pai, o Filho, se fez carne, semelhante aos homens (Jo 1:14; Fp 2:7), idêntico também a nós em natureza, e tentado em tudo conforme a nossa semelhança, porém sem pecado (Hb 4:15), pois ao contrário de nós, venceu o pecado na carne e o condenou (Rm 8:3) sem permitir que o príncipe deste mundo, o maligno, tivesse nada n'Ele, e assim então o julgou (Jo 14: 30); 16:11; 12:31); e então, como Filho do Homem; e pelo fato de sê-lo, recebeu autoridade para julgar o mundo (Jo 5:19-27). Assim, pois, Jesus Cristo, o Filho Único, o Verbo, o Deus Unigênito (Jo 1:18, segundo o original grego), é, enquanto Verbo: **Deus**; e enquanto Verbo encarnado desde o ventre da virgem Maria: **Homem verdadeiro**, sim, com espírito, alma e corpo absolutamente humanos; Homem, além do trono do Espírito Santo (At 10:38); portanto: Salvador e Redentor, Mestre e Revelação, Advogado e Juiz, Senhor e Rei. Esta é a Pessoa: **Jesus Cristo o Senhor**.

IV
A OBRA

Sendo, pois nada menos que esta Pessoa, o Verbo de Deus encarnado, vivendo desde a eternidade e segundo um plano e propósito eternos, Sua Obra começou com a Encarnação; a saber, fazendo-se Homem, para o qual teve que despojar a Si mesmo, aniquilado. Seu despojamento consistiu em não agarrar à exclusividade de Suas condições e prerrogativas divinas, mas se submeteu a condições de inferioridade. De ser igual a Deus enquanto Verbo, aceitou ser menor do que o Pai, foi homem; e inclusive, antes de glorificar Sua humanidade, foi feito menor que os anjos (Hb 2:9), ainda que em seguida, como homem, herdou mais excelente NOME do que eles (Hb 1:3-4). Com tal despojamento (Fp 2:5-8; Jo 14:28) manifestou a natureza de Seu amor ao Pai e aos homens, contrariando totalmente a rebelião satânica, que consistiu ao seu despojamento; porque a rebelião satânica consistiu numa usurpação, pretensão e auto-exaltação. Com seu despojamento, O Filho enfrentou oposição e julgou a rebelião angélica e humana, pois foi obediente ao Pai até a morte, com a qual venceu em humanidade e para a humanidade quando Ele assimilou o pecado na carne. Com sua Morte expiatória e sacrificial assumiu nosso castigo, despojando assim os principados demoníacos da legítima acusação que possuíam na ata dos descrentes contra nós por nossos pecados e por nossa natureza vendida ao pecado (Col 2:14-15).

Há, aqui a Obra da cruz: Sua parte, o Pai não poupou o Filho, mas por todos nós o entregou (Rm 8:32); o Filho a si mesmo se ofereceu mediante o Espírito eterno (Hb 9: 14) e sem usurpar ser igual a Deus, ao contrário, se humilha fazendo-se semelhante aos homens, E o Verbo feito carne (Fp 2:5-8; Jo 1: 14); nasce da Virgem Maria e toma forma de servo, menor que o Pai, e aprende a obediência (Hb 5:8); é tentado em tudo, mas não peca; então, como Filho do Homem sofre a morte expiatória como último Adão, feito pecado por todos nós (1Col 15:45; 2Co 5:21), e Sua morte destruiu a morte (Is 25:8; Os 13:14; 1Co 15:55-56), e ao que teria o império da morte, a saber, o diabo (Hb 2:14); crucificado também ao velho homem (Rm 6:6), à carne com suas paixões e desejos (Gl 5:24), ao mundo e seus rudimentos (Gl 6:14; Cl 2:20); ao ato de decretos que nos era contrário (Cl 2:14); em Sua cruz chega a abolir as inimizades da carne, e da lei dos mandamentos expressados em ordenanças, fazendo assim a paz e nos reconciliando com Deus (Ef 2:13-16); crucificou também a maldição da lei, da incircuncisão e das coisas antigas (Gl 3:13; Cl 2: 11-13; 2Co 5:17); julga ao príncipe deste mundo, exibe e despoja aos principados e potestades (Jo 16:11 e Cl 2:15).

Por sua ressurreição corporal em humanidade (Jo 2:19-22; Lc 24:36-46) desde o começo, o qual segundo homem (1Co 15:47), a uma nova criação (2Co 5:17), sendo assim o Cabeça de uma nova raça, a dos filhos de Deus (Jo 1:12), regenerados na sua identificação com o Cristo morto e ressuscitado, que perdoa e livra e, que restaura, regenera e

santifica; imputa a justiça, além de nos receber, mediante Sua graça e Seu Espírito, por intermédio da fé; manifesta e Justificação gratuita, em boas obras preparadas de antemão por Deus, e feitas n'Ele como sinal frutífero de salvação (Ef 2:8-10; Tt 2:14).

Nunca esqueçamos que a Obra do Senhor Jesus Cristo está fundamentada depois de Sua encarnação virginal e, sua vida sem pecado, revelando-se ao Pai, em Sua morte por nós devido aos nossos pecados; e depois de sepultado, ressuscitou corporalmente em incorrupção, e ascendeu de novo a Sua Glória, para glorificar n'Ele a humanidade, transformando-a nova e herdeira do Reino; para comunicar, o qual enviou Seu Espírito Santo para convencer o mundo do pecado, justiça e juízo (Jo 16:8), de modo que o recebam os chamados a sair do mundo, os que o amam. O Espírito Santo nos participa do Pai e Cristo, de modo que possamos nos assemelhar, satisfazer e revestir-nos d'Ele em identificação completa, aguardando à redenção total que será manifestada no fim dos tempos.

Agora, pois, esta é a Obra de Deus para os homens em Jesus Cristo, Deus e homem; então se anuncia o Evangelho, assim que a doutrina se estabelece na obra da Pessoa Teo-Antrópica de Jesus Cristo.

V
A DOUTRINA

Ao considerar a Doutrina de Jesus Cristo, não devemos separá-la da realidade do Espírito e de Sua Pessoa, mas que se tratará de Jesus Cristo mesmo trabalhando espiritualmente através de Sua doutrina. Não se tratará meramente de ética ou moral, mas da atuação do Espírito de Cristo, e pelo Espírito, da obra do Cristo que nos dá a vida para achegarmos a Deus. Trata-se do mesmo Cristo repartido entre nós para nutrirmos d'Ele, o qual hoje nos conduz mediante Seu ministério espiritual que se prolonga em Seu Corpo místico que é a Igreja, soma de todos os filhos de Deus. A ministração de Seu Espírito mediante o exemplo e suas palavras que são espírito e vida, vivificará aos que percebendo e ouvindo creiam; e crendo recebam; então recebendo, obedeçam; e obedecendo, cumpram em si mesmo, pela graça de Cristo, a vontade do Pai, que é para conosco redenção total, configuração à imagem de Seu Filho Jesus Cristo, glorificados n'Ele, e com Ele co-herdeiro do Reino eterno.

Como exemplo de vida, temos o exemplo de Jesus e seus apóstolos. Tal exemplo e tais palavras, são a soma deles e sua explicação e a dos feitos de Cristo e seus apóstolos pelo Espírito Santo constituem a doutrina, O Espírito, o exemplo e as palavras de Cristo, se perpetuam em Seu Corpo místico, por estarem registrados nas Sagradas Escrituras. O Espírito de Cristo começou a se manifestar desde o Antigo Testamento, afora veio a sua dispensação perfeita com o Novo Pacto, que já é a antecipação

definitiva da herança. Temos, no Novo Testamento, o exemplo e as palavras, a essência do Evangelho, a doutrina de Salvação, do qual forma a Igreja como depositária e reparte. Deve a Igreja repartir perpetuando mediante o Espírito, o exemplo e as palavras de Cristo, aplicando-o às necessidades dos homens.

Ao repartir, a Igreja deve também ter discernimento no espírito para edificar eficazmente atendendo às prioridades, começando também pelo ensino da doutrina de Cristo, pelos fundamentos e rudimentos básicos dela, sem os quais nada se pode construir. Jesus começou seu ensino público com o anúncio de: "Arrependei-vos, porque o reino de Deus está próximo; arrependei-vos e crede no evangelho." (Mt 4:17 e Mc 1:15). Isto mesmo foi o que ordenou a seus apóstolos pregar: "Assim está escrito que o Cristo havia de padecer e ressuscitar dentre os mortos no terceiro dia; "e que em seu nome se pregasse arrependimento para remissão de pecados a todas as nações, começando de Jerusalém." (Lc 24:46-47). Deviam ser, testemunhas de sua Pessoa e obra, e portadores de Seu Espírito, reprodutores n'Ele de seu exemplo, e pregadores de sua doutrina.

Paulo começou também com a morte e ressurreição de Cristo (1Co 15:3,4). Na carta neo-testamentária aos Hebreus nos mostra aquilo que constituía os rudimentos da doutrina de Cristo; os primeiros rudimentos da palavra de Deus, o fundamento, o qual é: arrependimento de obras mortas, fé em Deus, doutrina de batismos, imposição de mãos, ressurreição de mortos e juízo eterno, ao qual

voltaremos se Deus permitir, mais detalhadamente, não sem antes reconsiderar os pontos destacados dos atos históricos de Cristo, como estão registrados tipicamente nas festas solenes de Israel, sombra de Cristo.

PARTE II

"...dias de festa...,
tudo isso tem sido sombra das coisas que haviam de vir;
porém o corpo é de Cristo."

Cl 2:16b,17

VI
AS FESTAS SOLENES

Uma festa com um motivo especial; um dia de festa não é um dia comum; é um dia especial no qual se quer fazer sobressair algo. Os feitos importantes e transcendentais da história dos povos e da vida das pessoas são relembrados por um dia especial de festa, na qual se marca a importância daquilo que é o motivo da festa. Deus, que nos fez e nos conhece, também constituiu assim com os homens, e em especial com Seu povo de Israel certas festas solenes, com as quais queria ressaltar sete aspectos fundamentais do ato histórico de Cristo.

Através do Espírito Santo sabemos por intermédio do apóstolo Paulo, em sua carta aos Colossenses (2:16), que as festas solenes de Israel, junto com as outras coisas, foram sombra de Cristo. Se, as festas solenes de Israel foram sombras de Cristo, foram sete aspectos fundamentais de sua obra para ressaltar a importância de Sua obra (Roland Buck testifica que o anjo Gabriel lhe apareceu e lhe fez notórias coisas).[1]

As festas importantes foram: Páscoa, Ázimos, Primícias, Pentecostes, Trombetas, Expiação e Tabernáculos (ou Cabanas), nas quais vemos a Cristo Crucificado, Cristo Partilhado e Assemelhado, Cristo Ressuscitado, Cristo Enviando o Espírito Santo, Cristo Anunciado, Cristo Intercedendo e Cristo Voltando. Examinemos cada aspecto.

---

[1] O testemunho de Roland Buck foi publicado no livro *Angeles en misiones especiales*, ed. Fey Espírito.

VII
PÁSCOA: CRISTO CRUCIFICADO

Páscoa, Ázimos e Primícias eram três festas que estavam juntas em uma, assim como a morte de Cristo por nós e Sua ressurreição por nós e para a glória do Pai, constituem o centro do evangelho e da história humana. Por essa razão, nas prioridades do evangélico, escrevia Paulo aos Coríntios:

"Irmãos, venho lembrar-vos, o evangelho que vos anunciei, o qual recebestes e no qual ainda perseverais; por ele também sois salvos, se retiverdes a Palavra tal como vo-la preguei, a menos que tenhais crido em vão. Antes de tudo vos entreguei o que também recebi: que Cristo morreu pelos nossos pecados, segundo as Escrituras, e que foi sepultado e ressuscitou ao terceiro dia, segundo as Escrituras. E apareceu a Cefas e, depois, aos doze. Depois, foi visto por mais de quinhentos irmãos de uma só vez, dos quais a maioria ainda sobrevive até agora, porém alguns já dormem. Depois, foi visto por Tiago, mais tarde, por todos os apóstolos e, afinal, depois de todos, foi visto também por mim, como por um nascido fora de tempo" (1Co 15:1-8).

Esta é a declaração apostólica mais importante do que constitui primeiramente o Evangelho, no qual podemos ser salvos.

A morte e a ressurreição de Cristo constituem o núcleo evangélico e o centro da história. A festa da Páscoa tem o propósito precisamente de ressaltar esse primeiro aspecto da obra de Cristo. Sua morte,

cujo sangue assegura o perdão dos nossos pecados, interesse de Deus para que possamos nos aproximar, sem impedimento d'Ele. O sangue do Cordeiro colocado na verga da casa do povo do Senhor, era o sinal para Deus de que o juízo não cairia sobre a família, de maneira que estivessem preparados para a libertação da escravidão rumo ao repouso previsto por Deus. O apóstolo Paulo sustenta que "nossa Páscoa, que é Cristo, já foi sacrificada por nós." (1Co 5:7). De maneira que aquela solene festa israelita que recorda a libertação do Egito pelo sangue do cordeiro era uma sombra que sinalizava à vinda do Cordeiro perfeito, a verdadeira páscoa, o Cristo sacrificado por nós.

Assim a primeira prioridade no Evangelho, na Obra do Senhor, é valorizar o significado e o grande precioso sangue de Cristo! Sangue precioso do Verbo encarnado que fala por si mesmo da morte do Cordeiro inocente de Deus como nosso substituto por nossos pecados. É o que devemos compreender, valorizar e anunciar. Sem o sangue de Cristo não há salvação para o homem e nem reconciliação com Deus. Sem aquele precioso sangue tudo está perdido, ele é precioso e necessário para a salvação. Por isto, o Senhor Jesus Cristo estabeleceu o memorial de Sua morte por nós no partir do pão e a benção do cálice do Novo Pacto: "Quantas vezes fizerdes isto, anunciai a morte do Senhor, até que ele venha" (1Co 11:26).

O memorial de Sua morte enfatiza a necessidade de lembrarmos o sacrifício de Cristo, que morreu pelos nossos pecados, e que é só por intermédio

de seu sacrifício, que podemos ter acesso a Deus. Nossa vida depende exclusivamente d'dele, e seu sacrifício nos livra do juízo e do pecado, do mundo e da carne, do diabo, dos principados e potestades, da mesma morte, e a segunda morte, a definitiva.

O pão que partimos é a comunhão do corpo de Cristo, e o cálice da benção que abençoamos é a comunhão de SEU SANGUE (1Co 10:16). Comendo Sua carne e bebendo Seu sangue, palavras que n'Ele são Espírito e vida, teremos **VIDA ETERNA** e nos preparamos para a ressurreição no último dia (Jo 6:48-63).

Consideremos, pois a Sua Pessoa e a Sua obra começando pelo valor do Seu sangue.

VIII
ÁZIMOS: CRISTO COMUNGANDO

Intimamente relacionada com a festa da páscoa, estava a festa dos ázimos, ou seja, a dos pães sem fermento. Uma vez sacrificado **O CORDEIRO PASCOAL**, durante sete dias se celebrava a festa dos ázimos, comendo pães sem fermento. Relacionado a isto escrevia Paulo aos coríntios:

"Lançai fora o velho fermento, para que sejais nova massa, como sois, de fato, sem fermento. Pois também Cristo, nosso Cordeiro pascal, foi imolado. Por isso, celebremos a festa não com o velho fermento, nem com o fermento da maldade e da malícia, e sim com os asmos da sinceridade e da verdade" (1Co 5:7-8).

Cristo disse também aos seus discípulos que se guardassem do fermento dos fariseus e da hipocrisia (Mt 16:6-12). Foi aquele tipo de pão sem fermento que tomou o Senhor na noite da última ceia, e havendo dado graças, o partiu e disse: "Tomai e comei todos d'Ele; isto é o meu corpo que por vós é partido."

Cristo, ao indicar a Si mesmo como este pão ázimo, sem fermento, nos partilhou para que nos assemelhemos e vivamos por Ele, alimentando-nos do pão, o maná celestial que é Ele mesmo, que nos nutre de Si mesmo para a ressurreição espiritual e corporal.

O propósito de Seu sacrifício é indicado na continuação dos ázimos: a comunhão. "A fim de que todos sejam um; e como és tu, ó Pai, em mim e eu em Ti, também sejam eles em nós; para que o mundo creia que Tu me enviaste. Eu lhes tenho transmitido a glória que me tens dado, para que sejam um, como nós o somos; eu neles, e Tu em mim, a fim de que sejam aperfeiçoados na unidade, para que o mundo conheça que Tu me enviaste e os amastes, como também amaste a mim" (Jo 17:21-23).

Desta maneira o que segue ao sacrifício de Cristo é a reconciliação, a comunhão restaurada. Deus quer nossa comunhão com Ele e entre nós; é por isso que toda a Lei se resume nestas palavras: "Amarás o Senhor teu Deus sobre todas as coisas, e com todo nosso ser; e ao próximo como a nós mesmo" (Mt 22:37-39).

A velha massa fermentada de nossa humanidade caída, tomada pela maldade, malícia e hipocrisia, deve ser desprezada a partir do momento em que participamos com Cristo da cruz, crucificados com Ele o velho homem, e reconciliados mediante a crucificação das inimizades em Sua cruz, à qual somos incorporados no poder de Cristo de maneira a possibilitar nossa libertação do pecado. A Páscoa assinala o sangue que nos limpa dos nossos pecados e transgressões, e os Ázimos assinalam a cruz que compartilhada, nos livra do pecado, a saber, do pecado por meio do poder da cruz de Cristo, que tomamos parte, como disse o apóstolo Pedro: "Quem tem padecido na carne, terminou com o pecado" (Pe 4:16).

A vitória de Cristo ao condenar o pecado na carne nos foi repartida pela fé em nossa identificação com Ele em Sua morte e ressurreição, confirmada com o batismo. E como escrevia Paulo: "e ser achado nela, não tendo justiça própria, que procede de lei, senão a que é mediante a fé em Cristo, a justiça que procede de Deus, baseada na fé; para o conhecer, e o poder da sua ressurreição, e a comunhão dos seus sofrimentos, conformado-se com ele na sua morte; para de algum modo, alcançar a ressurreição dentre os mortos." (Fp 3: 9-11). E em Romanos 6:5: "Porque, se fomos unidos com ele na semelhança da sua morte, certamente, o seremos também na semelhança da sua ressurreição."

A comunhão entre Deus e os redimidos se torna possível uma vez que nossos pecados são perdoados e lavados com o sangue de Cristo. Mediante a graça

de Cristo nos tornamos partícipes incorporados de sua cruz., além do perdão, também somos libertos. Esta comunhão, este amor, esta unidade é graças a cruz, que é a prioridade, o propósito da obra redentora de Cristo. Deus quer nossa comunhão, Ele nos reconciliou repartindo a Cristo entre nós, para que uma vez assemelhado, em perfeita comunhão, **SEJAMOS UM**, que é o ingrediente importantíssimo na sua ressurreição.

IX
PRIMÍCIAS: CRISTO RESSUSCITADO

A festa das primícias seguia intimamente ligada à dos ázimos que seguia à páscoa. As Primícias representam a Cristo Ressuscitado: "Mas, de fato, Cristo ressuscitou dentre os mortos, sendo ele as primícias dos que dormem... Cada um, porém, por sua própria ordem: Cristo, as primícias" (1Co 15:20, 23b). E ele é prioritário! E Cristo ressuscitou corporalmente dos mortos e está vivo! E porque Ele vive, nós também vivemos! "Porque já vivo, vós também vivereis" (Jo 14:19b). **PÁSCOA**: por Cristo perdoados; **ÁZIMOS**: por Cristo reconciliados e libertados; **PRIMÍCIAS**: por Cristo ressuscitado e regenerados. Vemos que estas três festas estão interligadas como uma grande festa, pois os aspectos da obra redentora de Cristo são evidenciados: perdão, reconciliação e regeneração, libertação, justificação e santificação. Deus não quer apenas nos perdoar; Ele quer também nos libertar, nos regenerar, e também nos ressuscitar plenamente, como ressuscitou corporalmente a Jesus Cristo, ao

participarmos com Ele, sejamos glorificados. Deus aponta a nossa ressurreição e glória junto d'Ele em Seu Reino. Por tudo isto era necessário também que o Filho do Homem, aquele em quem se resume nossa humanidade, fosse ressuscitado plenamente, a saber, não somente em espírito, mas incluindo também o corpo. Tal ressurreição é o maior milagre da história de Jesus de Nazaré, o Cristo, é a resposta exata ao problema do homem: a morte.

Está ali o problema do homem: a morte! Sua queda é desintegração mortal; depravação, degeneração, degradação, enfermidade, loucura, caos, decomposição, dor corrupção e morte! Separação eterna da fonte da vida eterna, que é Deus. É a morte em todas as suas etapas, da maldição que encontramos em toda parte, e que torna vãs todas as ânsias humanas. Pecar é separar-se de Deus; e separar-se de Deus é morrer. O relato de Gênesis descreve a caída do homem: "Mas da árvore do conhecimento do bem e do mal não comerás; porque, o dia em que dela comeres, certamente morrerás... Portanto obedeceste a voz de tua mulher, e comeste da árvore de que te mandei, dizendo: Não comerás dela; maldita será a Terra por tua causa; com dor comerás dela todos os dias de tua vida. Ela produzirá cardos e abrolhos e tu comerás a erva do campo. No suor do rosto comerás o teu pão, até que tornes a terra, pois dela foste formado; porque tu és pó e ao pó tornarás" (Gn 2:17; 3:17-19). Está aqui hoje em nós e ao nosso redor. O verdadeiro cumprimento desta sentença verdadeira dada ao homem, que loucamente pretendeu ser independente de DEUS: a morte!

Porém não nos abandonou sem esperança; eis que a Semente da mulher ferirá a cabeça da serpente (Gn 3:5); "está aqui: a virgem conceberá e dará a luz um filho, e se chamará seu nome Emanuel" (Is 7:14). Deus conosco, tomando humanidade da mulher, a Virgem Maria, feriu a cabeça da antiga serpente, ao instigador e imperador da morte. Por não pecar, Jesus não se separou do Pai, e trás Sua morte por nós, Deus o ressuscitou testificando Sua filiação e santidade; então nos deu por vida, ressurreição e glória. A ressurreição foi, a morte da morte. Em viver por Sua ressurreição, na lei do Espírito de vida em Cristo Jesus, consiste a liberdade, a dignidade e a restauração; da qual operando desde o íntimo de nosso espírito agora regenerado como filhos de Deus, converte nossa alma e domina nosso corpo, sujeitando-nos à vontade do Pai, em maravilhosa aliança que nos dá ao Espírito Santo com primícias e antecipação, desde aqui na Terra, crescendo em nós e fortalecendo-nos até a estatura que ocupará no Reino Vindouro.

A ressurreição de Jesus Cristo é o **fundamento essencialíssimo**! Sem precursor não haverá precursados. Consta-nos que Ele ressuscitou! Primeiro, pelo testemunho verdadeiro e legítimo do Espírito Santo e das Testemunhas; e também, pelo resultado de Sua operação atual em nossas vidas. Testemunhas de primeira magnitude, tais são seus apóstolos: Pedro, João, Tiago, Mateus, Judas Tadeu, que comeram com Ele depois que ressuscitou dos mortos, de quem cujas palavras e escritos nos tem conservado a Providência Divina; além de Paulo, também Silvano, Lucas, Marcos e

todos os que receberam o Testemunho direto das mesmas testemunhas oculares e escreveram com a qual se robustecem a tradição ininterrupta até nossos dias. Os doze apóstolos e mais de quinhentos irmãos testificaram que viram o Senhor vivo, depois de padecer; como também Paulo, e não faltam testemunhos posteriores.

Testemunhas de Sua operação atual são todos os cristãos verdadeiramente regenerados; que por virtude d'Ele têm sido libertados de uma vida de pecado, e vivem hoje na verdadeira santidade. Enfatizemos, pois a perfeita e completa ressurreição de Jesus Cristo.

Faz-se necessário em nossos dias estar avisados contra certas pessoas que negam a ressurreição corporal do Senhor; inclusive religiosos.

Por exemplo, os russelistas para justificar uma suposta vinda invisível de Cristo em 1914, "Celestializada," negam sua ressurreição corporal. Por esta causa nos detemos em assinalar como de suma importância o reconhecimento de Sua ressurreição corporal. Paulo Escrevia aos romanos: "Se, com a tua boca, confessares Jesus como Senhor e, em teu coração, creres que Deus o ressuscitou dentre os mortos, serás salvo" (Rm 10:9). Se enfatiza a Pessoa e a Obra. A salvação está implicada profundamente no relato à ressurreição de nosso Senhor Jesus Cristo. Como diz Paulo, se Cristo não ressuscitou, somos os mais infelizes de todos os homens (1Co 15:12-20). Mas, Sua ressurreição é que dá sentido escatológico a toda nossa vida.

Enquanto foi corporal Sua ressurreição, nos testifica também João ao referir-se a seu corpo na seguinte passagem: "Replicaram os judeus: Em quarenta e seis anos foi edificado este santuário, e Tu, em três dias, o levantarás? Ele, porém, se referia ao santuário do seu corpo. Quando, pois, Jesus ressuscitou dentre os mortos, lembrara-se os seus discípulos de que ele dissera isto; e creram na Escritura e na palavra de Jesus" (Jo 2:20-22). E efetivamente, também Pedro, testificando da ressurreição, cita a Escritura: "A minha própria carne repousará em esperança; porque não deixarás a minha alma na morte, nem permitirás que Teu Santo veja corrupção" (Sl 16:9-10; At 2:26-27). E Pedro, na casa de Cornélio, com as Chaves do Reino lhes abria também aos gentios as portas testificando: "A este (a Jesus) ressuscitou Deus no terceiro dia e fez que se manifestasse; não a todo o povo, mas as testemunhas que Deus havia ordenado de antemão, a nós que comemos e bebemos com ele, depois que ressuscitou dos mortos (At 10:40-41). É pela corporalidade de Sua ressurreição que também Lucas em tal contexto registra com todo detalhe: "Falavam ainda estas coisas quando Jesus apareceu no meio deles e lhes disse: Paz seja convosco! Eles, porém, surpresos e atemorizados, acreditavam estarem vendo um espírito. Mas ele lhes disse: Por que estais perturbados? E por que há dúvidas no vosso coração? Vede as minhas mãos e os meus pés, que sou eu mesmo; apalpai-me e verificai, porque um espírito não tem carne nem ossos, como vedes que eu tenho. Dizendo isto, mostrou-lhes as mãos e os pés. E, por não acreditarem, eles ainda por causa da alegria, e estando admirados, Jesus lhes

disse: Tendes aqui alguma coisa que comer? “Então lhe apresentaram um pedaço de peixe assado [e um favo de mel]. E ele comeu na presença deles” (Lc 24:36-43).

Em seguida, João narra o incidente de Tomé, que foi expressamente convidado a meter o seu dedo na marca dos cravos, e a mão no seu lado aberto pela lança do centurião (Jo 20:24-29). Por isso o apóstolo João falava de “O que temos visto com os nossos próprios olhos, o que temos contemplado, e as nossas mãos apalparam” (1Jo 1:1). Assim que Jesus levantou no terceiro dia, Sua carne não viu corrupção, e ressuscitado assim corporalmente comeu e bebeu, e foi visto e apalpado por testemunhas que deram sua vida por esta afirmação. Então ascendeu e Ele mesmo prometeu voltar. E “se cremos que Jesus morreu e ressuscitou, assim também trará Deus com Jesus aos que dormem n’Ele” (1Ts 4:14). E Jesus está, pois vivo! E tratemos d’Ele!

X
PENTECOSTE: CRISTO GLORIFICADO

Jo 7: 37-39: No último dia e grande dia da festa, Jesus se pôs de pé e exclamou: Se alguém tem sede, venha a mim e beba. E quem crê em mim, como disse a Escritura, de seu interior fluirão rios de água viva. Isto ele disse com respeito ao Espírito que haviam de receber os que nele cressem; pois o Espírito até aquele momento não fora dado, porque Jesus não havia sido ainda glorificado.

De maneira que era necessário que o Senhor Jesus fosse glorificado para que o Espírito Santo pudesse ser derramado sobre toda carne. Efetivamente, como disse o apóstolo Pedro: "A este Jesus Deus ressuscitou, do que todos nós somos testemunhas. Exaltado, pois, à destra de Deus, tendo recebido do Pai a promessa do Espírito Santo, derramou isto que vedes e ouvis" (At 2:32-33), e em seguida os estende aos presentes, a seus filhos, a todos os que estão longe e a quantos o Senhor nosso Deus chamar, ao anúncio importante da promessa divina: o dom do Espírito Santo, para que todo aquele que crendo no Senhor Jesus Cristo como Filho de Deus, Senhor e Cristo, o receba arrependendo-se e batizando-se (At 2:38-39). É por isso que o Senhor Jesus disse: "Convém-vos que eu vá, porque, se não for, o Consolador não virá para vós outros; mas se eu for, eu vo-lo enviarei. Quando ele vier, convencerá o mundo do pecado, da justiça e do juízo: do pecado, porque não crêem em mim; da justiça, porque vou para o Pai, e não me verás mais. Do juízo, porque o príncipe deste mundo já está julgado. Tendo ainda muito que vos dizer, mas vós não o podeis suportar agora; quando vier, porém o Espírito da Verdade, e ele vos guiará a toda a verdade; porque não falará por si mesmo, mas dirá tudo o que tiver ouvido e vos anunciará as coisas que hão de vir. Ele me glorificará, porque há de receber do que é meu e vo-lo há de anunciar. Tudo quanto o Pai tem é meu; por isso é que vos disse que há de receber do que é meu e vo-lo há de anunciar" (Jo 16:7b-15).

Assim é de fundamental importância, já que Jesus foi glorificado, beber de Seu Espírito Santo

derramado, pois as coisas que Jesus não falou claramente aos discípulos quando esteve na terra, prometeu fazê-las através de Seu Santo Espírito; e fez na revelação dada por meio de seus apóstolos, segundo consta e se confirma no Novo Testamento; o pacto cuja vida íntima nos é comunicada na virtude do Espírito que nos é dado para conhecer o profundo de Deus e o que nos tem concedido (1Co 2:7-16).

Jesus foi para a Glória do Pai, enviou Seu Espírito Santo para tomar Seu lugar dentro de cada um de Seus filhos. Deus está muito interessado em que sejamos e permaneçamos cheios de Seu Santo Espírito, pois é somente por Sua operação que chegamos a entender e a ser partícipes da obra de Deus por Cristo. O dom do Espírito Santo é algo mais que perdão e libertação; é Vida e Unção. A festa de Pentecostes, cujo Espírito de Deus desceu como um vento forte para capacitar a Igreja, revelando-nos este sobreexcelente aspecto da obra de Cristo: derramar, por Ele, do Pai, o Espírito Santo, disponível para toda carne; a saber, dado a qualquer pessoa que o solicite e pela fé o receba obedecendo, de modo que confiadamente pode contar com Ele, em tudo o que requer o caminho da boa vontade de Deus, agradável e perfeita.

Deus quer que saibamos, e nos revela com Pentecostes que Seu Filho tem sido glorificado, feito Senhor e Cristo, pelo qual já não há nada que impeça que Seu Espírito opere em nós com Sua redenção; a saber, que já podemos participar da plenitude de Sua vitória. O Filho, que vem em

o nome do Pai, já morreu por nós, e depois de seu sepultamento ressuscitou corporalmente ao terceiro dia em incorrupção; então ascendeu para ser glorificado, e por Sua intermediação, Deus pode habitar no nosso interior, cuja vida nos restaura e nos devolve a Sua imagem e semelhança profanada com a queda. Também o Espírito que levantou a Jesus dos mortos, vivificará nossos corpos mortais (Rm 8:11) fortalecendo e ressuscitando-nos como a Jesus, no último dia, corporalmente também. O Espírito Santo está hoje conosco em o nome de Cristo, Tomando o Seu lugar, e é fundamental uma estreita relação com Ele.

Por Sua morte na cruz, Cristo nos tem purificado com Seu sangue, perdoando-nos, e nos tem libertado ao incorpora-nos n'Ele à crucificação do velho homem, mediante Sua ressurreição a uma nova criação, dentro da qual somos regenerados, justificados e santificados n'Ele. Porém além de enviar Seu Santo Espírito para nos ungir e nos capacitar e antecipar para o século vindouro, de modo que o sirvamos hoje, como Igreja, na edificação de Seu Corpo e promoção de Seu Reino. Quão importante é o trabalho do Espírito Santo! Ao mundo convence do pecado, justiça e juízo, e nos guia ao arrependimento; revela o Senhorio de Cristo (1Co 12:3) e nos participa da obra de salvação; faz habitar em nós o Pai e o Filho, e Ele mesmo nos unge para nos ensinar todas as coisas e nos guiar a toda verdade, recordar os ensinamentos de Cristo, faz operar Sua Lei espiritual da vida que nos liberta do poder da operação da lei do pecado e da morte em nossa carne e natureza adâmica, contrapondo-se nosso

espírito a vitória de Cristo; nos renova sujeitando nossos membros à disposição da justiça; produz o fruto que é ao mesmo tempo amor, gozo, paz, benignidade, domínio próprio, fé, mansidão, bondade, verdade, justiça; e nos concede dons espirituais; dirige também, em nome de Cristo, a obra de Deus, e nos integra ao corpo de Cristo que é um (Jo 14:15-26; Rm 8:1-7;6:13; Tt 3:5,6; Gl 5:16-25; 1Co 12:4-11; Ef 5:9; At 8:29; 10:19; 13:2-2; 15:28; 20:22; 1Tm 4:1; 1 Pe1: 10-12; 1Jo 2:20,27; Ap 1:10; 1Co 12:13). É, pois, de vital importância receber de Deus por Cristo o Espírito Santo.

O Espírito Santo é o próprio Deus; é o Espírito de Deus que procede do Pai inspirado no amor pleno e pessoal, autor; a saber, é Deus que se entrega como pessoa. O Pai ama o Filho, e o Filho ao Pai com este amor pessoal que é tal qual o Pai e o Filho, subsiste eternamente na mesma essência divina. Pelo Filho nos é derramado o Pai, o Espírito Santo que nos faz participar da natureza divina mediante Suas promessas, entre as quais: o dom do Espírito mesmo sem medida como dom (2Pe 1:4; At 2:38-39). (Isto é para muitos mais do que só falar em outras línguas, o profetizar; é para que conheçamos que o Filho está no Pai, e nós no Filho, e o Filho em nós; e o que tem o Filho tem também o Pai (Jo 14:17-20). Por intermédio de Cristo teremos entrada a um mesmo Espírito e ao Pai, que nos leva a formar a Sua casa, o Templo de Sua plenitude, e Sua família (Ef 2:18-22); e pela semelhança de Cristo: osso de seus ossos e carne de sua carne (Ef 5: 30, 32).

E da mesma maneira como o perdão e a libertação que recebemos por fé revelada, também por essa mesma fé se recebe o Espírito Santo: "Isto ele disse com respeito ao Espírito que haviam de receber os que nele cressem" (Jo 7:39); "a fim de que recebêssemos, pela fé, o Espírito prometido" (Gl 3:14). Para Deus é importante que ao recebermos a Cristo, confiemos que também podemos contar com Seu Espírito Santo; e devemos recebê-lo igualmente bebendo d'Ele por fé; os apóstolos podiam impor as mãos depois de orar pela recepção do Espírito pelos novos convertidos. Ele prometeu batizar-nos com o Espírito Santo e fogo (At 1:5; 11:16). Houve na Igreja, além da Páscoa, também Pentecostes, pois Jesus já foi glorificado.

XI
TROMBETAS: CRISTO ANUNCIADO

Mas, que efeito experimentamos da Obra de Cristo se não a conhecemos? Como aproveitá-la se não temos notícia dela: Como confiar em Sua obra e crer nas Suas promessas, se não temos alcançado a oportunidade de conhecer e participar (que é o verdadeiro conhecer) do Evangelho de Jesus Cristo? É por isso que também o aspecto fundamental de Sua obra é **ANUNCIAR**; para isto o Pai enviou o Filho (Ef 2:17), e Este à Igreja uma vez que esteja ungida pelo Espírito. Assim na obra de Cristo, depois de Sua morte, ressurreição, ascensão e envio do Espírito Santo, segue o imprescindível **ANÚNCIO.** Depois da festa de Pentecoste seguia a festa das Trombetas; e assim também estabeleceu Jesus: "mas recebereis

poder, ao descer sobre vós o Espírito Santo, e sereis minhas testemunhas tanto em Jerusalém como em toda a Judéia e Samaria e até aos confins da Terra" (At 1:8). **Pentecostes**, então, **Trombetas**.

No contexto bíblico, as trombetas servem para anunciar, congregar, declarar juízo; e isto precisamente é o que tem anunciado o evangelho de Cristo: anuncia-lhe para congregar n'Ele o Seu povo, e para abandonar sem escusa ao mundo pecador (Jo 15:22). Anunciar a Cristo é muito importante, e é a razão da comissão que recebeu toda a igreja, segundo o escreve o apóstolos Pedro: "...povo de propriedade exclusiva de Deus, a fim de proclamardes as virtudes daquele que vos chamou das trevas para sua maravilhosa luz" (1Pe 2:9). Todo o povo de Deus deve anunciar o evangelho. Vejamos o exemplo que da igreja primitiva nos deixou registrado em Atos 11:19-21: "Então, os que foram dispersos por causa da tribulação que veio a Estevão se espalharam até a Fenícia, Chipre e Antioquia, não anunciando a ninguém a palavra, senão somente aos judeus. Alguns deles, porém, que eram de Chipre e de Cirene e que foram até Antioquia, falaram também aos gregos, **anunciando-lhes o evangelho do Senhor Jesus Cristo**. A mão do Senhor estava com eles, e muitos, crendo, se converteram ao Senhor." Cada um deve, pois, Testemunhar ao menos aos de sua mesma condição. Para a perfeição de tal ministério de todos os santos, e para não anulá-lo nem monopolizá-lo foi por isto que Cristo constituiu apóstolos, profetas, evangelistas, pastores e mestres (Ef 4:11 – 12), e isto até que todos cheguemos à unidade da fé e

do conhecimento do Filho de Deus, à estatura do Varão perfeito. Por essa razão, toda a igreja local, ao partir juntos o pão e abençoar o cálice, anuncia a morte do Senhor até que Ele venha (1Co 10:16;17; 11; 26). Por isso também **cada um** tem: o salmo, a doutrina, a revelação, a língua, a interpretação (1Co 14:26), e **cada um** deve ministrar uns aos outros, cada um conforme a graça de Deus (1Pedro 4:10,11). Por esta razão também, havia em Israel duas trombetas: uma para o ministério especial dos Anciãos; e outra para todo o povo. Mas de qualquer maneira, se Cristo era anunciado, Paulo se alegrava, como escreve aos Filipenses: "Alguns, efetivamente, proclamam a Cristo, por inveja e porfia; ou outros, porém, o fazem de boa vontade; estes, por amor; sabemos que estou incumbido da defesa do evangelho: aqueles pregam a Cristo por discórdia, insinceramente, julgando suscitar tribulação às minhas cadeias. Todavia, que importa? Que não obstante, de todas as maneiras, quer por pretexto ou, por verdade, **Cristo é anunciado**; e com isto me regozijo, sempre me regozijarei" (Fl 1:15-18). Está aqui, pois o indiscutível e grande ministério da piedade: "Foi manifestado na carne, justificado no Espírito, contemplado por anjos, **pregado entre os gentios**, crido no mundo, recebido na glória" (1Tm 3:16b).

Que as Trombetas dêem, pois som certo (1Co 14:8) para que ao anunciar-se a Cristo, a participação da fé seja eficaz, no conhecimento espiritual de todo o bem que está em nós por Cristo Jesus (Fm 1:6).

XII
EXPIAÇÃO: CRISTO ADVOGADO

Assim como a páscoa nos recorda o sacrifício de Cristo feito uma vez para sempre pelo qual fomos libertados do Egito espiritual, assim também a festa da expiação nos apresenta a aplicação permanente do preço pago por Aquele que continuamente intercede por nós. Cada ano Israel devia se colocar debaixo da proteção da expiação; a qual nos ensina a necessidade de vivermos cobertos pelo sangue do cordeiro, para podemos chegar a Deus mediante o único mediador entre Deus e os homens: Jesus Cristo homem.Este aspecto de Cristo, como advogado, mediador e intercessor, como sacerdote perpétuo segundo a ordem de Melquisedeque é fundamental, pois ainda que tenhamos sido salvos, libertos e regenerados, e ainda que já temos recebido Seu Espírito, e estejamos servindo ao Senhor, ainda assim a queda nos possibilita falhar, de cometer um erro involuntário, de descuidarmos e desfalecer; cair, mas não precisamos ficar prostrados e sem esperança, pois havendo nos arrependido, acheguemos a Deus por meio de **nosso advogado intercessor**, para recuperar nossa comunhão perdida. Como nos diz a carta aos Hebreus: "Ora, o essencial das coisas que temos dito é que possuímos tal sumo sacerdote, que se assentou à destra do trono da Majestade nos céus," como ministro do santuário e do verdadeiro tabernáculo que o Senhor erigiu, não o homem (8:12). E em Hebreus 4:14-16 nos disse: "Tendo, pois, a Jesus, o Filho de Deus, como grande sumo sacerdote que penetrou os céus conservemos firmes a nossa confissão." Porque não

temos sumo sacerdote que não possa compadecer-se das nossas fraquezas; antes, foi ele testado em todas as coisas, à nossa semelhança, mas sem pecado. "Acheguemo-nos, portanto, confiadamente, junto ao trono da graça, a fim de recebermos misericórdia e acharmos graça para socorro oportuno em ocasião oportuna.

O apóstolo João explica (1Jo 2:12): "Filhinhos meus, estas coisas vos escrevo para que não pequeis. Se todavia alguém pecar, temos Advogado junto ao Pai; Jesus Cristo, o Justo; e ele é a propiciação pelos nossos pecados e não somente pelos nossos próprios, mas ainda pelos do mundo inteiro."

O Verbo que no princípio estava com Deus, e era Deus, se fez carne, homem semelhante a nós (Jo 1:12; Fp 2:5-8) e foi tentado em tudo conforme a nossa semelhança saindo vitorioso e aprendendo a obediência pelo sofrimento (Hb 4:15; 5:8); como Verbo feito Homem e como homem morreu e ressuscitou e se assentou à destra da Majestade como mediador e advogado como Homem, além disso Senhor; se, Jesus Cristo Homem, feito Sumo Sacerdote para sempre segundo a ordem de Melquisedeque no poder de uma vida indestrutível, de modo que se compadecendo de nossas debilidades, havendo sido Ele também tentado, pode interceder perpetuamente a nosso favor; é por isso que João em sua primeira carta nos escreve que "o sangue de Jesus Cristo seu Filho nos purifica de todo pecado;" a saber, que enquanto permaneçamos na fé de Jesus Cristo e com a decisão de realizar a vontade do Pai, Deus nos mantém cobertos continuamente debaixo do

sangue do Cordeiro, vendo-nos através de Seu Filho Jesus Cristo.

Agora, bem, até quando durará a graça de Deus? Portanto, devemos conhecê-lo, pois falsos profetas têm-se levantado proclamando o fim da graça; mas, enquanto a dádiva estiver no santuário e o sangue no propiciatório, o trono é da graça e não do Juízo. Isto no caso de não ofender ao Espírito de Graça. E posto que Jesus é essa dádiva, no Santíssimo como nosso representante e precursor, e em nós pela vinda de Seu Espírito, então, enquanto Ele está no Santuário à destra do Pai, como Homem, a porta da graça permanece aberta; e Ele está sentado ali até que todos os seus inimigos, incluindo o último, a morte, sejam postos debaixo das plantas de seus pés (Sl 110:1; Mc 16:19; At 3:21). E ainda em Romanos 8:34: "Quem os condenará? É Cristo Jesus quem morreu ou, antes, quem ressuscitou, o qual está à direita de Deus e também intercede por nós" (1Co 15:25-28; Cl 3:1-4; 1Tm 2:5; Hb 10:12,13). Portanto, chegará a hora em que os que são d'Ele serão transformados e ressuscitados vencendo o último inimigo, no momento em que tiver deixado a destra do Pai para vir como Deus e homem em glória e majestade, para dar retribuição. Até esta hora, a porta da graça estará aberta devido à presença do Cordeiro expiatório no Santíssimo. Ele é o Sumo Sacerdote para sempre (Hb 7:21). Ainda durante a Grande Tribulação muitos lavarão suas vestiduras espirituais no sangue do Cordeiro (Ap 7:14).

XIII
TARBENÁCULO: CRISTO ESPERADO

A festa das Cabanas ou dos Tabernáculos era a última do ano, cheia de regozijo, e se levava ao fim depois da colheita. Os israelitas deixavam as casas que habitavam e moravam em tabernáculos, assinalando com isso seu caráter de peregrinos. Foi no último dia da festa dos Tabernáculos em que Jesus se pôs de pé e convidou a Si e ao povo. Com esta festa, a sétima, se completa o círculo, e como sombra de Cristo, nos revela a Ele regressando. A segunda vinda de Cristo é a que dá sentido escatológico a todo o caminhar cristão. A segunda vinda de Cristo é a meta do nosso peregrinar, pois ali nos encontraremos definitivamente com Ele para estarmos sempre a seu lado. É, pois, tempo da colheita e de grande regozijo, quando deixarmos nossa morada terrestre, seremos transformados e arrebatados. Também, se nossa morada terrestre se desfizer antes daquele dia, teremos um tabernáculo não feito por mãos, eterno nos céus (2Co 5:1).

A festa dos Tabernáculos aponta em direção ao estabelecimento definitivo do Reino; por isso profetizou Zacarias: "E todos os que sobreviverem de todas as nações que vieram contra Jerusalém, subirão de ano em ano para adorar o Rei, a Jeová dos Exércitos, e a celebrar a festa dos Tabernáculos" (14:16). Para os cristãos, o perder sua vida neste mundo aponta para o regresso de Cristo. Ele prometeu voltar, e esta é a razão da conduta cristã. Seu regresso é nosso maior estímulo, e a segunda vinda de nosso Senhor Jesus Cristo é de

fundamental importância. Devemos ter esperança na certeza de que Seu regresso está próximo. Ele prometeu assim:

"Vou, pois preparar lugar para vós. E se eu for e vos preparar lugar, venho outra vez, e os tomarei para mim mesmo, para que onde eu estou, estejais vós também" (Jo 14:2b, 3).

Mesmo que Ele já tenha voltado em Espírito desde Pentecostes para nos unir com Ele em lugares celestiais, também regressará corporalmente em glória e majestade. Devemos assim mesmo compreender que é o mesmíssimo Verbo feito carne, Jesus de Nazaré, o que regressará em glória e majestade, com esse mesmo corpo, agora incorruptível e glorificado, com o que foi crucificado e ressuscitado corporalmente, apalpado assim por seus discípulos, e ascendido à glória. Quando Ele ascendeu corporalmente à vista de seus discípulos, os anjos lhe disseram: "Varões galileus, por que estais olhando para o céu? Este mesmo Jesus que dentre vos foi assunto ao céu virá do modo como o viste subir" (At 1:11). Em Sua vinda todo o olho verá (Ap 1:7), pois vem com poder e glória nas nuvens (Mt 24:30) para dar retribuição (2Ts 1:7,8) e estabelecer definitivamente o Reino dos Céus. Isto deveria nos bastar para não nos deixar enganar pela multidão de falsos cristos, que em cumprimento às profecias de Jesus acerca de falsos profetas e falsos messias, hão de aparecer ultimamente ao derredor do mundo enganando a muitos (Mt 24:4,5,11, 23-27; Mc 13:5,6,21-23; Lc 17:22-26; 21:8).

Em sua vinda nas nuvens, nós os seus que o esperamos, o receberemos transformados, junto com os justos ressuscitados no céu; e desceremos juntos para julgar e reinar com Ele (1Ts 4:15-17). Esta é a grande esperança que Deus tem colocado diante de nós, e pela qual lutamos. Com a segunda vinda de Cristo, termina o curso da história universal em seus aspectos humanos; e então toma lugar o aspecto divino da economia celestial. Enfatizemos, pois, todos os aspectos da obra de Cristo.

PARTE III

"... quais são os primeiros rudimentos das palavras de Deus...;
os rudimentos da doutrina de Cristo...
o fundamento do arrependimento de Obras mortas, da doutrina de batismo, da imposição de mãos, da ressurreição dos mortos e do juízo eterno."

Hb 5: 12b; 6:1b, c, 2

XIV
OS PRIMEIROS RUDIMENTOS

Tendo em conta a Pessoa e a Obra de Cristo, compreendamos a razão de Sua doutrina, que nos apresenta também com certa ordem, a saber, atendendo às prioridades e iniciando pelos primeiros rudimentos da Palavra de Deus, segundo a carta aos Hebreus (5:12). Recordemos que no capítulo V acerca de "A Doutrina" comparávamos com Hebreus 6:12 aquelas coisas que constituíam os rudimentos da doutrina de Cristo; o fundamento do arrependimento de obras mortas, a fé em Deus, a doutrina de batismos, imposição de mãos, ressurreição de mortos e juízo eterno. E efetivamente, se consideramos as declarações de Mateus e Marcos, resume-se o início do conteúdo da pregação de Jesus Cristo quando começou a percorrer a Galiléia e os arredores ensinando nas sinagogas, e estabelecendo o fundamento de Seus ensinamentos, veremos nas saudosas declarações (Mt 4:17; Mc 1:14,15) que o conteúdo fundamental era arrependimento e fé, unidos à expectativa escatológica do Reino. De maneira que realmente podemos deduzir do resumo de Mateus e Marcos sobre o conteúdo de seus primeiros ensinamentos, que o anunciado em Hebreus 6:1, 2 era realmente os primeiros rudimentos da doutrina de Cristo.

Jesus dizia: "Arrependei-vos, porque o reino dos céus é chegado" (a nós) (Mt 4:17). "O tempo está cumprido, e o reino de Deus está próximo; arrependei-vos, e credes no evangelho" (Mc 1:15). Vemos que o arrependimento era ingrediente

fundamental; e: "Credes no evangelho," a fé em Deus o era também. E enquanto a batismos, imposição de mãos, ressurreição dos mortos e juízo eterno, está inserido no resumo da frase: "O reino dos céus está próximo, pois ressurreição e juízo estão intimamente relacionados ao Reino; e batismo, também, no relativo à entrada ns Reino; a imposição de mãos tem a ver com a autoridade do Reino que se introduz e promove.

Resulta, pois, convenientemente começar com Jesus, e da maneira como fizeram os apóstolos. Consideremos então um pouco mais detalhadamente cada um destes "ingredientes," a saber os primeiros rudimentos da palavra de Deus, da doutrina de Cristo; pois, ainda Hebreus 6:1, 2, exorta a igreja ir adiante à perfeição deixando já os primeiros rudimentos, conduzindo-se, segundo o capítulo 5, verso 12, aos **que deviam** ser **já mestres**; não obstante, aqueles que apenas começam e dos que não se deve esperar ser ainda mestres (1Tm 3:6), deve-se começar primeiramente colocando o fundamento.

XV
ARREPENDIMENTO

O primeiro chamado do evangelho é ao arrependimento; sem arrependimento não há evangelho. O chamado à fé inclui o arrependimento. A palavra grega que traduz arrependimento é *metanoia* [μετάνοια], de "meta," mudança e "nous," mente; tem a haver com uma mudança de mente,

como em Provérbios 23:7: "Como é seu pensamento em seu coração, tal é ele." A pessoa se comporta segundo o ânimo com que enfrenta a vida, e tal ânimo é segundo o seu pensamento. Não pode mudar a conduta enquanto se tenha no coração uma atitude negativa e de inimizade contra Deus. O propósito do evangelho é a reconciliação do homem com Deus, com os demais homens e com o resto da criação. Daí a necessidade de uma *metanoia*, a necessidade de um verdadeiro arrependimento, uma mudança de atitude em relação a Deus, aos homens e a natureza.

Deus, neste tempo, manda a todos os homens, em todo lugar, que se arrependam, pois tem estabelecido um dia de juízo (At 17:30,31). A introdução do evangelho é esta: "**Arrependei-vos** porque o reino dos céus está próximo (a nós)" (Mt 4:17); isto é o que começou a pregar Jesus, e o que mandou a seus apóstolos pregar. "Foi necessário que o Cristo padecesse e ressuscitasse dos mortos no terceiro dia; e que se pregasse em seu nome o **arrependimento** e o perdão de pecados em todas as nações, começando desde Jerusalém" (Lc 24:46, 47). Jesus declarou: "Se não vos arrependerdes, todos igualmente perecereis" (Lc 13:5); e o apóstolo Pedro, com as chaves do Reino, quando foi perguntado pelo que havia de fazer, abriu às portas com a emocionante declaração: "**Arrependei-vos**, e batizai cada um de vós em nome de Jesus Cristo para perdão dos pecados; e recebereis o dom do Espírito Santo" (At 2:38); e na porta chamada a Formosa, declarava: "Arrependei-vos e convertei-vos, para que sejam cancelados os vossos pecados; para que venham da presença do Senhor tempos de refrigério" (At 3:19, 20a).

Não podemos começar a edificar o Reino de Deus sem arrependimento. Só pessoas arrependidas entram no Reino; não pode ter entrada quem permanece na dureza do coração contra Deus e os homens, destruindo a terra, sem reconhecer seus pecados e teimando soberbamente em suas ofensas ao Criador e as suas criaturas. Arrependimento significa o reconhecimento de nossa culpa, unido a uma confissão desta; pedindo perdão a Deus, ou também aos homens em caso de tê-los ofendidos; então, com sinceridade e honestidade, decidir se livrar do pecado com a ajuda de Deus, a não mais praticá-lo, procurando no possível restituir o dano, tenha sido este contra a confiança, a honra, os bens, ou qualquer outra coisa. Todo pecado, injustiça ou transgressão deve alcançar nosso arrependimento, pois estúpido seria esconder certos pecados, áreas de nossas vidas que não queremos tratar, confessando apenas aqueles que nos escravizam menos. Devemos ser drásticos e honestos com nós mesmos, tendo confiança e esperança na Sua graça divina. O arrependimento é uma atitude íntegra, de todo coração que se volta à busca da perfeita vontade de Deus, apesar de nossa debilidade.

É através da graça de Deus que o Espírito Santo nos convence do pecado, da justiça e do juízo; é Deus quem nos concede o arrependimento (2Tm 2:25). Por isso, ante nossa vileza e dureza, devemos levantar os olhos a Deus pedindo que Sua graça nos converta (Jr 31:18). Enquanto tenhamos consciência da responsabilidade, elevemos a Deus a súplica para que não nos abandone em nossos pecados, mas que nos fortaleça para o

arrependimento. Sua graça, que não tem impedido nossa responsabilidade, possibilitará nossa sincera conversão.

O arrependimento não é uma experiência de uma só vez, mas que deve ser a experiência imediata ante qualquer caída; também à Igreja chama-lhe ao arrependimento (Ap 2:5,16,22; 3:3,19), e muito mais quando sabemos que não só temos ação de pecados, mas também de omissão, a saber quando devemos fazer o bem, não o fazemos (Tg 4:17).

O afastamento voluntário de Cristo nos expõe ao mundo, e ao pecado, e afasta a possibilidade de um futuro arrependimento (Hb 6:4-8; 10:26-31); pelo qual, a Igreja, a saber, cada cristão, não deve deixar seu coração endurecer pelo pecado (Hb 3:12,13). A morada de Deus é um espírito **contrito** e humilhado, o qual não será d'Ele desprezado (Sl 34:18; 51:17; Pr 16:19; 29:23; Ec 7:86; Mq 6:8).

XVI
FÉ EM DEUS

"Sem fé é impossível agradar a Deus; porque é necessário que aquele que se aproxima de Deus creia que ele existe, e que é galardoador dos que o buscam" (Hb 11:6). O chamado de Deus começa, pois, com um chamado à fé: "Crede no evangelho" (Mc 1:15). Deus, nos pede que tenhamos confiança n'Ele. Na base de nossa fé estão os **ATOS** históricos da **REVELAÇÃO** de Deus; Deus se tem revelado a Si mesmo, e sobre esse testemunho histórico descansa

nossa fé; (histórico, não só referido ao passado, mas a contínua intervenção de Deus na História, na vida das pessoas). A fé vem, pois, pelo ouvir a Palavra de Deus (Rm 10:17). Para invocar a Deus confiando n'Ele, pois é necessário que ouçamos d'Ele primeiro: "Ouvi-me atentamente, e comei o que é bom, se deleitará vossa alma com finos manjares. Inclinai os ouvidos e vinde a mim; ouvi, e a vossa alma viverá; e farei convosco uma aliança perpétua, que consiste nas fiéis misericórdias prometidas a Davi" (Is 55: 2b, 3). Ouçamos, pois, agora para conhecer os Atos de Deus; o **testemunho que Ele tem dado**, e dá, de Sim mesmo, gera em nós a fé; então temos confiança para invocá-lo e receber d'ELE o que nos tem prometido, pois foi Sua a iniciativa de colocar tal esperança diante de nós. Por isso tornou antes EVIDENTE Seu poder e deidade **mediante a criação** (Rm 1:19, 20), e vemos Seus vestígios dentro de nossa própria consciência (Rm 2:14-16).

Por isso também falou aos homens pelos Seus escolhidos e pregadores como Enoque, Noé, Abraão, Moisés e os profetas; mas principalmente, no cumprimento do Tempo, e em atenção a Seus anúncios proféticos, nos falou por Seu Filho Jesus Cristo (Hb 1:1, 2), o qual depois de ascender à glória, enviou Seu Espírito Santo à Igreja, que desde os apóstolos, é depositária do Testemunho Divino e da Palavra da Fé:

"Aquele que crê no Filho de Deus tem, em si, o Testemunho. Aquele que não dá crédito a Deus o faz mentiroso, porque não crê no Testemunho de Deus acerca do seu Filho. "E o Testemunho é este:

que Deus nos deu a vida eterna; e esta vida está no seu Filho. “Aquele que tem o Filho tem a vida; aquele que não tem o Filho de Deus não tem a vida” (1Jo 5:10-12). E “Esta é a palavra de fé que pregamos: Se, com a tua boca, confessares Jesus como Senhor e, em teu coração, creres que Deus o ressuscitou dentre os mortos, serás salvo. Porque com o coração se crê para justiça e com a boca se confessa a respeito da salvação. Por quanto a Escritura diz: Todo aquele que nele crê não será confundido, todo aquele que invocar o nome do Senhor, será salvo (Rm 10: 8b-11, 13).

Para invocar tem que crer, e para crer, ouvir; e para que ouçamos, nos foi enviado Testemunho (Rm 10:14-17), e este é, pois, que Jesus de Nazaré, o Cristo, nasceu de Deus e vindo ao mundo sendo o Filho de Deus nascido da virgem Maria (Jo 16:28; 17:7, 8; Lc 1:30-35), e viveu sem pecado sendo tentado em tudo conforme à nossa semelhança (Hb 4:15; 1Jo 3:5); morreu na cruz em nosso lugar e por nossos pecados, limpando-nos deles por Seu sangue, e beneficiando-nos gratuitamente d’Ele, se cremos (Is 53:4-11; Mt 20:28; Tm 1:15); ressuscitou corporalmente e ascendeu à destra de Deus, intercedendo por nós e derramando Seu Espírito Santo; virá em glória e majestade para julgar e estabelecer definitivamente Seu Reino, com ressurreição de nossa carne, e juízo eterno dos que não o conheceram (2Ts 1:7-10). É, pois, Jesus, o Senhor e o Cristo, e recebê-lo é receber a vida eterna (Jo 1:12-13. “O que crer e for batizado, será salvo; mas o que não crer, será condenado” (Mc 16:16).

Deus tem tomado a iniciativa, e revelando-se quando o buscamos; nos fala ao coração para que o conheçamos através de Cristo, e a Seus atos, de maneira ao confiarmos n'Ele recebamos a graça do perdão, da libertação, da regeneração, da renovação, da unção que é o penhor da garantia de uma herança eterna e incorruptível pela ressurreição de Jesus Cristo; herdaremos, pois, com Ele a ressurreição gloriosa para um Reino **inabalável**. Pede-nos para nos apoiarmos n'Ele, deixar todas as nossas angústias e ansiedade sobre Ele, e contar com Ele enquanto d´Ele recebemos a Jesus Cristo como vida, e por Cristo, ao Espírito Santo que nos guia conforme Sua Palavra a toda verdade, e nos participa do que é Seu vitalmente. Receber confiadamente da graça é a atitude do crente.

Crer é confiar, e confiar é contar com Ele, recebendo de Sua fidelidade para nos fortalecer e para lhe obedecer voluntariamente, em aliança de nossas vontades com a perfeita vontade d'Ele, como co-herdeiros do Reino de Jesus Cristo; Filho de Deus. Podemos confiar n'Ele porque Ele tem feito promessas e se tem comprometido a Si mesmo com juramento de que nos abençoará em Cristo Jesus (Hb 6:13-20; Gl 3:29). Honremos Sua Palavra agarrando com força obstinada e com ousadia, pois por Suas maravilhosas promessas podemos seguir em frente. Ele é Fiel! E tem demonstrado muitíssimas vezes! Sejamos o menor sempre! Creiamos no Evangelho, fundamentalmente na identidade de Cristo, em Sua morte expiatória por nós, em Sua ressurreição completa e em Seu senhorio com que estabelecerá definitivamente Seu Reino.

XVII
DOUTRINA DE BATISMOS

Jesus mandou que os quem cressem fossem batizados, que nos identificássemos com Ele batizando-nos. Mateus e Marcos o registram: "Ide e fazei discípulos..., batizando-os;" "e quem crer e for batizado será salvo" (Mt 28:19; Mc 16:16). Os apóstolos, em Seu nome, ordenaram também o mesmo a judeus e gentios. No livro dos Atos dos Apóstolos, Lucas nos registrou vários casos: At 2:38, 41; 8: 12, 16, 36-39; 9:18; 10:47, 48; 16:15, 31-33; 19:1-5; 22:16). Quando o povo crê no evangelho, o normal era confessar sua fé identificando-se com Cristo, invocando-lhe no batismo. Com o batismo mostravam que aceitavam o Filho de Deus, morrendo e ressuscitando com Ele; abaixavam-se às águas e eram submergidos nelas, pela Igreja, à semelhança da morte de Cristo; sepultados n'Ele e nelas, e subindo com Ele como ressuscitados, na fé de que ao nos unir a Cristo, são perdoados os nossos pecados e somos regenerados por Ele. "Sepultados com ele, no batismo, no qual fostes também ressuscitados com ele, mediante a fé no poder de Deus que o levantou dentre os mortos" (Cl 2:12). "Os que foram batizados em Cristo Jesus, foram batizados em sua morte." Porque fomos sepultados juntamente com Ele para a morte pelo batismo a fim de que como Cristo ressuscitou dentre os mortos pela glória do Pai, assim também nós andemos em vida nova. "Porque se fomos plantados juntamente com Ele na semelhança de sua morte, assim também o seremos na sua ressurreição" (Rm 6:3-5).

Assim mediante a fé no Cristo ressuscitado, nos batizamos em obediência a Ele para consumação da nossa fé. O normal é que realizemos esta identificação em fé, pelo batismo. No tempo apostólico, os que recebiam a Palavra eram batizados em seguida: Atos 2:41; 8:12; 9:18; 10:47,48; 18:8; 22:16.

A fé deve preceder ao batismo, pois é mediante a esta (Cl 2:12) que no batismo nos identificamos com a morte e a ressurreição de Jesus Cristo. Por isso Filipe contestou à pergunta do eunuco pelo impedimento ou o requisito para ser batizado, e lhe disse: "**Se creres de todo coração**, **bem podes**" (batizar-te) (At 8:37). Jesus disse: "**O que crer e for batizado**." Não é, pois, tão somente o que for "batizado" sem crer nem escolher, mas deve primeiro crer. Jesus disse que era necessário nascer da água e do Espírito (Jo 3:5). Não só da água, sendo que também deve nascer do Espírito, que se recebe pela fé (Gl 3:14; Jo 7:38, 39).

O apóstolo Pedro escreveu: "Enquanto se preparava a arca, na qual poucas pessoas, a saber, oito, foram salvos através da água. O batismo que corresponde a isto agora nos salva (não quitando as imundícieis da carne, mas como a aspiração de uma boa consciência para com Deus) pela ressurreição de Jesus Cristo" (1Pe 3:20b, 21). De maneira que o batismo nos salva pela ressurreição de Jesus Cristo; a saber, que a identificação com Sua ressurreição nos salva, na figura da arca, realizada através das águas. Não que o rito batismal troca a natureza da carne (vs. 21) quitando suas imundícieis (a lei do pecado e da morte na carne – Rm 7: 17-24), mas que

nossa obediência ao rito demonstra nossa aspiração diante de Deus de uma boa consciência. É a **lei do Espírito de Vida em Cristo Jesus** a que nos livra não da existência na carne da lei do pecado e da morte, mas nos livra do poder e da lei do pecado e da morte, enfrentando-lhe o poder da morte ao pecado em Cristo e o poder de sua ressurreição; livra-nos pelo Espírito (Rm 8:1-13). Assim que, somos salvos pela "lavagem" da regeneração e pela renovação no Espírito Santo derramado abundantemente por Jesus Cristo (Tt 3:5, 6). Cristo purifica a Igreja em "a lavagem, de água" **pela Palavra** (Ef 5:26).

É necessário compreender estas duas palavras: "em" e "por," nas Escrituras referentes ao batismo. Atendendo ao texto grego teremos: Em (ἐν) no batismo somos sepultados e ressuscitados, mediante de (διά), a fé no poder da ressurreição de Cristo por Deus (Cl 2:12). Também somos sepultados juntamente com Ele para morte através de (διά) por meio do batismo (Rm 6:4). Além do batismo está salvando agora por (διά) a ressurreição de Jesus Cristo (1Pe 3:21); a saber, porque significa e efetua a obediência da fé salvadora, por identificação com o Cristo ressuscitado que regenera, participando a Si mesmo. Também está escrito que a Igreja é purificada por Cristo ao (τὠ) banho de água em (ἐν) a palavra (Ef 5:26). Além disso, afirmou que Nos salvou mediante (διά) o banho da regeneração (Tt 3:5). Observe que no batismo o que salva é só a fé. Nota-se que não se fala da regeneração da lavagem, mas da lavagem da regeneração; a saber, não que a lavagem regenera, mas que a regeneração lava. Quem regenera é Deus, por conseguinte mediante

a fé que se expressa no batismo e convence ao arrependimento.

A fé em Sua Palavra e no seu poder vem através do ato voluntário do batismo, que nos identifica com a morte e a ressurreição de Jesus Cristo. Então, o que crê se identifica batizando-se; e tal identificação por fé, é submersão em Cristo mesmo, e somos salvos. O que crê se identifica com Cristo, por Este é purificado e regenerado. Ele nos pede que realizemos a consumação na identificação de fé com Cristo através do batismo; por isso os apóstolos batizavam em seguida, unindo o ato de fé, e recebendo a Cristo, com o batismo a remissão dos pecados dos que ao crêem e se arrependam, batizando-se em Seu nome (At 2:38); como prometeu o Espírito Santo.

A Igreja ao batizar o realiza da parte de Deus, com Sua autorização, "em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo" (Mt 28:19); e o que ela redimi na terra, é redimido no céu (Jo 20:23); igualmente, o que ela retiver na terra, é retido no céu (Jo 20:23). A Igreja retém os pecados quando por causa de incredulidade e falta de arrependimento **não** batiza aos incrédulos não arrependidos, pois, para o batismo se requer uma fé verdadeira (At 8:37) que implica no arrependimento; pois, como identificar-me com a morte de Cristo, se não estou disposto a morrer com Ele para o pecado e para o mundo?

A Igreja, não obstante, obra de boa fé, administra reconciliação a todo aquele que voluntariamente professe sua fé, crendo e querendo o batismo, ainda

que seja enganada em sua boa fé por alguns, como é o episódio em que fala Filipe a Simão, o Mago, a quem logo Pedro repreendeu (At 8:4-24).

Quem deve realizar o batismo? O fundamental é a identificação por fé do batizado com Cristo; o ideal é que quem realize o rito seja a Igreja, imediatamente pelos apóstolos (Jo 4:2; Mt 28:19), ou pelos discípulos colaboradores de nome Ananias que batizou Paulo (At 9:10-10). Pode batizar qualquer membro de Cristo que esteja debaixo da direção da Cabeça que é Cristo, e em comunhão com seu corpo; que batiza da parte do Senhor e para o Corpo, recebendo a todos os que Cristo recebe. Não se batiza, pois, um para pertencer a uma seita ou um ministério (1Co 1:11-17), mas para revelar nossa identificação com Cristo e para efetuá-la mediante a obediência da fé; de maneira que em Quem somos submergidos é n'Ele, fazendo-nos, por Ele, membros Seus, e portanto partícipes de Seu único corpo dentro do qual somos imersos pelo Espírito de Cristo que recebemos mediante a fé viva. Por isto Pedro, a quem professava sua fé, arrependendo e batizando-se assegurava a promessa do Espírito Santo, que é Quem nos batiza em um só corpo (At 2:38, 39; 1Co 12:13).

Em seu tempo primitivo e apostólico, a Igreja praticava o batismo nas águas por imersão ao crente, o qual convém perpetuar. Mateus 28:19 mostra as palavras que Jesus dirige ao batizador, autorizando-lhe que o faça no nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo; como da parte de Deus mesmo, pois é sabido que o Pai enviou o Filho e

Este vindo no nome do Pai, pregando a Sua palavra e realizando Suas obras; da mesma maneira, o Filho enviou em Seu nome o Espírito Santo, o qual é Seu representante na Igreja. O Espírito Santo opera agora através do ministério de todo Seu corpo, pelo qual a Igreja está sob liderança de Jesus Cristo e no poder do Espírito Santo, o faz em o nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo.

Bem, agora, Pedro se dirigi não ao batizador, mas ao que se batiza, o mandamento de batizar-se cada um em o nome de Jesus Cristo (At 2:38), e assim o fizeram a judeus, samaritanos e gentios, segundo registra Lucas nos Atos dos apóstolos (At 8:16; 10:48; 19:5) 22:16), pois, em Cristo Jesus NÃO há diferença entre judeu e gentio (Rm 10:12, 13; Gl 3:27, 28; Cl 3:10, 11). De maneira que o batizador batiza da parte de Deus em o nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo; e o que se batiza se identifica com Cristo em Sua morte e ressurreição batizando-se em o nome de Jesus Cristo. Não se trata de duas fórmulas contraditórias, mas do complemento de duas realidades divinas: a identificação com Cristo do batizado, e a autoridade delegada do que o batiza. São, pois, realidades complementares, e não tão só meras fórmulas. Cada batizado deverá compreender que tem batizado ou submergido em Cristo, da parte de Deus, em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo; o que confessa o Filho tem também o Pai (1Jo 2:23).

Hebreu 6:2 não nos fala meramente na singular doutrina de batismo, mas nos fala no plural: "doutrina de batismos." Não se refere a um dos

fundamentos da doutrina de Cristo, tão somente o batismo nas águas, pois o Novo Testamento nos fala também de "Batismo no Espírito Santo." Além de ter falado do batismo em Cristo. Deus não quer somente nos perdoar, libertar, regenerar, justificar, santificar, Ele quer morar em nós, o qual realiza submergindo-nos em Cristo, colocando-nos n'Ele e Ele em nós; mas Ele também quer investir em nós com seu poder e nos ungir para o ministério, o qual realiza mediante a investidura e unção do Espírito Santo. Ele pediu aos seus discípulos que esperassem em Jerusalém até receber do Pai a promessa, e ser batizado com o Espírito Santo, o qual os investiu de poder (At 1:4-8); o mesmo fez Deus com os gentios em casa de Cornélio derramando sobre eles o Espírito Santo e batizando-lhes (At 10:44-46; 11:15-17). Pedro e João oraram para que recebessem o Espírito Santo, os que haviam crido e se haviam batizado com Filipe tempos atrás, sim que desceria ainda sobre eles (At 8:12-17); o mesmo fez Paulo com os efésios (At 19:1-6) aos quais logo escrevia que desde que haviam crido haviam sido selados com o Espírito Santo da promessa (Ef 1:13; 4:30); que os efésios haviam tido a experiência da investidura havendo crido previamente.

A água vivificante do rio que viu Ezequiel (47:1-12) era a mesma, logo que chegasse até aos Tornozelos, aos joelhos, aos lombos de Ezequiel; assim também, as águas vivas do Espírito que recebem por fé os que por essa mesma fé bebem de Cristo, podem ser aproveitadas por diversas maneiras, segundo, a medida que por fé bebam delas e nelas se submergem os crentes. O Espírito é dado sem

medida, mas muitos desperdiçaram sem aprender a receber. Devem, pois, por fé penetrar mais e mais no rio, recebendo; experimentalmente, pelo Espírito, a ministração que Este nos faz do Sumo Bem conseguido para nós por Cristo Jesus. Acerquemo-nos, pois, a beber até sermos completamente inundados e submergidos; e realizando-nos assim vez após vez.

XVIII
IMPOSIÇÃO DE MÃOS

A imposição de mãos indica uma transmissão, ou também uma ordenação. Nas Escrituras vemos imposição de mãos nos momentos de: a) orar pelos enfermos; b) pela recepção do Espírito Santo; c) pela ordenação de diaconato; d) pela entrega de um dom; e) pelo envio de apóstolos (Mc 16:18; At 6:6; 8:17; 9:17; 13:3; 19:6; 1Tm 4:14; 2Tm 1:6), também fica implicada a imposição de mãos na palavra grega usada ao descrever a constituição de anciãos.

Por causa da ressurreição de Cristo e de sua entrega de dons aos homens, existe também a delegação de autoridade espiritual que provém diretamente da Cabeça do Corpo, que é Cristo Jesus, mediante o Espírito Santo, e que opera através de Sua Igreja, que de fato existe o ministério do Corpo espiritual, o qual é um ministério de Justificação e reconciliação, sob o Novo Pacto, no Espírito vivificante (2Co 3:2-11, 17, 18; 4:1-6). Tal ministração do Espírito acontece através do Corpo sujeito a Sua Cabeça celestial, pelo qual tal Corpo recebe a delegação de autoridade em

uma forma espiritual e viva, e quando transmite ou ordena, em exercício da autoridade espiritual, faz uso da imposição de mãos, como sinal da realização autêntica e espiritual de tal transmissão e ordenação efetuada, debaixo da autoridade direta da Cabeça e no poder do Espírito.

É por isto que Paulo aconselhava a Timóteo a não impor as mãos precipitadamente (1Tm 5:22); se impõem as mãos precipitadamente quando se faz apressadamente e sem motivos, é um rito sem significado, vazio, desprovido da realidade espiritual; a saber, na vaidade da carne e sem a verdadeira satisfação e direção da Cabeça, Cristo Jesus. Quando motivos humanos e interesses particulares movem a realização cerimonial, mas sem atender a voz do Espírito, a obra é precipitada, sem a direção de Deus. Deus está obrigado a respaldar o que fazemos sem a sua direção, e que insistimos em dizer que é em seu próprio nome? A Igreja tem Seu nome a Sua disposição para atuar no Espírito com autêntica autoridade delegada, quando se fala em íntima sujeição à Cabeça celestial. Essa é a razão pela qual vemos os apóstolos, também ao presbitério, orando antes de impor as mãos (At 6:6; 8:15, 17; 13:3; 1Tm 4:14). Através da oração, desenvolvemos uma relação íntima com a Cabeça celestial, pelo qual o Espírito Santo pode revelar e impedir uma autêntica imposição de mãos, realizando assim uma autêntica transmissão espiritual efetuada, ou uma genuína ordenação efetuada e nascida desde o seio do Cristo glorificado que a estabelece.

Quando Deus verdadeiramente ordena, o ministério é capacitado por Ele. Não que a Obra seja efetuada pelo ministério, e sim por intermédio do ministério a Obra é realizada diretamente por Cristo, sob a direção do Espírito Santo. Que é reconhecido na essência da Igreja que acata a autoridade de Cristo manifesta na sua autoridade com a qual somos edificados espiritualmente.

XIX
RESSURREIÇÃO DOS MORTOS

Como vimos no capítulo IX, "Primícias: Cristo ressuscitado," o Senhor Jesus ressuscitou corporalmente como primícias, a saber, como precursor de nossa ressurreição. Ele ressuscitou para compartilhar conosco sua vitória sobre a morte. É fundamento da doutrina de Cristo o ensinamento divino acerca da ressurreição dos mortos. Logo o profeta Daniel, por revelação divina através do anjo Gabriel, nos registrou: "Em muitos dos que dormem do povo da terra serão despertados, uns para vida eterna, e outros para vergonha e confusão perpétua" (12:2); o mesmo sustenta o Senhor Jesus quando disse: "Vem a hora em que todos os que se acham nos sepulcros ouvirão a sua voz (a do Filho do Homem); os que tiverem feito o bem, para a ressurreição da vida; e os que tiverem praticado o mal, para a ressurreição de condenação" (Jo 5:2, 29). Haverá dos tipos de ressurreição: uma para a vida eterna, e outra para condenação. Os que permanecerem em Cristo pela graça de Deus ressuscitarão para vida.

Jesus declarou: “E esta é a vontade do Pai que me enviou: Que todo aquele que vir ao Filho, e nele crer, tenha vida eterna e eu o ressuscitarei no último dia” (Jo 6:40). Paulo escrevia aos coríntios: “Mas afora Cristo ressuscitou dentre os mortos; primícias dos que dormem é fato. Visto que a morte veio por um homem, também por um homem veio a ressurreição dos mortos. Porque, assim como, em Adão, todos morrem, assim, também todos serão vivificados em Cristo. Cada um, porém, por sua própria ordem: Cristo, as primícias; depois, os que são de Cristo, na sua vinda. Logo o fim, quando entregue o reino a Deus e Pai” (1Co 15:20-24a). Existe uma ordem para a ressurreição, sendo Cristo o primogênito dentre os mortos; então, na segunda vinda de Cristo, ressuscitaremos para vida eterna, como está escrito: “Porque se cremos que Jesus morreu e ressuscitou, assim também trará Deus com Jesus aos que dormem nele. Pelo qual vos declaramos isto na palavra do Senhor: nós, os vivos, os que ficarmos até a vinda do Senhor, de modo algum precederemos aos que dormem.” Porque o Senhor mesmo dada a sua palavra de ordem, ouvida a voz do arcanjo, e ressoada a trombeta de Deus, descerá dos céus, e os mortos em Cristo ressuscitarão primeiro; depois, nós, os vivos, os que ficarmos, seremos arrebatados juntamente com eles, entre nuvens, para o encontro do Senhor nos céus, e, assim, estaremos para sempre com o Senhor” (1Ts 4:14-17). O arrebatamento dos cristãos segue imediatamente depois da ressurreição e da transformação dos cristão vivos.

Transformação; ressurreição e arrebatamento dos cristãos fiéis estão juntos: “Eis que vos digo um ministério: nem todos dormiremos, mas transformados seremos todos, num momento, num abrir e fechar de olhos, ao ressoar da última trombeta. A trombeta soará, os mortos ressuscitarão incorruptíveis, e nós seremos transformados” (1Co 15:51-52). Também Colossenses 3:4 e Filipenses 3:20-21 nos falam da transformação da incorruptibilidade dos fiéis cristãos no momento da vinda de Cristo em Sua manifestação gloriosa. Efetivamente, a sétima trombeta (Ap 11:15-19) realiza o tempo do Juízo dos mortos e do galardoamento dos santos; galardão que Cristo traz com Sua vinda (Ap 22:12).

“Os que são tidos por dignos de alcançar a era vindoura” (Lc 20:35) e da ressurreição dos justos (Lc 14:14) serão como os anjos e não se casarão; serão recompensados nesta ressurreição de justos, a qual, é, pois, à trombeta final, a sétima, quando o Senhor mesmo com grande voz de trombeta descendo nas nuvens para arrebatar-nos, enviando a seus anjos com voz de trombeta a reunir seus escolhidos dos quatro ventos (Mt 24:30-31). Na ordem divina da ressurreição, a ressurreição dos justos em Sua vinda precede à ressurreição dos demais mortos em um milênio: “E vi tronos, e se sentaram sobre eles os que receberam faculdade de julgar; e vi as almas dos decapitados por causa do testemunho de Jesus e da Palavra de Deus, os que não haviam adorado a besta nem a sua imagem, e que não receberam a marca na fronte nem em suas mãos; e viveram e reinaram com Cristo mil

anos. Depois os outros mortos não voltaram a viver até que se cumpriram mil anos. Esta é a primeira ressurreição" (Ap 20:4, 5).

Segundo 1 Coríntios 15:23, 24, as primícias foram: Cristo o Primogênito; na ordem seguiria, a ressurreição dos justos em Sua vinda; a saber, a primeira ressurreição, ao tempo do galardão, no final da sétima trombeta; depois será o fim, com a ressurreição do resto dos mortos depois do milênio, os quais ressuscitarão para o Juízo, e dentre os quais se encontram os ressuscitados para condenação; com seu castigo no lago de fogo se exprime toda oposição à autoridade Divina, e a mesma morte é lançada ao lago de fogo sendo definitivamente vencida; então abrirá novo céu e nova terra, e a mesma criação será libertada da escravidão de corrupção, depois de terem sido suficientemente manifestados os filhos de Deus em Glória (Rm 8:19-21). Eis ali, pois, a ordem em que a morte é desprezada definitivamente por uma nova criação começada pela ressurreição de Cristo. Jesus é a ressurreição de Cristo. Jesus é a ressurreição e a vida (Jo 11:25) e, é necessário ser achado n'Ele para alcançar a ressurreição dos justos (Fp 3:9-11).

Como o Filho de "Deus e a Virgem," a Semente da Mulher é quebrada definitivamente a cabeça do que tinha em suas mãos o império da morte: a serpente antiga que é o diabo.

XX
JUÍZO ETERNO

Talvez, surpreenderia o fato de que quem mais falou no Novo Testamento acerca do inferno tenha sido nosso Bom Salvador Jesus Cristo. As conseqüências sobrevirão a pessoa amaldiçoada que resultará numa sentença no **dia do juízo** que serão horrendas e irreparáveis; por isso não é de estranhar que quem mais nos ama, nos admoesta para nos afastar do precipício e do insondável abismo de perdição. A natureza moral do homem estará implicada no dia em que prestaremos contas de nossos atos e de nossa conduta. Salomão, após examinar implacavelmente toda a obra que se realiza debaixo do sol, concluía: "Teme a Deus e guarda os seus mandamentos; porque isto é o dever de todo homem. "Porque Deus trará toda obra a juízo, juntamente com toda coisa encoberta, seja boa ou seja má." (Ec 12:13, 14).

Efetivamente, Deus: "Tem estabelecido um dia no qual julgará o mundo com justiça, por aquele varão a quem designou, dando fé a todos havendo-lhe levantado dos mortos" (At 17:31), o qual é o mesmo, citado pelo apóstolo Pedro quando fala aos gentios: "e nos mandou pregar ao povo, e testificar que é ele quem Deus tem posto por Juiz de vivos e mortos" (At 10:42).

Logo Jeová havia falado por boca de Isaías: "Por mim mesmo fiz juramento, de minha boca saiu palavra em justiça, e não será revogada: Que a mim se dobrará todo joelho, e jurará toa língua"

(Is 45:23). E Enoque profetizava: “Eis aqui, veio o Senhor com suas santas dezenas de milhares, para exercer Juízo contra todos, e fazer convictos todos os ímpios de todas as suas obras ímpias que tem feito impiamente e de todas as coisas duras que os pecados ímpios têm falado contra ele” (Jd 14b-15).

A razão de nossa moral e da responsabilidade de nossa liberdade fará sentido no dia em que Deus julgará por Jesus Cristo todos os homens (Rm 2:16). E se nós temos consciência que seremos julgados no tribunal do juízo. Não nos pertencemos, fomos feitos por Deus, acaso algum de nós toleraria que uma obra de suas próprias mãos se levantasse contra Ele intentado arruinar o propósito de Sua Obra? É impossível a simples criatura evitar a Seu Criador; por isso admoesta-nos ternamente a necessidade de despertarmos do sonho e do delírio de nossas ilusões, nos orientando com entendimento a fiel realidade: há um só Soberano e este é Deus; quem o ama, mas afastar-se d’Ele, representa irreparável perda. Por um lado, o Senhor tem prometido recompensas inefáveis a quem o ama; em contrapartida, tem preparado um lugar aos que o deixam: fogo eterno preparado para o diabo e seus anjos, aonde seus maldizentes encontrarão seu lugar apropriado, em que acharão a si mesmos merecedores de castigo eterno (Mt 25:41). A revelação divina confiada nas Sagradas Escrituras nos fala claramente de um juízo final: “E vi um grande trono branco e o que estava assentado nele, de frente o qual fugiram a Terra e o céu, e nenhum lugar se encontrou para eles. E vi os mortos, grandes e pequenos, de pé diante de Deus; e os livros foram abertos, e outro livro foi

aberto, o qual é o livro da vida; e foram julgados os mortos pelas coisas que estavam escritas nos livros, segundo suas obras. E o mar entregou os mortos que estavam nele; e a morte e o *Hades* entregaram os mortos que havia neles; e foram julgados cada um segundo as suas obras. E a morte e o *Hades* foram lançados no lago de fogo. Esta é a segunda morte. E o que não se achou inscrito no livro da vida foi lançado no lago de fogo" (Ap 20:11-15).

O apóstolo Mateus nos registra as declarações de Jesus acerca de seu reinado de glória, sentado à destra do Pai, em Seu trono de Glória, quando o Pastor separar suas ovelhas das cabras, julgando-as segundo suas obras e brindando o Reino com a vida eterna as ovelhas da direita; maldizendo e separando de si as cabras da esquerda. Existe, pois, um final escatológico: por um lado, um Reino eterno e imutável em Sua glória, novo céu e nova terra com a Cidade de Deus; por outro lado, fogo eterno que nunca se apaga e onde o verme nunca morre, junto a Satanás e seus anjos. O lago de fogo e enxofre é chamado também de *Geena*, onde serão achados os condenados com a alma e com o corpo ressuscitado para condenação na ressurreição pós-milênio.

Assim como a Jerusalém terrena tinha por fora o vale de *Hirom* ou *Geena*, onde se amontoavam e onde os idólatras sacrificavam e se queimavam com fogo, e onde os idólatras sacrificavam crianças ao demônio Moloque, assim também, como antítipo, a Jerusalém celestial terá nas trevas exteriores seu respectivo lixeiro *Geena* onde os que vivem para Satanás serão

avivados e queimados perpetuamente. A *Geena* da Jerusalém de baixo era um tipo temporal, mas **o lago de fogo e enxofre**, fora da Jerusalém de cima será uma *Geena* definitiva e eterna. A condenação eterna na *Geena* é a segunda morte, e se refere à da perdição eterna dos ressuscitados para condenação em alma e corpo (Mt 5:22,29, 30; 10:28; 18:9; 23:15, 33; Mc 9:43-48; Lc 12:5; Tg 3:6); são citadas aqui todas as passagens bíblicas que no original grego usam a palavra *Geena*, traduzida por alguns "inferno"). Examinando o contexto de todas as passagens bíblicas que falam de *Geena*, vemos que esta se refere ao definitivo Juízo em corpo e alma no lago de fogo e enxofre depois da ressurreição pós-milênio de condenação eterna, pois não só nos fala da alma como também do corpo com seus membros. Portanto, não devemos confundir a *Geena* com o *Seol* ou *Hades*, o qual será lançado ao lago de fogo após o Juízo do trono branco (Ap 20:14), ainda que alguns também o traduzam ambigüidade: "inferno."

Separamos as passagens bíblicas em que *Seol* (hebreu) é traduzido *Hades* (grego), sendo o mesmo, como se pode observar, comparando a citação de Pedro que está em Salmos (Sl 16:10; At 2:27). Temos aqui as referências bíblicas ao *Seol* e *Hades*: Gn 37:35; 42:38; 44:31; Nm 16:30:33; Dt 32:22; 1Sm 2:6; 2Sm 22;6; 1 Rs 2:6,9; Jô 7:9; 11:8; 14:13, 16; 21:13; 24:19; 26:6; Salmos 6:5; 9:17; 16:10; 18:5; 30:3; 31:17; 49:14; 55:15; 86:13; 89:48; 116:3; 139:8; 141:7; Prov 1:12; 5:5; 7:27; 9:18; 15:11, 24; 23:14; 27:20; 30:16; Ec 9:10; Ct 8:6; Is 5:14; 14:9,11,15; 28:15,18; 38:10; 57:9;Ez 31:15-17; Os 13:14; Am 9:2; Jn 2:2; Hc 2:5; (Está aqui "*Seol*"); Mt

11:23; 16:18; Lc 10:15; 16:23; At 2:27,31; Ap 1:18; 6:8; 20:13,14; (Está aqui "*Hades*").

Seol ou *Hades* não significa precisamente "sepulcro" ou "sepultura," o qual é *queber* (hebreu) e *mnemeios* (grego); significa bem mais a dimensão do estado das almas dos que morrem sem Deus; ali estão conscientes e angustiados, doloridos e em tormento. *Hades* ou *Seol* não se refere a sítios geográficos e sepulclares, pois não se fala nunca de *seoles* ou *hades* no plural. O rico opulento lhe chama "lugar de tormento" (Lc 16:28). "**Tártaro,"** também traduzido "inferno" (2Pe 2:4), se refere à prisão de obscuridade dos anjos caídos que esperam o Juízo.

Bem, agora, os que morrem em Cristo, enquanto seus corpos esperam a primeira ressurreição à vinda de Cristo, suas almas vão descansar em Sua presença (Fp 1:23); se, presentes ao Senhor (2Co 5:10), debaixo do altar (Ap 6:9-11), conscientes e felizes no Paraíso ou no Terceiro Céu (2Co 12: 2-4; Lc 23:43).

A ressurreição dos justos será uma recompensa galardoadora; a saber, uma ressurreição superior segundo o peso de glória acumulado (Hb 11:35; 2Co 4:17; 1Co 15:40,42; 3:13-15; 4:5; Ap 22:12); pelo qual, todos os Seus servos deverão comparecer diante do Tribunal de Cristo para receber cada um segundo as suas obras enquanto estava no corpo (2Co 5:10; Rm 14:7-13; Mt 25:19-30; Lc 12:35-48; 19:11-27). Então o povo dos santos recompensados, será capacitado para julgar a partir do milênio (Is

32-1; Dn 7:10, 13; 1Co 6:1-3; Ap 2:26, 27; 20:4-6) e reinará com Cristo eternamente e para sempre.

Por outra parte, aos que serão excluídos do Reino caberá: o castigo eterno (Mt 25:41) que nunca se apaga e o verme não morre (Mt 3:12; Mc 9:43-48); vergonha e confusão perpétua (Dn 12:2); perdição eterna (2Ts 1:9) e exclusão da glória divina; e a fumaça do tormento de quem adora à besta ou sua imagem e recebem sua marca, pelos séculos dos séculos (Ap 14:9-11) e não haverá repouso.

PARTE IV

"Tu és o Cristo, o Filho do Deus Vivo...
Bem-aventurado és..., porque não foi carne e sangue que to revelaram, mas meu Pai, que está nos céus...
E sobre esta rocha edificarei a minha igreja;
E as portas do Hades não prevalecerão contra ela."
Mt 16:16b, 17b e d, 18b

XXI
O REINO DOS CÉUS ESTÁ PRÓXIMO

Com os rudimentos precedentes da doutrina de Cristo, vemos que nos anuncia um Reino para o qual nos revela uma porta. Deus tem prometido um Reino. O plano eterno de Deus tem sido a supremacia do Seu Filho amado (Cl 1:18; Ef 19: 14; Rm 8:29, Mt 22:2; 2Pe 1:11; Ap 19:16; 22:3-5). O Reino dos céus que se aproxima é o anúncio do Evangelho que Jesus começou a ensinar (Mt 4:17; Mc 1:14, 15) e acerca do qual ensinou claramente por meio de parábolas (Mt 5:3,10, 19, 20; 6:33; 7:21; 8:11; 12:28; 13:11, 19, 24, 31, 33, 38, 41, 43, 44, 45, 47; 18:1, 3, 4, 23; 19:14, 23; 20:1, 31; 22:2 25:1, 14; Mc 4:11, 26:30; 9:47; 10, 14, 15, 23-25; 12:34; 14:25; Lc 4:43; 6:20; 7:28; 8:1, 10; 9:11, 62; 10:11; 11:20; 12:31, 32; 13:18, 20, 28, 29; 16:10; 17:20, 21; 18: 16, 17, 24, 25, 29; 19:12, 15; 21:31; 22:16, 18, 29, 30; Jo 3:3-5; 18:36; At 1:3).

Jesus também ordenou que o Reino fosse anunciado: (Mt 10:17; 24:14; Mc 9:2, 50) e foi o que seus apóstolos fizeram: (At 8:12; 14:22; 19:8; 20:25; 28:23-31; Rm 14:17; 1Co 4:20; 6:9, 10; 15:24, 50; Gl 5:21; Ef 5:5; Cl 1:13; 4:11, Ts 2:12; 2Ts 1:5; 2 Tm 4:1, 18; Hb 1:8; 12:28; Tg 2:5; 2Pe 1:11; Ap 1:9; 11:15; 12:10).

É conveniente seguir atentamente todas as passagens da Escritura que nos falam de um Reino; constituem uma beleza panorâmica dentro da revelação. O Reino é o ambiente normal da Igreja, a qual ingressa e dentro da qual se prepara para seu

estabelecimento definitivo com a segunda vinda do Senhor Jesus Cristo.

Bem, agora, por que disse que tal Reino dos céus está próximo? Por que diz o Senhor que o tempo tem se cumprido e o Reino está próximo? Israel estava familiarizado com as profecias veterotestamentárias acerca do Reino; Israel esperava o Reino do Messias; os profetas haviam falado dele, e inclusive, haviam revelado os acontecimentos que precederiam ao tão glorioso Reino. Davi recebeu a promessa de que de Sua semente se assentaria o Messias em Seu trono para sempre, posto que da semente de Abraão seriam benditas todas as famílias da terra; pelo qual Mateus reconhece a Jesus Cristo como Filho de Davi e Filho de Abraão (1:1) ainda antes de começar a enumerar sua genealogia. Isaías (2:1-4; 4:2-6; 9:1-7; 11:1-16; 32:1-8; 33:2-24; 35:1-10; 40:1-11; 41:18-20; 42:1-17; 49:8-26; 51:1-23; 52:1-12; 54:1-17; 60:1-22; 61, 62; 66:1-24); Jeremias (23:5-8; 30:7-9; 33:15-17; 20-22, 25, 26); Ezequiel (11:14-20; 1659-63; 20:40-44; 36, 37; 39:21-29; 47:13-23); Daniel (2:44; 7:9, 10, 13, 14, 18, 22, 26, 27; 9:24; 12:1-3, 12, 13); Joel (3:16-21), Amós (9:11-15); Obadias (1:17-21); Miquéias (4: 1-13; 5:1-15); Sofonias (3:8-20); Zacarias (9:9-17; 10:1-12; 12:1-14; 13:1,2; 14:1-21) Malaquias (4:2,3).

Todos estes descreveram as características do Reino e o que sucederia quando estivesse próximo. **De igual maneira, os profetas falaram do Messias sofredor e Seus padecimentos necessários** antes de sua glória. Daniel em sua profecia acerca das setenta semanas revelou o dia da Visitação do

Messias, em cuja data exata Jesus entrou em Jerusalém montado num burrinho; com razão dizia: "O tempo está cumprido;" pelo qual Paulo escrevia também aos Gálatas que Deus havia enviado a Seu Filho vindo no "cumprimento do tempo" (4:4). A série de impérios anunciados a Daniel em suas visões chegava a seu fim: Babilônia, Medo-Persa, Grécia e então Roma, a última besta, pelo qual morreu o Messias e contra a qual se transbordavam os acontecimentos apocalípticos, dos quais aponta o apóstolo Paulo, que logo repreendia, e pelo qual hoje em dia vemos o desenvolvimento perfeito do cumprimento profético a ponto de anunciar que o Reino dos céus verdadeiramente está próximo. A Igreja ingressa n'Ele e o anuncia, primeiro espiritualmente, e então, quando Cristo voltar, já pronto, ficará estabelecido sem oposição alguma; primeiro, com o milênio, e então, para sempre no Novo Céu e na Nova terra, com a Nova Jerusalém, o monte de Sião e o império eterno do Messias.

XXII
O MODELO

Se bem Deus permitiu que as cartas do apóstolo Paulo tivessem autoridade universal hoje, não obstante, historicamente falando, o apóstolo se dirigia a pessoas individuais (Timóteo, Tito, Filemom), ou às igrejas locais (Romanos, Coríntios, Filipenses, Colossenses, Tessalonicenses); e descontando a "Hebreus," temos sem reter mais amplamente que a carta aos gálatas é dirigida não a uma só igreja local, mas a várias igrejas daquela

região onde precisamente Paulo foi pioneiro com Barnabé: Galácia. O tema da carta era nada menos que o modelo de evangelho, dirigida a uma ampla jurisdição histórica, e reconhecido tal modelo como modelo de verdade universal.

Naquela carta Paulo começa expondo sua autoridade sobre o tema abordado: era apóstolo de Jesus Cristo por vontade de Deus, não de homem nem por homem; e havia recebido de Deus o evangelho por revelação, sendo respaldado por seus companheiros,[2] apóstolos colunas, Tiago, Pedro e João, os quais reconheceram a graça que lhe foi dada sem acrescentar nada novo; falava com autoridade divina. Em sua carta amaldiçoa todo suposto "evangelho" que não seja o que eles têm recebido dele; evangelho que expõe a continuação em sua carta, que termina assim: "E a todos os que andem conforme a este modelo, paz e misericórdia sejam a eles, ao Israel de Deus" (Gl 6:16); então, como quem tem desejado tudo claro e estabelecido, acrescenta que dali em diante nada lhe cause moléstias.

A carta aos gálatas (que é corroborada por Romanos, 2Co, e o restante do Novo Testamento) é de importância vital e fundamental, pois estabelece "**O modelo,**" que segundo a palavra grega, "***el canon***" do que é evangelho cristão e apostólico, fora do qual, o demais é anátema, ainda que fosse apresentado por um anjo do céu (Gl 1:8, 9). Não podemos minimizar isto, e sim devemos atendê-lo com suma devoção; e quanto a "fundamentos," está aqui, uma consideração vital.

---

[2] Cf. Gálatas 2:9.

O âmago da carta é a justificação pela fé, obra também pelo amor; o andar no Espírito que se recebe de graça pela fé em Cristo, e que produz um fruto contra o qual não há lei. A nova criação é a chave aqui, nela somos libertos das paixões da carne e da escravidão do mundo. Não nós, mas Cristo em nós. Ele é o evangelho.

A correta exegese, pela unção do Espírito Santo, da carta aos gálatas, é alimento de primeira magnitude para o estabelecimento da verdade. Então, a carta aos romanos, retomando o mesmo tema, aprofunda a exposição. Nada pode justificar-se diante de Deus pretendendo haver cumprido a lei, pois todos temos pecado muitas vezes na debilidade da carne. A lei tem manifestado nosso pecado, mas não nos tem dado vida para poder cumpri-la, sem nos condenar. Quem nos dá a vida é Deus por Jesus Cristo mediante o Espírito Santo prometido, que recebemos ao crer em Jesus Cristo, o qual ao morrer por nós levou também a morte da velha criação caída, e por Sua ressurreição começou a nova criação que nos é doada gratuitamente no Espírito, se o recebemos por fé. Tal fé dá lugar a Cristo em nossas vidas, o qual, agora, pela graça, opera segundo o Espírito produzindo o fruto que é o amor e tudo o mais, no que se cumpre toda a lei e os profetas. Não estamos sob a lei, exigindo que a carne, em suas limitações realize obras espirituais agradáveis a Deus; Estamos no tempo da graça, bebendo pela fé do Espírito de Cristo, e obtendo pela confiança n'Ele, o dom da Justiça; Justiça graças ao sacrifício de Cristo; graças à operação do Espírito Santo recebido pela fé viva realizada pelo

amor. Este **dom da justiça** é, pois, o **fundamento de salvação**, já que somos salvos não somente por Sua morte como também por Sua vida. E Cristo em nós, é a esperança de glória!

XXIII
SOBRE ESTA ROCHA

A esta altura de nosso esquema, já é o momento de voltarmos a considerar aquela importante passagem de Mateus 16:13-20, onde o Senhor mesmo revela sobre que Rocha ia edificar sua Igreja. Tratando-se nosso estudo acerca de "Os fundamentos," convém agora, depois de já exposto, considerar a importante passagem sobre a rocha. Em Cesaréia de Filipe, Jesus introduz entre seus discípulos uma solene conversação acerca de si mesmo; o tema era sobre Sua identidade. Jesus desejava que se manifestasse o ponto sobre o qual os seus discípulos conseguissem identificá-lo. Sua identificação, o conhecimento d'Ele, era o contexto preparado de propósito por Jesus, pois estava a ponto de fazer uma das declarações mais transcendentais para a Igreja: acerca da Rocha sobre a que Ele ia edificá-la.

Então Simão Barjonas, ante a pergunta de Jesus acerca do que diziam o povo ser o Filho do Homem e o que diziam os apóstolos? Ele respondeu solene e acertadamente: "Tu é o Cristo, o Filho do Deus vivo;" Jesus lhe responde: Bem-aventurado és Simão, filho de João, porque não to revelou carne nem sangue, mas meu Pai que está nos céus. E logo também te digo que tu és Pedro, e sobre esta rocha

edificarei minha igreja; e as portas do *Hades* não prevalecerão contra ela." As portas do *Hades* não prevalecerão, pois a Igreja de Cristo está fundada sobre a Rocha, Qual Rocha?

Quando Simão Barjonas identificou e confessou a Jesus de Nazaré como o Cristo, o Filho de Deus, o Senhor lhe chamou bem-aventurado por esta razão; chamando-lhe agora a Simão, em aramaico, *Cefas*; a saber, pedra, Pedro, em grego. Simão Barjonas foi convertido em Pedro, um homem comum convertido em "pedra," quando graças à revelação divina pôde conhecer a Jesus como o Cristo, o Filho do Deus vivo. Isto lhe fez bem-aventurado. Então Jesus acrescentou: "sobre esta rocha edificarei minha igreja."

O Senhor **não** disse a Pedro: "sobre ti edificarei minha Igreja," sendo que disse: "sobre **esta rocha**". Usou com Pedro a segunda pessoa, "Tu," pois agora, falando-lhe, usa a terceira pessoa: esta rocha, referindo-se aquela sobre a qual edificaria. Não falou, pois, precisamente de Pedro, mas daquele que acabava de declarar a Pedro, a saber "bem-aventurado... porque não to revelou carne nem sangue, sendo meu Pai que está nos céus". E essa é, pois, a Rocha! O Filho do Deus vivo confessado por direta revelação divina; Jesus reconhecido espiritualmente como Cristo, Filho do Deus vivo. Tal revelação de Cristo confessada, cria bem-aventurada pedra viva para ser edificada n'Ele, a quem a receba diretamente de Deus, pois quem pode prevalecer contra aquele que Deus mesmo tem estabelecido? Deus nos estabelece revelando-nos a Seu Filho para que

lhe confessemos. “Não to revelou carne nem sangue, sendo meu Pai que está nos céus,” pois também: “Ninguém conhece o Filho senão o Pai” (Mt 11:27), e ninguém pode vir ao Filho para ser salvo e edificado, se o Pai que enviou a Cristo não o trouxer (Jo 6:44, 45, 65). É nos dado diretamente do Pai o conhecer a Cristo; o qual conhecendo, conheceremos ao Único Deus; conhecimento tal que é a vida eterna (Jo 17:3). Cristo é revelado diretamente do Pai e confessado com a boca desde o coração, é a Rocha sobre a qual o Senhor edifica a Sua igreja! Sua Pessoa (a de Cristo), Sua Obra e Sua doutrina (a de Cristo) devem ser ensinadas diretamente de Deus para que possamos ser edificados. Sem tal conhecimento espiritual do Senhor Jesus Cristo é impossível o novo nascimento, o crescimento e o amadurecimento cristão. Tão somente os que participam de tão bem-aventurada revelação divina são assentados sobre a verdade do Reino dos céus.

Tudo o que não plantou o Pai celestial será desarraigado (Mt 15:13), pois “arraigados e edificados” em Jesus Cristo, andaremos e seremos confirmados n’Ele (Cl 2:7). Em Cristo somos sobreedificados. A estes, o mesmo apóstolo Pedro também chama “pedras vivas” da **casa espiritual de Deus** (1Pe 2:4, 5). Somos feitos “pedras vivas” para ser sobredificados em Cristo, da mesma maneira como foi feito “pedra” Simão Barjonas: concedendo-nos confessar o Filho revelado. Ninguém pode chamar a Jesus “Senhor” senão pelo Espírito Santo, mas quem crendo o confessar invocando-lhe, será salvo (1Co 12:3; Rm 10:9).

Tal revelação do Filho que Pedro confessou, abriu-lhe as portas do Reino dos céus; por isso Jesus disse-lhe: "E a ti darei as chaves do reino dos céus; o que ligares sobre a terra haverá sido ligado no céu; e o que desligares na terra haverá sido desligado nos céus." No texto grego, o enfático e exclusivista "e a ti darei as chaves...;" não aparece; mas diz simplesmente: "*doso soi*" [δώσω σοι] (dareite), ou seja, apenas: "Te darei as chaves." Tampouco no texto grego aparece o futuro perfeito "será ligada" ou "será desligada" nos céus, mas disse que: "estai "*estai dedeménon*" [εσται δεδεμένον] (haverá sido ligado), o mesmo disse que: "*estai leleménon*" [εσται λελυμένον] a saber, que o céu haverá ligado ou desligado aquilo que revele para realizar-se assim na terra. Esta afirmação a Pedro por parte de Jesus, foi também feita à Igreja pelo Senhor Jesus segundo Mateus 18:18; não é exclusiva de Pedro. A igreja local deve operar segundo revelação do céu, ligando e desligando na terra o que já "*estai dedeménon*" (haverá sido ligado), ou o que já "estai *leleménon*" (haverá sido desligado) no céu. Vemos assim, a igreja, e a cada membro seu particular, operando debaixo da direção da cabeça celestial. Por isto é imprescindível **a bendita e bem-aventurada revelação do Filho**. Deus fala nestes últimos dias pelo Filho (Hb 1:1,2). As rédeas da Igreja seguem somente as mão d'Aquele que está assentado à direita do Pai esperando que todos os seus inimigos sejam postos debaixo dos seus pés. A autoridade está radicada na revelação divina por parte do Pai da cabeça única do corpo, Jesus Cristo. Cristo reina no reino da verdade, sem a violência da espada, como ensinou a Pilatos (Jo 18:36, 37), e os que são

da verdade ouvem Sua voz (1Jo 4:6). "A ele ouvi" ordenou o Pai (Mt 17:5). A espada a tem o Governo para os transgressores, e estará na boca de Cristo em sua segunda vinda.

Desde a glória o Senhor mesmo constituiu apóstolos, profetas, evangelistas; pastores, revelando-se a eles para que possam ministrar-lhe espiritualmente ao povo como ministros competentes do pacto do Espírito (Ef 4:10-16; 1Co 3:2-12; 3:17, 18; 4:1-6).

O diabo, no entanto tem semeado a discórdia, a qual, junto com o trigo deve crescer até o dia da sega (Mt 13:24-30; 36-43). Não obstante, toda planta não plantada pelo Pai será desarraigada em sua hora; nos ensina a fazer o reconhecimento pelos frutos (Mt 7:15-20); conhecimento segundo o Espírito (2 Co 5:1b). O que não tem nascido, pois, da água e do Espírito, regenerado por um novo nascimento, não poderá ver o Reino de Deus nem entrar nele (Jo 3:3, 5), o homem natural não percebe as coisas do Espírito de Deus que não pode entender, pois é preciso discerni-las espiritualmente (1Co 2:10-16). **O novo nascimento acontece quando recebemos o Filho** e confessamos a revelação do Filho nos identificando com Ele, que há de nos formar de glória em glória até o pleno conhecimento de Deus na estatura de Cristo. Tão só o Espírito vivifica (Jo 6:63), o fortalecimento espiritual do homem renascido, o único que dá frutos eficazes para Deus, deve ser nossa primazia, e é o verdadeiramente valioso. Tudo o mais, o que havia nascido da carne e o que é reprovado, já que não suporta a prova do

fogo, e portanto não pode construir parte do edifício ou casa espiritual de Deus (Jo 3:6; 1Co 3:11-15; 15:50; Ef 2:18-22; 1Pe 2:5). A Igreja é coluna de uma verdade que é realidade espiritual evidente por seus frutos, o qual tão só brota da sua ministração do Espírito pela revelação divina do Filho. Sobre esta Rocha edifica Cristo a Sua Igreja, de maneira que as portas do *hades* são neutralizadas e derrotadas em face do Cristo ressuscitado que vive em cada membro de Seu corpo místico iluminando e fortalecendo-o.

O verdadeiro magistério é, pois, tão só aquele que ministra **de**, **em e pelo** Espírito Santo e para a glória de Deus, pois a competência do ministério consiste na ministração eficaz de vida pelo Espírito (2Co 3), o qual é O Único que, como dizíamos, rende evidentes frutos eficazes para Deus, reconciliando todas as coisas, na realidade, e não meramente em aparências vazias. Exorta-nos a guardar-nos dos lobos vestidos de ovelhas, pessoas que apenas têm aparência piedosa, mas cuja eficácia lhes é estranha, pois no seu interior apenas haveria capacidade. **Esta capacidade se manifesta no negócio da religião organizada carnalmente**, **que se ornamenta exteriormente e se auto-exalta com títulos altissonantes**, **como pretexto para sua avareza e vanglória**. Exorta-nos a seguir a fé, a paz, a santidade, a justiça e o amor, com os de coração limpo que invocam ao Senhor, conhecidos por seus frutos (Mt 7:15-20; 23:1-36; 2Tm 3:1-9; 2:22).

"Conhece o Senhor aos que são seus; e: aparte-se da iniqüidade todo aquele que invoca o nome de Cristo" (2Tm 2:19); tem ali o selo que autentica o firme fundamento de Deus; para isto, verdadeiramente "*nihil obstat.*"

XXIV
O SELO DO FIRME FUNDAMENTO DE DEUS

Um selo é o sinal ou marca que autentica oficialmente um reconhecimento ou uma aprovação. Quando algo não é reconhecido ou aprovado, então carece do selo oficial, de autenticação, com o qual se declara falto ou insuficiente, falso ou ilegítimo, perigoso e reprovado todo aquele que não tenha recebido o selo. Os homens descansam sua salvação em diversos tipos de fundamentos, sejam pessoas, experiências, organizações, opiniões, métodos, formas, ritos, práticas, associações, organizações etc; sem reter o único fundamento que realmente é suficiente da parte de Deus, que é Jesus Cristo (1Co 3:11); os quais que de maneira autêntica se declaram arraigados e sobreedificados n'Ele como sobre a rocha fundamental possuindo então o selo de autenticação que reconhece e aprova sua fundamentação. Tal selo é o que citamos no capítulo anterior: "Pois o fundamento de Deus está firme; tendo este selo: conhece o Senhor aos que são seus; e: aparte-se da iniqüidade todo aquele que invoca o nome de Cristo (2Tm 2:19).

O selo tem duas figuras: "conhecidos de Deus," uma; e "santidade de vida dos que invocam a Cristo,"

outra. Pela parte de Deus, o Senhor conhece os que lhes pertencem, aos que conforme ao Seu propósito são chamados. E os justificou e glorificou em Cristo Jesus (Rm 8:28-30). Por sua vez, estes mesmos, pela parte do homem, são os que amam a Deus guardando seus mandamentos ao viver em Cristo. Os iníquos não são, pois, reconhecidos de Deus. Jesus disse:

"Nem todo o que me disse: Senhor, Senhor, entrará no reino dos céus, senão aquele que faz a vontade de meu Pai que está nos céus. Muitos me dirão naquele dia: Senhor, expulsamos demônios, e em teu nome fizemos muitos milagres: E então lhes declararei: Nunca os conheci; apartai-vos de mim, os que praticais a iniqüidade." (Mt 7:21-23).

Assim a fé verdadeiramente viva se mostra em suas obras de amor (Tg 2:14-26; Gl 5:6); assim como a circuncisão serviu a Abraão como sinal de seu pacto com Deus, assim também, a circuncisão espiritual do coração certifica nossa aliança cristã com o Senhor; o corte "da carne" e o despojamento do velho homem, fazem publicamente manifesto em nossas vidas que estamos vivendo intimamente unidos a Cristo e que confiamos verdadeiramente n'Ele, transparecerá espontaneamente um amor a Deus e aos homens, que é fruto evidente do seu arraigo e fundamentação em Cristo.

A iniqüidade é incompatível com a **fonte sustentatriz divina**, e logo não é reconhecida por Deus; atribui-se a iniqüidade a um falso fundamento. Nada pode se sustentar em areia movediça. O

realizar o que Cristo nos ordena é o que demonstra a Rocha sobre a qual estamos fundados.

Os que amam a Deus, e em verdade o seguem são os que Deus reconhece; Deus aprova os que se encontram verdadeiramente no Amado (Ef 1:6); estes mesmos são Seus conhecidos que vivem por Sua graça, da qual extraem frutos de santidade que os afastam da iniqüidade. Não será reconhecida aquela virgem fantasiosa que pretende esperar a Cristo, mas apenas dorme e sonha, estando desprovida em sua vasilha do azeite, que é o Seu Espírito (Mt 25:12). Quem não tem o Espírito de Cristo não é d'Ele (Rm 8:9); e quem tendo-o em seu espírito, o contrista e o apaga, não andando n'Ele, não terá sua recompensa, e não será reconhecido no reino milenar dos céus.

PARTE V

"Solícitos em guardar a unidade do Espírito no vínculo da paz; um corpo, e um Espírito, como fostes também chamados em uma mesma esperança de vossa vocação; um Senhor, uma fé, um batismo, um Deus e Pai de todos, o qual é sobre todos, e por todos, e em todos."

Ef 4:3-6

XXV
A UNIDADE DO ESPÍRITO

"Solícitos em guarda a unidade do Espírito no vínculo da paz" (Ef 2:3). "Porque por um só Espírito fomos todos batizados em um só corpo, sejam judeus ou gregos, sejam escravos ou livres; e a todos nós foi dado beber de um só Espírito" (1Co 12:13; comparar com Gl 3:28; Cl 3:10, 11). A todos os que têm recebido a Cristo nos ministra do mesmo Espírito Santo, com o qual se estabelece a base da comunhão. A nós exorta então a guardar a **unidade do Espírito.** Disse "guardar" posto que a unidade do Espírito é um fato dado. Todos os que pessoalmente, pela fé em Cristo, bebemos do Espírito dado, somos introduzidos por intermédio d´Ele em uma comunhão espiritual que se constitui no terreno de uma **única casa espiritual de Deus**, que é a Igreja, o Corpo de Cristo. É o Espírito o que nos introduz no Corpo; portanto, sem esse Espírito estaremos fora do Corpo; mas ao beber do Espírito, Este nos comunica em Si com o resto de todos os seus.

O terreno básico do companheirismo cristão é esta comunhão do Espírito que se efetua em sete aspectos complementares: **um Espírito, um Corpo, uma mesma esperança, um Senhor, uma fé, um batismo, um Deus e Pai** (Cfr. Ef 4:4-6). Quem não tem o Espírito de Cristo não é d'Ele (Rm 8:9), pois quem tem recebido a Cristo, tem Seu Espírito e, portanto participa do mesmo Pai, submetido na mesma identificação com Cristo, pela mesma fé básica e fundamental com a qual se submete ao mesmo Senhor, tendo a mesma vocação ou

chamamento, dentro do mesmo Corpo. Portanto, a todos os que estão sobre esta mesma base nos exorta a "guardar" o **feito divino** da unidade do Espírito. É uma comunhão espiritual que nós mesmos não realizamos, mas que de fato existe, pois se não guardarmos com cuidado, perdemos parte de seus benefícios e colocaremos dificuldades ao plano divino.

Deus tem se proposto reconciliar todas as coisas em Cristo (Ef 1:10), pelo qual tem crucificado em Sua Cruz tudo pertencente à carne e à velha criação, começando com a ressurreição do Filho uma nova criação reconciliada, e em harmonia perfeita com Deus e consigo mesmo, o qual nos é ministrado primeiramente pela virtude do Espírito Divino que toma-o do Pai e do Filho e nos o participa (Jo 16:15); de maneira que no Espírito residem todos os valores da reconciliação perfeita, sendo o mesmo Espírito o **amor pessoal** do Pai e do Filho. De modo que quem tem o Espírito tem o Filho, e quem tem o Filho tem o Pai, e esta natureza divina que é puro amor é participado a cada renascido em Cristo; pelo qual nos exorta, não a produzir, mas a guardar com cuidado tal unidade do Espírito.

De maneira que a comunhão cristã está delimitada simplesmente pela participação ou não com o Espírito de Cristo. Devemos receber a quem Cristo tem recebido sobre a única base da comum participação com o Espírito de Cristo. Erigir carnalmente outros muros ou exigências é colocar dificuldades e obstáculos contra o propósito divino de reconciliação. Existem brigas na carne

que se tem levantado para demarcar dentro do companheirismo cristão um labirinto de limitações com exclusões injustas e ilegítimas. Tudo isto se tem feito por não se manter no terreno básico da unidade do Espírito. Somente a comunhão do Espírito possibilita a reconciliação de todos os filhos de Deus; portanto, é escrituralmente reprovável qualquer unificação baseada em critérios carnais tais como raça, nacionalidade, sexo, liderança, classe social, operações, dons, ministérios, seitas etc. A base da comunhão cristã é unicamente a unidade do Espírito evidenciada na comum participação de um mesmo corpo, Espírito, esperança, Senhor, fé, batismo e Deus Pai. Toda outra delimitação fica proibida. Não podemos nos associar tendo por base a raça, sendo adeptos de irmandades negras, brancas, asiáticas, brancos e negros etc, judeus e gentios, **todos somos um se estamos em Cristo Jesus**, e já somos de fato partícipes da comunhão do Espírito; pelo qual não devemos nos reparar, mas guardar e manifestar a unidade do Espírito vivendo no Amor Divino da reconciliação.

Tampouco podemos nos agrupar por nacionalidade pretendendo fazer supostas "igrejas" coreanas, alemãs, russas etc. Tudo o que herdamos em Adão tem sido crucificado com Cristo, e **em sua ressurreição tem surgido para nós uma mesma vida** por cujo Espírito, todos os que vivem por ela, Somos Um; sem ter em conta a nacionalidade. Os supostos valores carnais do nacionalismo são infinitamente superados pelos autênticos e eternos valores cristãos da comunhão universal dos co-partícipes com o Espírito de Cristo. A vida no

poder do Espírito supera as rivalidades e orgulhos nacionalistas e dissipa as inimizades. A comunhão no Espírito nos obriga a receber-nos plenamente reconciliados em Cristo.

De igual maneira acontece no âmbito das diferenças de classe social e sexo. Em Cristo não tem varão nem mulher, servo nem livre (Cl 3:11), mas é o mesmo Cristo vivendo pelo mesmo Espírito e operando em todos, homens e mulheres, ricos e pobres, cultos e incultos, patrões e empregados, reconciliando pela virtude da comunhão do Espírito, a todos na verdade, no amor e na justiça. Associar-se com os humildes é o normal para os ricos genuinamente cristãos. Trabalhar como se fosse para Cristo é o normal dos trabalhadores cristãos. Amar-nos e nos encontrarmos como irmãos, se importando também com os interesses dos outros é o normal dos contratos cristãos. O que é diferente disto, não é verdadeiramente cristão.

Esta inefável aliança cristã só se deve à comunhão do Espírito, o qual é um fato divino previsto já em Cristo Jesus pelo Espírito; portanto, com cuidado, e **vinculados na paz de Cristo, devemos guardar tal unidade do Espírito**, extraindo de Sua virtude, o vigor de nossa reconciliação e a realização consumada desta. É, pois, imprescindível andar no Espírito de Cristo para sermos beneficiários experimentados na unidade do Espírito.

Na Igreja, tampouco podemos girar em torno de líderes ou ministérios. Não podemos fazer a Cefas o centro e a razão de nossa comunhão; tão pouco

a Paulo, nem tão pouco a Apolo, nem tão pouco a nossa independência (1Co 1:11-13; 3:3-8). Os nossos são todos os de Cristo, e não apenas os de Cefas. Cefas é nosso e nós somos de Cefas em tudo o que compartilhamos de Cristo. Não mais além do Espírito de Cristo, nem mais aqui, não podemos estabelecer limites de comunhão. A comunhão se deve somente à unidade do Espírito, e Este já habita nos que Cristo tem recebido. Cristo tem recebido os quais lhes tem recebido a Ele. Devemos receber em Cristo a todos os seus membros, e não fazer diferença entre eles por causa de líderes, ministérios, operações, dons, funções e atividades. Não podemos girar ao redor de missões, organizações, denominações, seitas, por mais extensas que estas sejam; nunca se igualarão ao Corpo de Cristo, e as limitações que impõem são inconvenientes. Devemos guardar a unidade do Espírito dentro de um só Corpo valorizando-a mais que nossas afinidades naturais e mais que toda associação que encerre seu círculo com base em requisitos ilegítimos de lideranças, missões, estatutos etc.

XXVI
UM CORPO

A Igreja universal que é o Corpo de Cristo, posto que Cristo não está dividido, é uma só, e é formada por todos os filhos de Deus. Não há um só filho de Deus que está fora de Seu Corpo, posto que para ser filho, deve participar da vida de Cristo, o qual se faz recebendo-lhe por fé. Se um filho de Deus participa da vida de Cristo, então é um membro de

Seu Corpo. Quem não tem o Espírito de Cristo não é d'Ele; e pelo fato de não participar de Cristo, não é regenerado, e não pode ter acesso à Deus, não pode participar de Seu Corpo que está formado tão só por membros de Cristo. O Corpo de Cristo está formado por todos os seus membros, que são todas as pessoas aonde Cristo mora. Sendo, pois, Cristo um só, Seu Corpo é também um só; como está escrito: "Um corpo" (Ef 4:4).

"Assim nós, sendo muitos, somos um corpo em Cristo, e todos membros uns dos outros" (Rm 12:5).

"Porque assim como o corpo é um, e tem muitos membros, mas todos os membros do corpo, sendo muitos, são um só corpo, assim também Cristo. Porque por um só Espírito fomos todos batizados em um só corpo..." (1Co 12:12,13), "Mediante a cruz reconciliar a ambos em um só corpo, matando nela as inimizades... Um templo santo no Senhor" (Ef 2:16, 21).

"A paz de Deus governe em vossos corações, à qual, também, fostes chamados em um só corpo..." (Cl 3:15).

Este corpo único de Cristo formado da soma de todos os seus filhos em toda época e lugar, é a Igreja universal; e a ela pertence por direito próprio e sem necessidade de outro "ingresso;" toda pessoa que tem se identificado com Cristo Jesus, sendo, efetivamente renascida pela virtude do seu Espírito. Uma vez que Cristo haja recebido a uma pessoa, essa pessoa fica incorporada a Ele, e Cristo mora nela

fazendo-lhe membro Seu. Todos os Seus membros, sem faltar nem sobrar ninguém, formam o Seu corpo, e são de fato e por direito a Igreja universal.

Este corpo tem uma só Cabeça e uma só Vida: Cristo Jesus. A autoridade dentro do corpo é exclusivamente na Cabeça, Cristo Jesus, e opera por Seu Espírito, movendo-se através de todos os membros e delegando cada qual um serviço no Espírito. Este serviço no Espírito é uma manifestação espiritual evidente por si mesma, constituída diretamente pela Cabeça e reconhecida na comunhão do Espírito pelos membros do Corpo sujeitos a mesma Cabeça.

Cada dom tem sua própria autoridade delegada, da qual se mantém viva uma vez que está sustentada pelo ministério do Espírito e pela autoridade da Cabeça. Cristo não só nos dá dons, como também nos delega responsabilidades. **Dom e responsabilidade**, ainda que de cada talento deve-se prestar contas. Sem reter, dom e responsabilidade são diferentes; a autoridade do dom é moral; na troca a autoridade do comissionado a uma responsabilidade é ademais oficial. Quando Cristo, a Cabeça encomenda uma responsabilidade, obviamente outorga também o dom necessário para suportá-la.

O encargo é delegado com uma autoridade oficial ungida com o dom de autoridade moral. Vejamos um exemplo para entender a diferença entre autoridade oficial e autoridade moral; as delegadas diretamente de Deus: na família, o pai é o primeiro responsável por seu caminho, pelo qual se deve sujeição; sua

autoridade é oficial. Se esse pai vive sujeito a Cristo, tem autoridade moral; mas se não, de todas as maneiras ele é responsável por sua família, pelo que dará contas; e sendo sua a autoridade oficial, ainda que moralmente haja se desligado de sua obrigação. E logo que foi Deus quem outorgou essa autoridade oficial, portanto merece respeito.

No corpo de Cristo a cabeça delega Sua autoridade a quem quer; a cada membro uma competência; e ante Seu tribunal se prestará contas. A autoridade oficial na obra do Senhor a tem os apóstolos, e dentro da igreja local os presbíteros anciãos, os quais são os bispos da cidade. Autoridade moral tem todo membro sujeito à Cabeça, mas os comissionados têm uma responsabilidade especial por causa do encargo. Qualquer carpinteiro pode fazer uma mesa (autoridade moral), pois o responsável é aquele a quem foi contratado para fazê-lo (autoridade oficial). O corpo está sujeito a Sua Cabeça submetendo-se a Sua autoridade pelo Espírito Santo. Devemos nos submeter à autoridade do Espírito, que delega autoridade moral e oficial a Seus membros.

Ainda que a Cabeça delegue autoridade, mas nem por isso se desliga do Corpo, porém em suas mãos permanecem as rédeas, e com cada membro tem um contato vivo; através da oração se apela à justiça da cabeça.

A cabeça é o único coordenador de todos os membros; e já que Cristo é o Coordenador (Ef 2:21), não podemos nos rotular com círculos denominacionais, sectários ou estritamente

missionários, devemos estar abertos à comunhão com todos os irmãos, permitindo-lhe à Cabeça associar, dirigir e complementar-nos. Recordemos que Cristo é nossa paz, e que em Si mesmo há feito de muitos: **um só e novo homem**. Só, porque Cristo é único; e novo; porque provém da virtude da ressurreição; um só e novo homem: o Corpo de Cristo (Ef 2:15, 16).

XXVII
UM ESPÍRITO

Como já vimos no capítulo XXV (A unidade do Espírito), a comunhão dos membros do Corpo de Cristo se deve fundamentalmente à unidade do Espírito, um só, pois, é o Espírito o qual deve operar no Corpo: o Espírito de Cristo. Com isto queremos revelar que ficarão completamente reprovadas todas as ações que procedam de outra fonte distinta ao Espírito Santo. O que é nascido da carne é carne, o qual para nada aproveita, pois não pode herdar o reino (Jo 3:6; 6:63; 1Co 15:50). É recebida toda pessoa que tenha o Espírito de Cristo; de tal pessoa se recebe toda ação nascida no Espírito. E posto que existem outros espíritos que operam erro, se faz necessário provar os espíritos, examinar tudo e reter o que é bom (1Jo 4:2; 1Ts 5:21). O Espírito Santo se caracteriza por sua confissão de Cristo (1Jo 4:2,3), e por seu fruto (Gl 5:22, 23), pois o espírito da profecia é o testemunho de Jesus (AP 19:10).

Isto não significa que uma pessoa que possui o Espírito de Cristo nunca vai cometer uma falta ou

erro, pois, a pessoa segue sendo livre e é seu dever submeter-se voluntariamente ao Espírito Santo sem contristá-lo, o que nem sempre acontece. Porém significa que se, ainda que a pessoa tenha o Espírito de Cristo seja membro de Seu Corpo, nem por isso serão aprovadas suas ações nascidas da carne e pela instigação trapaceira de outros espíritos. Paulo escrevia aos gálatas: "Oh gálatas insensatos! Quem vos fascina para não obedecer à verdade, a vós outros ante cujos olhos Jesus Cristo já foi apresentado claramente entre vós outros como crucificado? Isto só quero saber de vós: recebestes o Espírito pelas obras da lei, ou pelo ouvir com fé? Tão néscios sois? Havendo começado pelo Espírito, agora vais acabar pela carne" (Gl 3:1-3).

Vemos que os gálatas haviam recebido o Espírito Santo que podia guiá-los a toda a verdade, mas continuaram em sua mesmice espiritual por não sujeitar-se a Ele, seguindo as obras na carne. Tais gálatas eram aceitos como irmãos, já que possuíam o Espírito de Cristo, mas não eram aceitas suas ações na carne nem suas doutrinas fascinadas pelo erro. Uma reunião de numerosas pessoas não representa em si nenhuma garantia se não está sujeito ao Espírito Santo. É muito possível, e sucedeu várias vezes na história, que suas conclusões foram apenas o consenso majoritário de uma democracia carnal,ou eco subornado e amedrontado de poderosos interesses pessoais. Não é a voz da carnalidade da maioria a que governa no Corpo de Cristo, mas, sempre Sua cabeça, Cristo Jesus, operando por meio do Espírito Santo que evidencia Sua verdade, santidade, amor, poder,

domínio próprio, glória etc. Reconhecemos tão só a um Espírito, o Espírito Santo, Espírito do Pai e do Filho (Mt 10:20; Jo 15:26; Gl 4:6), Espírito de Cristo. Este mora em todo o Corpo e se manifesta através de qualquer membro de Cristo, que lhe dá lugar, submetendo-se a Ele.

O Espírito Santo inspirou as Sagradas Escrituras e fala sempre em plena concordância com estas mesmas Escrituras que Ele mesmo inspirou. **Atendemos, pois, à natureza do Espírito por seu fruto, por sua concordância com a verdade das Sagradas Escrituras, pelo consenso dos membros de Cristo sujeitos ao Espírito**. Este tríplice testemunho concorda, já que é evidência e fruto da unidade do Espírito. **O Espírito Santo é o representante de Cristo** que opera em Seu nome levando adiante os interesses do Reino de Deus. Tal Reino não é agora deste mundo, e não se impõe pela espada, já que opera no âmbito da verdade revelada nos corações que estão nele, segundo testificou o Senhor Jesus a Pilatos (Jo 18:36,37). Para os demais está o Governo. O que é de Deus ouve aos apóstolos de Cristo cuja doutrina está nas Escrituras; o Espírito é revelado e o evangelho é alcançado graças à iluminação da revelação divina. O Espírito de erro se conhece porque não ouve aos apóstolos de Cristo que falam em perfeita harmonia com as Sagradas Escrituras; além disso, tão pouco percebe a luz do evangelho, e sua confissão do Cristo, padece no erro e na falta de revelação (1Jo 4:1-6).

Um filho de Deus pode errar, mas ao ser corrigido no Espírito Santo e na verdade apostólica escrita

reconhecerá a voz de Deus e seguirá o Bom Pastor, Cristo Jesus. Nada o arrebatará das mãos do Pai e do Filho, que operam através do Espírito Santo, cuja obra de iluminação e revelação não pode prevalecer ante o *Hades*. Todos os que são guiados pelo Espírito de Deus, são filhos de Deus (Rm 8:14) é uma promessa que todos Seus filhos serão ensinados por Jeová (Jr 6:45; Is 54:13). A unção do Espírito Santo cumpre a promessa. O novo Pacto com a Semente de Abraão é nosso em Cristo. Desde que estamos em Cristo, nada conhecemos segundo a carne (2Co 5:16).

Todos os participantes deste mesmo Espírito têm por Ele entrada ao Pai, e somos membros da mesma família de Deus, concidadãos dos santos. Somos irmãos não importa os meios ou instrumentos usados por Deus para nossa conversão e para fazer possível nossa regeneração em Cristo. É este o único Espírito de Cristo o que compartilha nos irmãos; não é o instrumento usado para nossa pesca, seja missão, denominação, equipe, pregador etc. Pertencemos a Deus e a toda sua família, e ela nos pertence pelo mesmo Espírito.

XXVIII
UMA MESMA ESPERANÇA

"Um corpo, e um Espírito, como fostes também chamados em uma mesma esperança de vossa vocação" (Ef 4:4).

"Cristo em vós, a esperança da glória" (Cl 1:27).

Deus havia prometido no princípio da humanidade que **a semente da mulher** (Cristo nascido da virgem Maria) esmagaria a cabeça da antiga serpente, que é o diabo (Gn 3:15; Ap 12:9); de maneira que o que teria o império da morte seria quebrantado; com o qual seria possível a redenção, que significaria um retorno à glória de Deus, que pelo pecado foi destruído o homem. Esta redenção levaria a cabo a semente da mulher. Para cumprir tal promessa, Deus separou Abrão, assegurando-lhe que em sua semente, a qual é Cristo, abençoaria a todas as famílias da terra, entregando-lhe em herança o mundo inteiro. Este herdeiro se assentaria no trono de Davi para sempre senhoreando desde Sião, e em Sua luz andariam também os gentios; pelo qual, o Filho de Davi, nosso Senhor Jesus Cristo, tomou também, separado das ovelhas perdidas da casa de Israel, as suas outras ovelhas, nós os gentios, e nos incluiu no trono da sua oliveira, levando-nos a um solo redil e humilde de um só pastor, Cristo, o Davi maior. Pelo qual, Paulo, o apóstolo de Jesus Cristo para os gentios, declarava o mistério revelado: que os gentios são co-herdeiros e membros do mesmo corpo, e co-participantes da promessa em Jesus Cristo por meio do evangelho (Ef 3:5,6). De maneira

que verdadeiramente, como citávamos no princípio, fomos também chamados a uma mesma esperança que se alcança e se consuma em Cristo para toda a humanidade: participam com Ele de Sua Glória, como está escrito: "Os chamou mediante nosso evangelho, para alcançar a glória de nosso Senhor Jesus Cristo" (2Ts 2:14).

"Mas não rogo somente por estes, mas também por aqueles que vieram a crer em mim, por intermédio da sua palavra; para que todos sejam um; e como és, Tu, ó Pai, em mim e eu em Ti, também sejam eles em nós; para que o mundo creia que Tu me **enviastes.** A glória que me deste, eu lhes tenho dado, para que sejam um, assim como nós somos um. Eu neles, e tu em mim, para que sejam aperfeiçoados na unidade, para que o mundo conheça que Tu me enviastes e os amastes, como também amastes a mim. Pai, aqueles que me destes, quero que onde eu estou, também eles estejam comigo, para que vejam a minha glória que me conferistes; porque me amaste antes da fundação do mundo" (Jo 17:24).

Está aqui a **esperança** que une todos os que têm Seu Espírito, sendo portanto membros do mesmo Corpo e co-herdeiros do mesmo Reino.

XXIX
UM SENHOR

Está aqui um reconhecimento fundamental dentro da comunhão cristã: "Para nós, sem impedimento, só há um Deus, o Pai, do qual procedem todas as coisas, e fomos feitos nós para ele; e um Senhor Jesus Cristo, por meio do qual são todas as coisas, e nós por meio dele" (1Co 8:6).

A verdade do Senhorio de Jesus Cristo é fundamental à fé cristã: "A este Jesus a quem vós crucificastes Deus o fez Senhor e Cristo" (At 2:36b). Que Jesus é o Senhor é a confissão insubstituível que brota do coração e dos lábios dos redimidos: "Se confessares com tua boca que Jesus é o Senhor, e creres em teu coração que Deus o ressuscitou dos mortos, serás salvo" (Rm 10:9). Era esta verdade que com a vida e a palavra envolvia a pregação apostólica, como Paulo escreveu aos coríntios: "Porque não nos pregamos a nós mesmos, mas a Jesus Cristo como Senhor, e a nós mesmos como vossos servos por amor de Jesus" (2Co 4:5). Se o que os apóstolos pregam é a Jesus Cristo como Senhor; para isto Ele nos salvou: "Porque nenhum de nós vive para si, e nenhum morre para si. Pois se vivemos, para o Senhor vivemos; e se morremos, para o Senhor morremos. Assim, seja que vivamos ou que morramos, somos do Senhor. Porque Cristo para isto morreu e ressuscitou, e voltou a viver para ser Senhor dos mortos como dos que vivem" (Rm 14:7-9).

Efetivamente Seu sacrifício por nós tem grandes implicações, pois nos reconcilia com a vontade do pai. Reconhecer a Jesus como o Senhor significa viver e morrer para Ele, visto que, "por todos morreu, para que os que vivem (a saber, os renascidos), já não vivam para si, mas para aquele que morreu e ressuscitou por eles" (2Co 5:15).

Porém o Senhorio de Cristo não se reduz aos cristãos, pois com Sua ressurreição recebeu autoridade sobre toda potestade e carne (Mt 28:18). Não só por direitos de criação, já que o Pai fez tudo com o Verbo e pelo Verbo e para o Verbo; mas aos demais por direitos de redenção, por Sua compra sacrificial que nos libertou do pecado, e **pelo sustento novo da ressurreição**. Pelo qual Deus também o exaltou sobremaneira e lhe deu o nome que está acima de todo nome, para que ao nome de Jesus se dobre todo joelho, nos céus, na terra e debaixo da terra, "e toda língua confesse que Jesus Cristo é Senhor, para glória de Deus Pai" (Fp 2:9-11). Toda criatura, mais cedo ou mais tarde, reconhecerá a soberania de Deus que tem feito herdeiro de toda plenitude a Jesus Cristo, o Filho do Deus vivente.

Só debaixo das plantas de Seus pés todas as coisas estão em seu devido lugar, pois, só a Ele corresponde o legítimo direito. Ser o Senhor significa ser o Dono absoluto com pleno direito. E Ele é dobradamente Senhor: primeiro, por natureza, já que enquanto Verbo é Deidade criadora e sustentadora, além de ser meta legítima de todas as coisas criadas por ele. Segundo, é também Senhor por conquista, porque destronou ao anjo usurpador e venceu a morte e toda

oposição, em suas provas humanas, recuperando assim o que havia perdido. É Senhor de senhores e Rei de reis, Soberano dos reis da terra, e Cabeça de todo principado e potestade, Herdeiro de todas as coisas; portanto é Juiz com poder de salvar e condenar. Ante a Ele dobram-se prontamente todos os joelhos desde o mais profundo de nossos corações.

Quem tem o Espírito Santo não pode somente reconhecer e confessar a Jesus como Senhor, pois graças a Ele temos sido transladados ao Reino do amado Filho de Deus, onde a vontade do Pai é a perfeita diretriz eterna com a que nos concedeu aliança. Os cristãos estão aliados com Deus em Sua santa vontade, por meio da lealdade a Cristo, Seu ungido ao que coloca sobre o trono altíssimo. O cristão deve reconhecer que receber a Jesus como Senhor e Cristo implica outorgar a primeira lealdade aos direitos da coroa de espinhos do Redentor; Ele, primeiro, ante a nossa própria vida, família ou propriedade.

XXX
UMA FÉ

A Fé dos cristãos é a fé do Filho de Deus; **uma fé que é dom da graça**, nascida do Espírito como iluminação da revelação. É a fé apostólica, básica e fundamental, a saber, a fé essencial para salvação. Não falamos aqui de pormenores na interpretação de doutrinas menores que apenas afetariam o galardão e não a salvação, mas falamos, sim, da fé, **a única fé**, a imprescindível para a salvação; aquela estabelecida pelo Cristo, apostolicamente: "Esta é a palavra; de que fé pregamos: que se confessares com tua boca que Jesus é o Senhor, e creres em teu coração que Deus o ressuscitou dos mortos, serás salvo" (Rm 10:8, 9). Esta é a fé apostólica: Jesus Cristo, o Filho do Deus vivente, é o Senhor, o qual havendo sido morto por nossos pecados foi ressuscitado corporalmente em incorrupção, e está vivo como soberano altíssimo e como Rei supremo a quem podemos invocar para salvação.

Por isso Paulo, antes de anunciar a fé aos coríntios em sua primeira carta, antes de estabelecer o que constituía primeiramente o evangelho de salvação, a fé única, se expressa escrevendo-lhes: "Os declaro, irmãos, o evangelho que os tem pregado, no qual também recebestes, no qual também perseverais; pelo qual assim mesmo, se retiveres a palavra que os tenho pregado, sois salvos, se não **crestes em vão"** (1 Co 15:1,2). E então estabelece a pessoa, a morte e a ressurreição de Cristo por nós como núcleo do evangelho de salvação, **a fé essencial**. Sim, era uma declaração apostólica e salvífica de importância

descomunal; a fé apostólica, a fé recebida dos cristãos primitivos no início do cristianismo. A fé é o mínimo exigido para se reconhecer um cristão; não podemos rebaixar esta mínima exigência. Está em comunhão cristã somente quem de todo coração crer e confesse a Jesus como Cristo, como o Filho do Deus vivo, como Senhor, morto por nossos pecados e ressuscitado. Sem esta fé e confissão se está fora do círculo da unidade do Espírito, com o qual se demonstra não ter o Espírito de Cristo, que a Ele glorifica; e tal pessoa não é ainda de Cristo. Não basta reconhecer-lhe como mero profeta, um iluminado a mais entre outros no mundo. É preciso ter fé, uma fé, a única. Dali brota o Cânon, o Modelo (ver capítulo XXII).

XXXI
UM BATISMO

Um cristão devidamente estabelecido e fundamentado necessariamente tem passado pela experiência de identificação espiritual com Cristo. Este "um batismo" é o batismo em Cristo com o que somos revestidos d'Ele (Gl 3:27; Rm 6:3). Uma vez que pela graça de Deus temos podido reconhecer em Jesus como Cristo, e a Sua obra como a base de nossa salvação, então devemos voluntariamente nos identificar com Ele, em Sua morte e ressurreição para recebermos o perdão e libertação n'Ele, e para sermos regenerados por Seu Espírito.

Para que fosse manifestada a identificação, a tomada de posição, o Senhor estabeleceu que a

confessássemos exteriormente por meio de confissão pública e do batismo em água; de maneira que ao consumar nossa identificação de fé, aspirando a uma boa consciência, garantiremos a certeza de nossa salvação pela promessa de sua palavra: "Quem crer e for batizado será salvo" (Mc 16:16).

Estar batizado em Cristo, a saber, devidamente identificado por fé com Ele, havendo-lhe invocado de coração pessoalmente e de forma voluntária, é requisito básico para a comunhão cristã e para a salvação. Bem, o que é imprescindível para o batismo em Cristo? Primeiro: a fé autêntica e de coração n'Ele e em sua obra; fé que obedece invocando e confessando-lhe e identificando-se com Ele em Sua morte e ressurreição. Os que faziam isto nos tempos bíblicos abaixavam-se às águas para ser batizados em sinal da consumação de sua identificação em fé com Cristo em Sua morte e ressurreição, assim confessavam sua nova posição, em Cristo Jesus. Quem salva é Cristo que opera por Seu Espírito ministrando a salvação através da fé que atua a quem se identifica com Ele; com a qual a pessoa é batizada e revestida em Cristo. A fé autêntica se apropria suficientemente da provisão, e também se exibe com confissão pública que se gloria na Graça. Não aconselhamos, pois, descuidar o descendo às águas.

XXXII
UM DEUS E PAI

Por último, anotamos como parte fundamental da unidade do Espírito, o reconhecimento do único Deus verdadeiro, *Yahweh-Elohim*, Pai de todos os regenerados em Cristo: "Um corpo, e um Espírito..., uma mesma esperança..., um Senhor, uma fé, um batismo (e por último então); um Deus e Pai de todos; o qual é sobre todos, e por todos, e em todos" (Ef 4:4-6).

O primeiro que na declaração apostólica observamos é que Deus é um. Existe um só Deus verdadeiro, e fora d'Ele não existirá Deus. Monoteísmo é, pois, a religião do Espírito. O segundo que captamos é que **este único Deus é efetivamente Deus**, o único Deus. Deidade é, pois, do que se fala aqui, com a qual **fica comprometida a onipotência, onisciência e onipresença do Ser Supremo, princípio e fim de todas as coisas**. Mas este único Deus, não é apenas o elemento de um sistema filosófico; Não! Mas é o "**Eu sou o que Sou**" que se tem revelado e a Si mesmo em forma definida e histórica; Ele é o *Yahweh Elohim*; Ele é em **Si mesmo** e se revela a Sim mesmo. É, pois, Um Deus transcendente, distinto de sua própria criação, pois é "sobre todos". Tudo o que tem criado de coisa nula e a tudo lhe tem dado um propósito. Além de permanecer e sustentar todas as coisas como dissera o apóstolo Paulo: "não está longe de cada um de nós. Porque nele vivemos, e nos movemos, e existimos" (At 17:27b, 28a). Esta imanência Dele que sustenta toda a criação, não é

panteísmo, posto que Ele é transcendente, Outro à parte de Sua criação; Ele é anterior a ela, causa e sentido dela. Este único Deus é, pois, o Autor, proprietário e o Provedor.

Observando atentamente os Nomes Divinos podemos captar os atributos de Deus. Sabemos que no hebraico, e em muitas línguas orientais, o nome caracteriza a pessoa; a saber, que a realidade de seus atributos é pronunciada e fica caracterizada em seu nome. Eis todos os Seus nomes. Ele é **ELOHIM**, o Todo poderoso (Gn 1:1); muitos reconhecem a Deus simplesmente neste aspecto: aceitam a existência de um Ser Supremo, não mais que isto. Além de: **EL ELAH, ELOHIM**, Deus é também **ELYON**, o Altíssimo (Gn 14:18); não há ninguém sobre Ele. Ele é o mais Alto e como tal Possuidor do céu e da terra; Ele é quem reparte às nações sua porção. Portanto, Deus é também **ADONAI** (Gn 15:2), o Senhor; **ADON**- **ADONAI**, Amo e Esposo. Mas tem mais; Deus é **EL-SHADAI** (Gn 17:1), aquele seio todo-suficiente que amamenta e arrima sustentando para fazer frutificar. É **EL-OLAM** (Gn 21:33), o Eterno que administra a eternidade; pelo qual é também o Ajudador de Seu povo, Jeová dos exércitos, Yahweh-Sabaoth (1Sm 1:3), que serve nas batalhas de Seu povo.

Seu nome especial em relação à redenção é **YAHWEH**, em suas sete formas compostas: Jeová-**YIREH**, O Provedor; **Jeová-RAFAF**, o Sarador; Jeová-**NISSI**, o Estandarte de nossa vanguarda e vitória; Jeová-**SHALOM**, nossa Paz; Jeová-**RAAH**, nosso Apascentador e Pastor; Jeová-**SAMA**, O

perenemente Presente em meio aos seus (ref.: Gn 22:13, 14; Ex 15:26; 17:8-15; Jz 6:24; Sl 23; Jr 23:6; Ez 48:35).

Conhecemos assim a Deus? Temos experimentado que Ele é tudo isso para nós? Deus é também Amor, Santidade e Justiça, Soma de toda Beleza e Perfeição. Mas não somente é nosso Criador e Deus, mas que este mesmo Deus, o único verdadeiro, é **nosso Pai**. Por meio de Jesus Cristo temos recebido vida eterna, e somos partícipes da natureza divina por Seu Espírito, que é garantia de suas promessas (2Pe 1:3-4). O único Deus é também nosso Pai, e como filhos de Deus, somos testemunhas de que o recebemos em nosso Espírito: "Pai, Papai," "Abba Pai." Deus tem posto o Espírito de Seu Filho em nós para que sejamos filhos adotados, seus por Jesus Cristo, de maneira que saibamos que Ele nos fez co-herdeiros com Cristo, e que nos ama como a Ele tem amado (Jo 17:23).

Por tudo isto, Deus transcendente sobre todas as coisas, e imanente por todos, está também habitando em todos os que o tem recebido o Espírito de Seu Filho; pois quem tem o Filho tem também o Pai. "Eu neles e Tu em mim. Naquele dia conhecereis que eu estou em meu Pai, e vós, em mim, e eu em vós" (Jo 17:23a; 14:20; 1Jo 2:23; 2Jo 1:9).

Está aqui tudo o que se tem falado na posição comum dos que participam da unidade do Espírito e do Corpo de Cristo. Estas são as únicas credenciais que podemos exigir; quem as possui está sobre a mesma base, e pela qual, com toda solicitude,

devemos guardar com ela a unidade já estabelecida do Espírito. O vínculo da Paz se mantém sobre este único terreno; e uma vez que nos achamos sobre Ele devemos manter e acrescentar a comunhão com todos os filhos de Deus de todo lugar, e em harmonia com os de toda época que de fato estejam fundados ali.

A partir desta vida espiritual, o Senhor usando de Sua multiforme graça de maneiras distintas para levar a estes, a unidade do Espírito já feita e por guardar, a unidade da fé e do conhecimento do Filho de Deus, até a estatura de varão perfeito em Cristo Jesus, por alcançar, já não guardar. Guardamos a unidade do Espírito, e alcançamos a unidade da fé e do conhecimento do Filho; para o qual o Senhor constituiu também o ministério da Igreja (Ef 4:3; 4:10-13). É imprescindível guardarmos a fé e buscarmos o amadurecimento de nossa fé no conhecimento pleno de Cristo. Para este último, Deus preparou um ministério que é também fundamento e coluna.

PARTE VI

"*E perseveraram na doutrina dos apóstolos,*
na comunhão uns com os outros,
no partir do pão e nas orações."

At 2:42

XXXIII
O FUNDAMENTO DOS APÓSTOLOS E PROFETAS

"E vindo anunciou as boas novas de paz a vós os que estáveis longe, e aos que estavam perto; porque por meio d'Ele ambos temos acesso ao Pai por um mesmo Espírito. Assim já não sois estrangeiros nem peregrinos, mas concidadãos dos santos, e membros da família de Deus, edificados sobre o fundamento dos apóstolos e profetas, sendo ele mesmo, Cristo Jesus, a pedra angular, em que todo o edifício, bem ajustado, vai crescendo para ser um templo santo no Senhor, em que vós também sois juntamente edificados para habitação de Deus no Espírito (Ef 2:17-22).

A **igreja universal**, que é o **Corpo de Cristo**, é um edifício para Deus formado com muitas pedras vivas, sendo esta, todos e cada um dos filhos de Deus (1Pe 2:4, 5), que são iguais a Pedro (Mt 16:15-19), são feitos pedras aptas para serem sobreedificadas e arraigadas em Cristo (Cl 2:7), quando recebem diretamente de Deus a revelação de Seu Filho Jesus Cristo, e o confessam de todo coração. Cada filho de Deus é uma pedra viva desta casa espiritual, na qual tem pedras que correspondem ao fundamento; a saber, que estão intimamente ligadas a uma função de suporte e sustento. Por isso Paulo escrevia aos gentios em Éfeso que somos "edificados sobre o fundamento dos apóstolos e profetas, sendo ele mesmo, Cristo Jesus, a pedra angular." Jesus Cristo é a **pedra angular**, a **pedra principal**.

Agora bem, além da principal, tem outras pedras intimamente ligadas a ela, que junto com ela formam "o fundamento dos apóstolos e profetas" sobre os quais somos edificados como edifício de Deus.

Jesus Cristo é o suporte dos apóstolos e profetas, e estes são o suporte em Cristo da **obra de Deus**. A Igreja universal completa resulta na "coluna e no baluarte da verdade" (1Tm 3:15).

Antes de seguir adiante, devemos advertir que só é apto para ser uma pedra viva do edifício de Deus, aquele que tenha com Cristo uma relação pessoal que o tenha regenerado; a saber, que sua vida tenha sido obtida diretamente no Espírito de Cristo; que por meio da unção seja ensinado na realidade substancial da verdade. Então, estará apto para ser coordenado por Cristo na sua localização dentro do edifício em harmonia com as demais pedras, sejam estas de fundamento e coluna como os apóstolos e profetas, ou de outra função. O que nos converte em pedras é unicamente a revelação direta divina do Filho; mas já podemos ser edificados em estreita relação aos que Cristo mesmo tem constituído para aperfeiçoar nosso serviço, pois "aquele que desceu é também o mesmo que subiu acima de todos os céus, para encher todas as coisas." E ele mesmo concedeu [ἔδωκεν] uns como apóstolos; outros profetas; outros evangelistas; outros pastores e mestres, para ajustar [καταρτισμόν] dos santos na obra de diaconia [εἰς ἔργον διακονίας], para a edificação do corpo de Cristo" (Ef 4:10-12).

Na carta aos coríntios escrevia Paulo: "A uns estabeleceu Deus na igreja, primeiramente apóstolos, logo profetas, o terceiro mestre" etc (1Co 12:28). Jesus mesmo disse: "Por isso a sabedoria de Deus também disse: Enviar-lhes-ei profetas e apóstolos" (Lc 11:49); "Portanto, eis que eu vos envio profetas, sábios e escribas" (Mt 23:34). O Senhor mesmo dá à Igreja para sua edificação a estes ministros de seu magistério: apóstolos, profetas, mestres *didascalos* [διδσκάλους], sábios, escribas, evangelistas e pastores.

E tem algo mais: a estes apóstolos e profetas, Deus revela o mistério de Cristo e do Evangelho pelo Espírito, para que eles o administrem como está escrito: "O mistério de Cristo, mistério que as outras gerações não se deu a conhecer aos filhos dos homens, como agora é revelado aos seus santos apóstolos e profetas pelo Espírito: que os gentios são co-herdeiros e membros do mesmo corpo, e co-participantes da promessa em Cristo Jesus por meio do evangelho" (Ef 3:40-46). Assim já estamos fundados em Cristo pelo Espírito, e somos também edificados sobre o fundamento dos apóstolos e profetas, dentre os quais Jesus Cristo é a pedra principal e a angular.

Jesus Cristo, o Filho enviado em nome do Pai, é portanto o Apóstolo de nossa confissão (Hb 3:1), e o Messias Profeta (Dt 18:15; At 3:22-26). Nos dias de sua carne, a saber, de sua vida terrestre na Palestina, Ele escolheu doze que fossem testemunhas oculares de seu ministério, seus padecimentos e ressurreição, os quais são os 12 apóstolos do

Cordeiro, só doze: Pedro, Tiago, o maior, João, André, Filipe, Bartolomeu, Mateus, Tomás, Tiago de Alfeu, Judas Tadeu, Simão cananita e Matias; estes são as doze testemunhas autorizadas, as que ocularmente viram com seus próprios olhos o Verbo de vida, e ouviram com seus próprios ouvidos, e lhes tocaram com suas próprias mãos desde o começo de seu ministério nos dias de João Batista, até Sua ascensão corporal ao céu, quarenta dias depois de sua gloriosa ressurreição (At 1:12-16). São chamados: "Os doze apóstolos do Cordeiro," e eram conhecidos na Igreja primitiva como os doze (At 6:2; 1Co 15:5). Estes doze se assentarão sobre doze tronos julgando as doze tribos de Israel (Lc 22:28-30; Mt 19:28). Seus nomes estarão nos doze alicerces dos muros da Santa Cidade, a Nova Jerusalém (Ap 21:14): "E o muro da cidade tinha dize alicerces, e sobre eles doze nomes dos doze apóstolos do Cordeiro." Graças ao testemunho destas doze testemunhas oculares escolhidas de antemão, **a igreja está edificada na certeza da historicidade da pessoa, obra e doutrina de Cristo**. Foram eles que estabeleceram a tradição salvífica que foi retirada em seu núcleo essencial no Novo Testamento.

Sem reter, não são estes os únicos apóstolos de que nos fala no Novo Testamento; Efésios 4:11 nos fala de apóstolos dados à Igreja pelo mesmo Senhor, depois de sua ascensão à destra do Pai; apóstolos edificadores do Corpo de Cristo que aperfeiçoam os santos para a obra do conhecimento do Filho de Deus, à estatura do varão perfeito. Estes já não são os doze

apóstolos do Cordeiro, testemunhas oculares de seu ministério terrenal, mas sim são apóstolos enviados diretamente por Cristo glorificado depois da ascensão, para edificar Seu Corpo ao longo da história da Igreja até que cheguemos todos ao que Deus tem proposto. Tal é o apostolado de Tiago, o Justo (Gl 1:19), Paulo e Barnabé (At 14:4, 14), Silvano e Timóteo (1Ts 1:1; 2:7), Andrônico e Júnias (Rm 16:7), não incluídos na lista dos doze apóstolos do Cordeiro, mas sim efetivamente apóstolos edificadores do Corpo, segundo a linguagem escritural. Iguais a Silvano e Timóteo, também Tito, Lucas, Epafrodito, Tíquico. Trófimo, Erasto, Crescente, Artemas, Aristarco, Justo etc. eram colaboradores de Paulo dentro da equipe apostólica. Próximo também a Pedro e Barnabé está o sobrinho deste, Marcos. Estes apóstolos eram provados pelas igrejas locais (Ap 2:2).

Ainda no período seguinte ao dos referidos, nos fins do primeiro século e ao longo do segundo, são abertamente reconhecidos estes ministérios com toda evidência, como consta na Didake[3]. Também Policarpo de Esmirna, discípulo direto do apóstolo João, nas ações da Igreja de Esmirna a Filadelfia e vizinhas, é chamado apóstolo. De tais apóstolos fazem também menção Clemente de Roma, Ignácio de Antioquia e Hermas. Ao longo da história pôde constatar-se o testemunho do envio pelo Senhor de notáveis varões, tais como Francisco de Assis, Raimundo Lulio, Nee To Sheng etc.

[3] A Didake referida aqui é um antigo pequeno tratado cristão, cujo título completo era "Ensinamentos do Senhor pelos doze apóstolos" datado do século I.

Ainda certamente os profetas do Antigo Testamento foram usados por Deus para preparar a vinda do Messias, não somente a estes se refere Paulo em sua carta aos Efésios quando fala aos apóstolos e "profetas." Mirando o contexto da carta e o pensamento de Paulo em suas outras epístolas, vemos que se refere como profetas a varões neo-testamentários que depois dos apóstolos proclamam humilde o Espírito Santo, a administração do ministério de Cristo e do evangelho (Ef 2:20; 3:5, 6; 4:11; Rm 12:6; 1Co 12:28-29; 1Co 14:29, 32, 37). Teremos como exemplo de profetas Agabo Simon Niger, Lúcio de Cirene, Manén, Judas Barsabás e Silas (At 11:27, 28; 13:1; 15:27, 32). Também o apologista Cuadrato.

O Senhor Jesus Cristo glorificado à destra do Pai, é quem pelo Espírito Santo dá diretamente homens capacitados à Igreja para edificá-la: apóstolos, profetas, evangelistas, pastores e mestres. Jesus prometeu que enviaria sábios e escribas. É o Senhor mesmo quem os capacita para o ministério para edificação das igrejas. Cada um deve se considerar o menor entre os demais, disposto a servir como o menor, de acordo com a seguinte ordem: "primeiramente apóstolos, depois profetas, em terceiro mestres" (1Co 12:28).

Todos estes, incluídos os apóstolos e profetas, e entre os apóstolos os doze também, são **anciãos ou presbíteros** (1Pe 5:1; 2Jo 1; 3Jo 1); a saber, são varões principais estimados entre os irmãos por razões de seu amadurecimento (At 1:23; 15:22). Assim enquanto mais maduros e reconhecidos, são os presbíteros, que significa anciãos. Estes mesmos,

por razão de serem postos pelo Espírito Santo para supervisionar a igreja do Senhor, são de fato *epíscopos*, chamados os bispos. A estes mesmos, o Senhor dá ministérios de profetas, mestres, evangelistas, pastores e inclusive, dentre estes, o Senhor mesmo envia apóstolos, como consta em At 13:1-3. Batava um presbitério local para separar com imposição de mãos a estes enviados do Senhor. Hoje devemos ter o mesmo procedimento.

Apóstolos, profetas, evangelistas e mestres, são itinerantes. Profetas, mestres, evangelistas e pastores são também locais. Os apóstolos eram além de representantes diretos do Senhor, quem os enviava para a obra segundo a direção do Espírito Santo. **A obra consistia na fundação, confirmação e edificação de igrejas locais, uma por localidade**, dentro de uma região designada a cada grupo apostólico, pelo Espírito Santo (Atos capítulos 13 e 15). Estes apóstolos têm colaboradores e ajudantes. Eram enviados para o ofício com um grupo especial; as igrejas locais os reconheciam. Eram ungidos e confirmados pelo Senhor (2Co 1:21), destacados com paciência e prodígios (2Co 12:12), a marca cujo apostolado era seu fruto (1Co 9:2). As igrejas locais os aprovavam antes de reconhecê-los.

Estes apóstolos eram quem pelo Espírito discerniam dentre as igrejas locais aos que o Espírito Santo havia posto como supervisores (*epíscopos*) ou bispos, e então os distinguia ante o povo com imposição de mãos, para constituí-los presbíteros ou anciãos da igreja local, assim reconhecida oficialmente sua autoridade moral.

A jurisdição dos apóstolos era a região de sua obra para a edificação da Igreja universal; tal região costumava ter limites nomeados a cada um pelo Espírito Santo; teria também a região um centro de onde partiam os apóstolos e ao que regressavam, e onde também exerciam como anciãos (At 9:32a; 11:2; 13:3-14; 15:36a; 18:23; 19:1-27). Exemplo de tais centros são Jerusalém, Antioquia e Éfeso. Estes centros são móveis segundo a maturação da obra do Espírito. Seu valor não está em uma sede, mas na operação evidente do Espírito. O Espírito prepara às sedes, e não vice-versa.

A jurisdição dos anciãos ou bispos, ou seja, dos *episcopos* supervisores destacados como presbíteros é a cidade da igreja local (At 14:23; 20:17, 28; Fp 1:1; Tt 5:7). Juntos a eles serviam os diáconos.

O Espírito usou tais canais para abençoar as igrejas edificando-as sobre o fundamento de Cristo primeiramente, e de tais apóstolos, e então também de tais profetas; a estes, pois revela Deus o mistério de Cristo e do Evangelho de modo que o administrem pelo Espírito como ministros do Novo Pacto, não da letra gloriosa que condena, mas do Espírito mais glorioso que justifica (2Co 3:3-11). Estes apóstolos e profetas são as pedras vivas que junto à **pedra principal e angular**, Jesus Cristo, constituem o magistério fundamental sobre o que são edificadas as igrejas que constituem o Corpo de Cristo. **Os vencedores em cada igreja local são colunas do templo de Deus** (Ap 3:12; Gl 2:9). Como foi espiritualmente no passado, assim é nos nossos dias, e assim tem sido na verdade espiritual

ao longo da história, apesar da Babilônia de joio semeada pelo diabo entre o trigo. Os vencedores são os que pelo Espírito, têm se mantido próximos do nível espiritual original.

Anteriormente tínhamos nos afastado do vinho fundamental, mas agora introduzimos a consideração de seu odre fundamental e apropriado.

XXXIV
AS IGREJAS DOS SANTOS

O Cristo não dividido, **um só e novo homem,** habita pelo Espírito Santo em todos os seus filhos, fazendo a todos e a cada um deles, membros de Seu Corpo, a Igreja universal, edificada pela Cabeça enviada do Pai, o Apóstolo de nossa confissão, Cristo Jesus, que por Sua vez, pelo Espírito Santo, escolheu aos doze que estiveram com Ele como testemunhas oculares, e a quem chamou "enviados," aos apóstolos, para dar testemunho de Sua ressurreição sendo seus discípulos; depois de Sua ascensão agregou pelo Espírito homens ungidos dados à Igreja para edificá-la como apóstolos, profetas, evangelistas, pastores e mestres, sábios e escribas, com os quais fundou Cristo as igrejas da Judéia e as igrejas dos gentios, e o faz assim até hoje, edificando dessa maneira o Corpo **criando a unidade da fé e do conhecimento do Filho de Deus, até a estatura de varão perfeito**, e crescendo em amor, para que sejamos co-herdeiros com o Filho de Seu Reino de antemão anunciando a Israel. Tal Corpo celestial, místico e sobrenatural, invisível ao olho natural,

tem seus pés na terra e na história, no espaço e no tempo; e têm tomado a forma visível ao mundo de igrejas locais, as igrejas dos santos, segundo a linguagem escritural.

As igrejas dos santos são fundadas pelo Cristo glorificado mediante a operação do Seu Espírito, através do ministério do Corpo; e por intermédio do ministério de todos os santos, aperfeiçoados pelos homens ungidos, dados diretamente por Cristo à Igreja universal, que são visíveis nas igrejas locais dos santos.

As igrejas dos santos são as assembléias dos filhos do Reino, plantados no mundo, cujo no mesmo campo, o diabo tem semeado discórdia aos filhos do mal. A rede tem recolhido peixes bons e maus, dos quais os últimos causam tropeços, e por sua fornicação e infidelidade espiritual, tem-se constituído à **misteriosa Babilônia, a grande prostituta, mãe de outras prostitutas**. Do meio de tal Babilônia, chama a voz celestial ao povo do Senhor, para que não participe dos pecados e calamidades, para que os seus se mantenham vencedores, em cada igreja local plantada no mundo, segundo a fé, a justiça, o amor, a paz, a santidade, com todos os que de coração limpo invocam ao Senhor (Mt 13:38-41; Ap 17:1-6; Mt 13:47-50; Ap 18:4; 21:7; 2Tm 2:22).

"Igreja" significa **assembléia separada além de**. Todos os filhos de Deus são os santos separados pelo Senhor para formar em um lugar em dada época, a assembléia de Seu Reino que busca Sua

justiça. Em cada localidade onde sete ou oito[4] filhos de Deus estejam reunidos em Cristo, se estabelece a igreja da localidade. Pode reunir-se em uma casa, porém sua jurisdição é a cidade ou localidade; a saber, que todos os filhos de Deus de uma localidade formam de fato e por direito próprio, sem necessidade de outro ingresso, a igreja da localidade. Esta não deve dividir-se, e sim dar testemunho em unidade de Cristo e de Seu Reino. Os vencedores apontarão isto.

De acordo com as Escrituras não estamos autorizados a ter mais de uma igreja por localidade, todos os filhos de Deus de uma cidade já são a igreja do lugar e estamos obrigados a guardar solicitadamente a unidade do Espírito, perseverando juntos e unânimes na doutrina dos apóstolos, na comunhão uns com os outros, no partir do pão e nas orações, recebendo a todos os que por Cristo foram recebidos. A igreja não deve deixar de reunir-se, se é possível em um só lugar, ou em vários, pelas casas etc, segundo a necessidade, mas mantendo a unidade do Espírito, reconhecendo a mesma mesa com um só pão discernindo o Corpo, e anunciando a morte de Cristo por nós e Sua ressurreição até que Ele volte como quando foi glorificado a destra do Pai.

O Novo Testamento não fala de supostas "igrejas" denominacionais, fala somente de igrejas locais: de Jerusalém, Antioquia, Cencréia,

[4] Dois ou três são suficientes para reunir-se em nome do Senhor Jesus Cristo, em tempos posto sete ou oito para que se possa completar o ciclo implícito em Mt 18:15-17, em relação à nascente igreja local de uma cidade.

Corinto, Tessalônica, Éfeso, Esmirna entre outras. As igrejas pelas casas são citadas em quatro ocasiões no Novo Testamento, não eram igrejas menores e múltiplas dentro de uma localidade, pois em Jerusalém as reuniões aconteciam em várias casas, mas não eram várias igrejas, e sim apenas a igreja de Jerusalém. As igrejas em casa de Áquila e Priscila, em casa de Filemom, em casa de Ninfas, eram a igreja da localidade reunida em tal casa; e não eram igrejas sectárias minúsculas divididas do resto dos Filhos de Deus da cidade. Isto não é permitido! A igreja em casa de Áquila e Priscila era a igreja única de Éfeso, um só candeeiro (Ap 2:1); a igreja em casa de Filemom era a igreja única de Colossos (ver Teodoreto)[52]; a igreja em casa de Ninfas era a única igreja de Laodicéia, um só candeeiro (Cl 4:15, 16; Ap 3:14).

Por outra parte, a autonomia de tais igrejas não era quebrada por uma hegemonia provincial, nacional, continental ou mundial, que lhes conferissem o caráter de igrejas locais autônomas. Posto que não havia nas Escrituras nenhuma autorização para igrejas maiores em uma só cidade ou localidade. Sempre se fala de igrejas, de Galácia, Macedônia, Acaia, Judéia, Ásia Menor, Síria, Cilícia, ao referir-se a nações ou províncias; se fala também em plural ao referir-se mundialmente: "igrejas dos santos," "igrejas dos gentios," "em toda parte por todas as

[5] Teodoreto de Ciro (386-458), bispo, historiador eclesiástico antigo, exegeta, teólogo e polemista. A ele se deve a classificação das naturezas em Cristo, base do concílio de Calcedônia, contra as idéias monofisitas de Eutiques. É considerado o teólogo mais difundido da escola de Antioquia.

igrejas." Escrituralmente não é lícito destruir a autonomia das igrejas locais, como tampouco é lícito dividi-las dentro da mesma localidade.

A obra apostólica regional edifica o mundo, não devemos destruir sua autonomia da igreja dos santos, ao contrário, devemos edificá-las. Cada igreja local tem seu próprio presbitério dos bispos, posto pelo Espírito Santo e assinalado pelos apóstolos; junto aos bispos da cidade estão os diáconos, eleitos pela igreja, em cada cidade. Este presbitério é o responsável por apascentar, ensinar, administrar, governar à igreja em sua autonomia, a qual tem direito de aprovar aos apóstolos e ministros itinerantes que operem em sua região; deve acolher os autênticos ministros de Cristo, e não deve permitir na igreja a influência de falsos.

As igrejas locais, sem destruir sua autonomia, matam a comunhão do Espírito com as demais igrejas locais da região e do mundo, sendo cada uma responsável por seu próprio candeeiro no tempo e no espaço que lhes forem delimitados. Tal comunhão espiritual das igrejas permite a ajuda e admoestação mútua, mas não a hegemonia.

Se uma igreja local render-se ante uma hegemonia inconveniente, se faz responsável por sua caída, pois foi a ela, à igreja local, a que se encarregou o testemunho de Cristo em seu lugar e época, e não deve permitir que tal testemunho seja destruído, nem de dentro nem de fora. A igreja local junto a seu presbítero está debaixo da autoridade da Cabeça do Corpo pelo Espírito Santo. Pode e deve buscar ajuda

espiritual fora de seu âmbito, mas sem renunciar a sua autonomia e responsabilidade local.

A igreja deve se reunir, cada um deve ministrar aos demais segundo o dom recebido. **Cada um tem algo de Deus para os demais**, e mutuamente devemos nos ensinar, animar, ajudar e exortar etc. **Ninguém deve tomar por hábito não reunir-se**, mas como a igreja de Jerusalém, devemos perseverar juntos e unânimes na doutrina apostólica, na comunhão, no partir do pão e nas orações.

XXXV
A DOUTRINA DOS APÓSTOLOS

As igrejas locais devem ser iguais à igreja em Jerusalém no início do Cristianismo, devemos perseverar juntos e unânimes na doutrina dos apóstolos. E qual é a doutrina dos apóstolos? Onde encontrá-la com seguridade? Inicialmente eles anunciaram e as pessoas em Jerusalém que conheciam os atos da vida pública de Jesus de Nazaré se reuniam pelas casas e escutavam o testemunho da ressurreição de Cristo da parte dos que comeram e beberam com Ele, depoimentos assistidos depois que Ele ressuscitou dos mortos. Os apóstolos não podiam deixar de dizer tudo o que haviam visto e ouvido. Com tais testemunhos, os depoimentos foram autorizados, fortalecidos pela aprovação de todos os demais que de uma maneira ou de outra tiveram relação com a vida pública do Senhor Jesus Cristo, o conteúdo da tradição foi sendo formado, nos primeiros anos antes do Novo Testamento ser escrito.

Lucas 1:1-4 nos diz que já em sua época muitos haviam tratado de estabelecer por escrito a história das coisas verdadeiras ocorridas entre eles. Não obstante, daquele volume de escritos e de outros posteriores, nem todos foram fiéis, pois alguns adicionavam inscrições duvidosas, outros faziam modificações por conta própria etc. Portanto, tais escritos começaram a se usados com certa reserva, classificados como "apócrifos,"[6] e foram permanecendo somente na base dos livros que guardavam a tradição mais segura, fortalecida pela autoridade dos depoimentos autorizados, tais como os mesmos apóstolos, ou homens próximos a eles como Marcos e Lucas. A coletânea de escritos autorizados formou o cânon do Novo Testamento. Os escritos dos que conviveram mais intimamente com Jesus em Sua vida pública nos restaram os de Pedro, Tiago, João, Mateus, Judas Tadeu; o que Pedro ensinava aos gentios em Roma foi copiado por Marcos em seu evangelho, o qual existe certeza quanto ao relato, pois Marcos foi o intérprete de Pedro, além de companheiro de Paulo e Barnabé. Pápias, discípulo do apóstolo João, conhecedor dos apóstolos, escrevia que João sabia que o registro de Marcos era correto. Conhecendo João os três evangelhos sinópticos e aprovando-os, adicionou o seu, o quarto evangelho, para completar o quadro mais importante.

Pedro havia escrito que ele procuraria com diligência que seus ouvintes conservassem lembran-

[6] Apócrifo significa oculto, e refere-se ao falso, suposto ou fingido. Diz-se de um livro atribuído a autor sagrado. Os livros apócrifos não estão incluídos no Cânon da Bíblia.

ça daquelas coisas (2Pe 1:14-15); dele nos restou cartas do Novo Testamento e o registro de Marcos. Mateus, do círculo apostólico, nos guardou em seu livro o essencial da vida e ensinamentos públicos de Jesus no aspecto hebraico. De Tiago e de Judas, ambos irmãos de Jesus, nos restou uma carta de cada um. De João nos restou o Apocalipse, o Evangelho e três cartas. Do apóstolo Paulo, mestre por excelência dos gentios, separado pelo Senhor para esse preciso propósito, e cujo apostolado e ensinamento foi reconhecido por Tiago, Cefas e João, nos deixou uma coleção paulina de cartas reconhecidas por Pedro (2Pe 3:15, 16). De Lucas, companheiro de Paulo, médico e investigador conceituado que indagou pessoalmente acerca das coisas até sua origem, podendo fazê-lo em averiguações com os mesmos apóstolos, os parentes do Senhor e Maria, Lucas nos deixou uma história dos tratados a Teófilo: seu evangelho e o livro de Atos dos Apóstolos, e possivelmente também a epístola aos Hebreus.

Dentre todo o volume de escritos, somente estes citados foram evidenciados pelo Espírito Santo e os depoimentos primitivos como digníssimos de completo crédito; os demais permaneceram relegados à categoria de reservados, não podendo deles extrair suficientemente autoridade. O recolhido no Novo Testamento é a tradição mais segura e precisa, e é, portanto a norma estabelecida com a qual delibera toda a tradição cristã. O Novo Testamento estabelece a tradição inspirada e considera outra tradição a que não lhe seja perfeitamente similar. De maneira que no Novo Testamento, temos a doutrina dos apóstolos a partir de relatos escritos

pelos próprios apóstolos dirigidos por eles a cristãos comuns. Paulo dizia: “Porque não os escrevemos outras coisas das que ledes; ou também entendeis; e espero que até o fim as entendereis” (2Co 1:13). E aos efésios escrevia: “por revelação me foi declarado o mistério, como antes o escrevi brevemente, lendo o qual podeis entender qual seja meu conhecimento no mistério de Cristo” (Ef 3:3,4).

De maneira que as cartas apostólicas eram dirigidas as igrejas locais e a crentes comuns que poderiam entendê-las, pois não escreviam outra coisa senão o que poderia ser lido. Assim é ater-se com perseverança à doutrina estabelecida nas cartas, pois o mesmo apóstolo escreve: “Assim, pois, irmãos permanecei firmes e retenha a doutrina que haveis aprendido, seja por palavra, ou por carta nossa (2Ts 2:15).

E mais adiante adverte a igreja local: “Se alguém não obedece ao que dizemos por meio desta carta, notai-o; nem vos associeis com ele, para que fique envergonhado. Todavia não o tenhais por inimigo mas advertir-o como irmão” (2Ts 3:14, 15).

De maneira, que não importa quão grande e espiritual aparente ser qualquer pessoa, de qualquer maneira deve- se reconhecer o que está escrito, sem direito a modificá-lo, pois: “Se alguém se considera profeta ou espiritual, reconheça ser mandamento do Senhor o que vos escrevo” (1Co 14:37).

Os escritos apostólicos devem ser lidos na igreja com cuidado e respeito a sua autoridade: “Conjuro-

vos, pelo Senhor, que esta epístola seja lida a todos os irmãos" (1Ts 5:27). Não se deve entender que a verdade é dirigida apenas a uma igreja local; pelo contrário, o escrito a uma igreja local deve também ser lido em outras igrejas locais. A carta aos gálatas era dirigida a várias igrejas locais; igualmente as cartas de Pedro, Tiago, Judas, a primeira de João e a dirigida aos hebreus; aos colossenses escreve Paulo: "E, uma vez lida esta epístola perante vós, providenciais que seja também lida na igreja dos laodicenses; e a dos de Laodicéia lede-a igualmente perante vós" (Cl 4:16). As cartas apocalípticas enviadas pelo Senhor mediante o apóstolo João às sete igrejas da Ásia, ainda que dirigidas cada uma a uma igreja local, eram válidas e proféticas, para outras igrejas e épocas, pois: "o que tem ouvido ouça o que o Espírito disse às igrejas" (Ap 2:7, 11,17,23,29; 3:6,13,22)." Bem-aventurados os que lêem, ouvem e guardam as coisas escritas na Revelação de Jesus Cristo (Ap 1:3).

Desde o princípio era normal nas igrejas dos santos, ler os escritos apostólicos, pois supriam sua ausência e estabeleciam a verdade; V. e gr.: "Os que foram enviados desceram logo para Antioquia e, tendo reunido a comunidade, entregaram a epístola. Quando a leram, sobremaneira se alegraram pelo conforto recebido" (At 15:30,31). Justino Mártir também nos informa daquela prática primitiva.

Tudo realmente necessário, prioritário, urgente e essencial para salvação das almas e edificação das igrejas, se fala nas Sagradas Escrituras, e sua autoridade é irrefutável. "Estas coisas os escrevemos

para que vosso gozo seja cumprido" (1Jo 1:4). "Na verdade, fez Jesus diante dos discípulos muitos outros sinais que não estão escritos neste livro. Estes, porém, foram registrados para que creiais que Jesus é o Cristo, o Filho de Deus, e para que, crendo, tenhais vida em seu nome." (Jo 20:30,31). Para o conhecimento suficiente reexaminem atentamente as seguintes passagens das Escrituras: Rm 15:15, 16; 1Co 15:1-8; Gl 6:16; Fp 3:15-17; 1Tm 1:15; 2Tm 3:15-17; Tt 3:4-8; 1Pe 5:12; 2Pe 3:1,2; 1Jo 1:4-10; 2:1-7; 3:11, 23; 5:10-13; Jd 1-3; Ap 22:6-10.

Qualquer leitor atento destas passagens falará que elas por si mesmas estabelecem com autoridade apostólica a suficiência do conteúdo nas Escrituras para conhecer claramente e estabelecidamente o que é o **evangelho da salvação**.

XXXVI
A COMUNHÃO UNS COM OS OUTROS

Na noite da última ceia o Senhor Jesus disse: "Novo mandamento vos dou: que vos ameis uns aos outros; assim como eu vos amei, que também vos ameis uns aos outros. Nisto conhecerão todos os que sois meus discípulos: se tiverdes amor uns aos outros" (Jo 13:34-35).

Este Amor é a característica do autêntico cristianismo. Em virtude deste amor teremos comunhão uns com os outros; compartilhamos tudo; e servimos uns aos outros. É amor o que constitui o coração de Deus, e Seu desejo e propósito ao nos

criar e nos redimir é que cheguemos a compartilhar o amor do Pai, do Filho e do Espírito Santo, o Amor Divino.

Assim como o Pai, o Filho e o Espírito Santo **são uma só essência divina que é amor**, fomos criados para participar com Deus desse Amor, para amar com esse Amor, e para que todo os que estão n'Ele sejam perfeitamente um em Amor.

Quem tem nascido de novo, graças a Cristo, possui uma natureza capaz de amar. Quando o novo homem interior é edificado, ele cresce em amor, o qual vai sendo manifestado na Igreja na comunhão. Esta *koinonia* se acrescenta até a medida da perfeita unidade, e vai saindo de seu abrigo no espírito e convertendo a alma, com sua vontade, mente e comoção, a uma reconciliação total cuja fidelidade se alimenta da essência divina. Então se abre o coração e as mãos, e a pessoa se entrega totalmente.

Ungidos neste amor, os santos em Jerusalém (e em várias outras ocasiões da história), "ninguém considerava exclusivamente sua nem uma das coisas que possuía; tudo, porém, lhes era comum" (At 2:32). Voluntariamente, e constrangidos somente pelo Espírito de amor, se entregavam ao serviço de Deus, servindo-se uns aos outros em Cristo. "Todos os que creram estavam juntos e tinham tudo em comum. Vendiam as suas propriedades e bens, distribuindo o produto entre todos à medida que alguém tinha necessidade. Diariamente

perseveravam unânimes no Templo, partiam pão de casa em casa e tomavam as suas refeições com alegria e singeleza de coração, louvando a Deus e contando com a simpatia de todo o povo" (At 2:44-47).

Neste ambiente nascia a Igreja; neste ninho eram empolados os novos convertidos. O sentir do Espírito de Cristo não tem se modificado nem cessado; à medida que se cresce no Senhor, o coração se dispõe para os demais, deixando cravado com Cristo em Sua Cruz que fazemos nossa, o egoísmo da natureza adâmica e carnal.

O caminho mais excelente é o amor. Tudo perde seu valor se falta amor. Este amor se expressa em comunhão, se entrega em abnegação. Todo o evangelho aponta para isto. Nisto cremos, nos arrependemos e nos batizamos; para isto recebemos o Espírito Santo; e somos ensinados e edificados; para participar com Cristo em um Reino de amor que já começa desde o seio da Igreja a ser preparado aqui. Tudo que é anterior termina aqui e os intrépidos o alcançarão.

XXXVII
O PARTIR DO PÃO

A igreja local deve perseverar também no partir do pão; o Senhor Jesus ordenou que o faríamos em memória d'Ele. Na noite em que foi entregue tomou o pão abençoando-o e havendo dado graças o partiu e o deu aos seus discípulos, dizendo: "Tomai, comei, isto é o meu corpo que por vós é dado (o partido). Fazei isto em memória de mim" (Mt 26:27; Mc 14:22; Lc 22:19; 1Co 11:24). Depois de ceiar, tomou também o cálice e havendo dado graças lhes disse: "Bebei dele todos; porque este é meu sangue do novo pacto, que por muitos é derramado para remissão dos pecados. Este cálice é o novo pacto em meu sangue que por vós se derrama. Fazei isto todas as vezes que o beberdes em memória de mim" (Mt 26:27, 28; Mc 14:20; 1Co 11:25).

Desde o princípio os cristãos perseveravam no partir do pão, acerca do qual escrevia Paulo: "porventura, o cálice da benção que abençoamos não é a comunhão do sangue de Cristo? O pão que partimos não é a comunhão do corpo de Cristo? (1Co 10:16).

O Senhor quer que todos façam aquilo em memória d'Ele; todos devemos partir o pão, todos devemos abençoar o cálice, e todos devemos beber dele em sua memória, dignamente e com discernimento.

O pão que partimos e o cálice que abençoamos, em memória de Cristo, é a comunhão de Seu corpo e de Seu sangue, o Senhor Jesus já havia dito

antes: “O que crê em mim, tem a vida eterna. Eu sou o pão da vida. Vossos pais comeram o maná no deserto e morreram. Este é o pão que desce do céu, para que todo o que dele comer, não morra. Eu sou o pão vivo que desceu do céu; se alguém comer deste pão, viverá para sempre; e o pão que eu darei é minha carne, a qual eu darei pela vida do mundo... Em verdade, em verdade vos digo: se não comerdes a carne do Filho do Homem, e beberdes seu sangue, não tendes vida em vós. O que come minha carne e bebe meu sangue, tem vida eterna; e eu lhe ressuscitarei no último dia. Porque minha carne é verdadeira comida, e meu sangue é verdadeira bebida. O que come minha carne e bebe meu sangue, em mim permanece, e eu nele.

Como me enviou o Pai vivente e eu vivo pelo Pai, assim mesmo o que me come, ele também viverá por mim.

Este é o pão que desceu do céu; não como vossos pais comeram o maná (no deserto) e morreram; o que come deste pão viverá eternamente (Jo 6:47-51, 53-58).

E posto que seus discípulos disseram que era dura tal palavra, e quem a poderia ouvir? Então Jesus acrescentou a razão de suas afirmações: “O Espírito é o que dá vida; a carne para nada aproveita; as palavras que eu vos tenho falado são espírito e são vida” (Jo 6:63). Suas palavras são “espírito e vida” e devemos comer d’Ele “do mesmo modo” como o Pai vivo lhe enviou, e Ele vive pelo Pai (v.57).

Com esse mesmo sentimento, como de quem se entrega a Si mesmo para ser a vida sustentatriz, foi que o Senhor tomou o pão abençoado e repartiu-o e disse-lhes: "Este é o meu corpo," em seguida: "Este é o meu sangue." O que devemos entender é que Cristo nos deu a Si mesmo por sustento para que ao assimilá-lo vivamos por Ele com vida eterna, para a ressurreição também de nosso corpo no último dia.

No Filho de Deus está a vida, e Sua ressurreição e glorificação é nossa, pois participamos d'Ele, sendo carne de Sua carne e osso de Seus ossos. Por isso o partir o pão em sua memória, devemos recebê-lo da mesma maneira como o receberam os apóstolos naquela mesa, pois participamos dessa mesma mesa e do mesmo Espírito; como se aquela ocasião se prolongasse até hoje ao fazê-lo em Sua memória; de maneira que o fazemos como Ele, já que Ele mesmo disse: "fazei isto;" e esse "isto" é, pois, o mesmo. É por essa razão que ao comer "o pão" e ao beber do "cálice," devemos fazê-lo dignamente discernindo o corpo do senhor (1Co 11:27-32).

O "partir do pão" é por uma parte, um memorial d'Ele e de Seu sacrifício. Por outra parte, é também um anúncio de tal sacrifício até Seu regresso, como disse Paulo: "Assim, pois, todas as vezes que comerdes este pão, e beberdes este cálice, anunciais a morte do Senhor até que ele venha" (1Co 11:26). Memorial, anúncio, e o partir do pão é também **"a comunhão do corpo de Cristo,"** assim como o cálice da benção é **a comunhão do sangue de Cristo** (1Co 10:16).

Comer "**o pão**" e beber do "**cálice**" discernindo o Corpo do Senhor é fazê-lo "do mesmo modo" como o Filho enviado vive pelo Pai vivo (Jo 6:57). É por isso que comer "**o pão**" e beber do "**cálice**" do Senhor indignamente é profanar o sacrifício; sim, faz-se culpável ao profanar não apenas o "**pão**" e o "**cálice,**" mas culpável do "**corpo**" e do "**sangue**" do Senhor.

Nesta comunhão do Corpo, verdadeira comida, e do Sangue, verdadeira bebida, nós não só recordamos Seu sacrifício, e não somente apenas o anunciamos, mas também participamos dos efeitos desse Santíssimo Sacrifício feito na cruz para sempre. Pela fé, nós aplicamos hoje a nosso favor a validade do sacrifício da cruz, e no momento de partir o pão, realizamos nossa participação com o Cristo sacrificado e ressuscitado que regressará. A "comunhão do Corpo" é a participação íntima, verdadeira, real e profunda, como perfeitamente um, com Cristo, com a Cabeça e os membros, Jesus é a Cabeça e a Igreja seus membros. Jesus e a Igreja são o Corpo de Cristo, um só e novo homem. Por isto o pão é "um só," e a mesa é a "do Senhor."

Discernir o corpo implica também, receber em Cristo a todos os que Cristo tem recebido, pois, à "mesa d'Ele" se assentam todos os seus. Não podemos excluir de Sua mesa a nenhum dos seus, os quais Ele os tem recebido, pois estaríamos fazendo "outra" mesa, "nossa mesa, e não "a d'Ele." O que seria heresia. Discernir é ver por trás das aparências; ninguém, nem a Cristo, conheceremos segundo a carne (2Co 5:16). A nossa é uma

verdadeira comunhão com Cristo e com a Igreja, em nova criação, também manifesta no amor e no anúncio da nossa unidade em Deus, para que o mundo veja e creia.

Um aspecto a mais. Posto que o partir do pão, além de memorial e anúncio, é a comunhão do Corpo, **tal comunhão é uma aliança** que também nós, por meio de Jesus Cristo, e ao participar dos benefícios de Seu sacrifício, **nos oferecemos em sacrifício**, e ministramos por Ele ao Pai, sacrifícios espirituais. Tal aspecto sacrificial inclui também a aliança. Está escrito: "Vós também como pedras vivas, sois edificados como casa espiritual e sacerdócio santo, para oferecer sacrifícios espirituais aceitáveis a Deus por meio de Jesus Cristo" (1Pe 2:5). Por meio de Jesus Cristo, cuja aliança comemoramos no partir do pão, oferecemos a Deus sacrifícios espirituais aceitáveis. E são aceitáveis por intermédio de Jesus Cristo; a saber, extremamente ligados ao Seu sacrifício. Por isso também a carta aos Hebreus nos fala que "Ofereçamos a Deus sempre, sacrifício de louvor, que é fruto de lábios que confessam o seu nome. E de não negligencieis igualmente a prática do bem e a cooperação mútua; pois com tais sacrifícios Deus se compraz" (Hb 13:15, 16). Fala-nos aqui do sacrifício de louvor e de sacrifício da ajuda mútua (renunciado para dar); sacrifícios tais feitos **por meio de Jesus Cristo**.

O Sacrifício de Cristo, feito uma vez para sempre, que recordamos, anunciamos, e do qual participamos consumadamente no partir do pão dignamente, a aliança, é também o conteúdo que

possibilita nossos sacrifícios espirituais a Deus, tais como a confissão de Seu Nome e o louvor, a ajuda mútua, o apoio missionário (Fp 4:18), e a consagração pessoal (Rm 12:1).

XXXVIII
AS ORAÇÕES

Além de perseverar na doutrina dos apóstolos, na comunhão uns com os outros, e no partir do pão, a igreja primitiva perseverava também nas orações. O Senhor Jesus havia dito: "Em verdade também vos digo que, se dois dentre vós, sobre a terra, concordarem a respeito de qualquer coisa, que porventura, pedirem, ser-lhes-á concedida por meu Pai, que está nos céus.

"Porque, onde estiverem dois ou três reunidos em meu nome, ali estou no meio deles" (Mt 18:19, 20). Além da importantíssima oração individual que cada cristão deve cultivar em sua devoção ao Senhor, é da vontade de Deus que os seus se unam para orar acerca das coisas relativas ao Reino e ao propósito Divino.

Orar é falar com Deus, tratar íntima e diretamente com Ele de coração; a saber, dizer encarecidamente. Na relação com o Altíssimo Soberano, destacamos as diversas maneiras que se manifestam as diversas classes de oração, todas válidas e necessárias. Existe a pura adoração, que nos prostramos ante Sua admirável grandeza para nos entregar a Ele totalmente enquanto o

contemplamos admirados. Existe também o louvor que confessamos e reconhecemos Sua excelência; esta classe de oração está relacionada à ação de graças, com a qual expressamos nossa gratidão por Ele e por todos Seus benefícios com que nos tem favorecido. Também tem orações de petição e súplica e interseção. Se ora também para perguntar e para permanecer no Espírito. Se ora durante uma luta espiritual em lugares celestiais contra as hostes de Satanás; repreende-se, também a Satanás e seus demônios, em Nome de Jesus.

Em qualquer tipo de oração deve-se orar no espírito, pois Deus é Espírito, e a oração é uma incursão de nosso espírito no mundo invisível. Mas se ora com entendimento; ainda que é verdade que algumas vezes a oração no espírito supera nosso entendimento como está escrito: "porque não sabemos orar como convém, mas o mesmo Espírito intercede por nós sobremaneira, com gemidos inexprimíveis. Mas ele que esquadrinha os corações sabe qual é a intenção do Espírito, pois conforme a vontade de Deus intercede pelos santos" (Rm 8:26, 27); a oração com o espírito abrange também mistérios (1Co 14:2, 15).

Os valores pelos quais devemos orar nos foram ensinados pelo Senhor Jesus no célebre "Pai Nosso" (Mt 6:9-13).

Nesta comunhão íntima e comunitária, se faz sinceramente em espírito, Deus costumava revelar-se iluminando os corações e inclusive manifestando Seu Espírito em diversos dons, tais como, sabedora,

conhecimento, discernimento, milagre, cura, fé, profecias, variedades de línguas e interpretação de línguas)1Co 12:7-10; 14:26; Cl 3:16; 1Pe 4:10-11). Exorta-nos a não deixar de congregar-nos (Hb 10:25), sendo ainda melhor perseverar crescendo sempre na obra do Senhor. Devemos ter um coração sempre disposto para perceber no nosso espírito, a direção do Espírito do Senhor, e havendo examinado tudo e retido o que é bom, nos ocupar com o trabalho de Deus por Jesus Cristo.

No Santuário que possuía Israel, no lugar Santíssimo, uma porção permanente das espécies e incenso, representa as orações em Cristo dos santos; de manhã e de tarde, à hora especial da cerimônia, se oferecia a oferenda especial de incenso. Isto nos ensina que existe uma oração contínua e permanente no espírito do cristão, que ele mantém todo dia e em qualquer lugar, ligado a comunhão com Deus, ocupando-se do Espírito que dirige, aprova ou reprova, anuncia, limita e liberta. De tal comunhão contínua falava Paulo a saber: "orai sem cessar" (1Ts 5:17), o qual está simbolizado com aquela porção reservada permanente no lugar Santíssimo, que como espécies machucadas representam a Cristo, vida de nossa oração no Espírito, escondida em Deus, cuja destra intercede Jesus permanentemente por nós. Mas os ritos matutinos e vespertinos do incenso oferecido, representam também às horas especiais de dedicação completa, espírito, alma e corpo, ao culto do Senhor por Jesus Cristo. Tal como um belo casal que vive se amando, mas que tem horas especiais para manifestar mais

estreita e intimamente seu amor, assim também devemos viver diante de Deus, tendo momentos de cultos especiais. Espera-se que a igreja local persevere nisto.

Por último, só existe um Caminho para o Pai, o Filho. Há um só Deus e um só mediador entre Deus e os homens, Jesus Cristo homem (Jo 14:6; 1Tm 2:5). Tem sido expressamente proibido por Deus inclinar-se a imagens e render-lhes culto (Ex 20:3-6; Sl 115:3-8; Is 44:9-20; Jr 10:1-16; Hc 2:18-20; 1Jo 5:21; Ap 21:8; 22:15).

Também é abominável se comunicar com outros espíritos, sejam mortos ou não etc (Dt 18:9-14; Lv 19:26, 31; Is 8:19, 20).

PARTE VII

"...O MISTÉRIO de sua vontade,
segundo seu beneplácito,
o qual se havia proposto em si mesmo,
de reunir todas as coisas em Cristo,
na dispensação do cumprimento
dos tempos, assim as que estão nos céus
Como as que estão na terra."

Ef 1:9b, 10

XXXIX
O PROPÓSITO DE DEUS

Quando se constrói uma casa, depois de colocar os primeiros fundamentos, costuma-se deixar as guias que sinalizam aonde deve continuar a construção; assim mesmo, depois de haver esboçado brevemente temos aqui, o fundamento cristão sobre o que descansa as igrejas dos santos enquanto caminham para a estatura do Varão Perfeito com vistas ao Reino eterno na glória de Deus, ao que me parece apropriado referir às guias que mostram a construção da grande Casa de Deus; a saber, qual é o propósito definitivo de Deus para o qual aponta todo seu operar. Enfocaremos esta consideração desde as perspectivas: o propósito universal e o propósito individual; que quer Deus com todo o universo e que deseja para cada indivíduo, não importa a diversidade de sua função.

Atendemos então primeiramente a uma importante passagem paulina de sua carta aos efésios (1:3-14), sublinhando aqui as frases que a este respeito nos parece fundamental: "Bendito seja o Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo, que nos abençoou com toda bênção espiritual nos lugares celestiais em Cristo, segundo nos escolheu n'Ele antes da fundação do mundo **para que** fôssemos santos e sem mancha diante d'Ele, em amor havendo-nos predestinado para ser adotados como seus filhos por meio de Jesus Cristo, segundo a **sua vontade**, louvor da glória de Sua graça, com a qual nos fez aceitos no Amado, dando-nos a conhecer **o mistério de sua vontade**, segundo

Sua aprovação, a qual **se havia proposto em Si mesmo, de reunir todas as coisas em Cristo**, na dispensação do cumprimento dos tempos, assim as que estão nos céus como as que estão na terra. "Nele assim mesmo tivemos herança, havendo sido **predestinados conforme ao propósito** daquele que faz todas as coisa segundo o desígnio de sua vontade, **a fim de que sejamos para louvor de sua glória**..." a redenção da possessão **adquirida para** louvor de sua glória" (Ef 1:3-6, 9-12, 14c).

Lemos aqui que a vontade de Deus, que era um mistério tem sido dada a conhecer aos santos em Cristo **revelando-nos seu propósito** para com o que está nos céus e na terra; e esse Grande Propósito Divino para com o universo é: REUNIR TODAS AS COISAS EM CRISTO. Em direção a isto avança todo o operar de Deus, que nos tem proposto isto.

Desde a rebelião de Lúcifer e seus seguidores no céu, e inclusive a rebelião do homem desde o Éden, as coisa no céu e na terra não estão todas em seu devido lugar, sujeitas à obediência do soberano Altíssimo Deus, que conhecia tudo isto antecipadamente, o tem ordenado de maneira que agora em Cristo Jesus todas as coisas sejam reconhecidas por Ele ou a Ele submetidas. A saber, que todas as coisas sejam efetivamente reunidas no Filho de Deus. Deus quer lhe preparar bodas a Seu Filho (Mt 22:2); quer que Ele tenha a preeminência em tudo (Cl 1:16-20). Tudo o fez por Ele e para Ele. O Filho é o herdeiro de toda a plenitude, pelo qual Este está assentado a direita do Pai esperando que todos seus inimigos lhes sejam postos debaixo de Seus pés. Mas Deus

quer também que Seu Filho Unigênito seja também o Primogênito entre muitos irmãos semelhantes a Ele; com o qual fica expressado o propósito para com cada Filho de Deus: levar-nos à estatura de Cristo Jesus; conformar-nos a imagem de Seu Filho, como está escrito: "E sabemos que aos que amam a Deus, todas as coisas cooperam para o bem; isto é, aos que **conforme o seu propósito são chamados**. Porque aos que antes conheceu, também os predestinou para que fossem feitos conforme a imagem de seu Filho, para que ele seja o primogênito entre muitos irmãos" (Rm 8:28, 29).

De tal maneira, a sabedoria de Deus é dada a conhecer por meio da Igreja aos principados e potestades nos lugares celestiais "conforme o propósito eterno que fez em Cristo Jesus nosso Senhor" (Ef 3:10,11). Deus se propôs a nos adotar como Filhos de Deus a todos os que estão em Cristo, vivendo em santidade e imaculados diante d'Ele, "para louvor de sua glória e de sua graça."

Desde a eternidade, o Pai tem amado ao Filho e lhe tem dado tudo; por meio d'Ele se expressa e quer que todas as coisas sejam sujeitas a Ele de maneira que Ele seja manifestado em tudo. Deus tem levado à Cruz toda a velha criação rebelde, começando na ressurreição de Seu Filho uma nova Criação fiel ao propósito Divino. O Filho, a Sua destra, tem o poder de sujeitar a Si mesmo todas as coisas; pelo qual, tendo enviado em Seu nome o Espírito Santo com este propósito de glorificar-lhe, que opera mediante Seu Corpo, a Igreja, da qual é Cabeça, trazendo, por Sua capacidade, a cada membro, para a formação

em Sua própria imagem; de modo que também a natureza lhe esteja sujeitada, para Ele devolver tudo ao Pai em reconciliação, havendo julgado aos rebeldes. Portanto, podemos ver ao final a Cidade de Deus, a Nova Jerusalém, tendo a glória de Deus, e assentada como Capital Universal do Reino de Deus, onde todas as coisas expressarão a Deus, dando-os a conhecer em Cristo, vida sustentatriz e eterna. Conhecer a Deus e a Cristo, e a vida eterna (Jo 17:3).

Para colaborarmos com o propósito de Deus precisamos obedecer totalmente a Cristo, começando por nós mesmos, área após área, e de glória em glória, até fermentar toda a massa. Para alcançarmos isto nos tem sido concedido o Espírito Santo, que nos participa o poder da vitória de Cristo sobre Satanás, a carne, o pecado, o mundo e a morte, mediante a fé viva que nasce do ouvir a Palavra de Deus que opera mediante o Amor.

A Igreja sujeita ao Espírito, é o veículo de reconciliação que sustenta o mundo frente ao Propósito Divino, pelo Espírito Santo.

Gino Iafrancesco V.
Autor
23 de abril a 5 de outubro de 1983
Paraguai
Ricardo
Tradução
20 de fevereiro a 3 de abril de 2004
São Lourenço- MG – Brasil
Gisele Menezes
Revisão e digitação
21 de julho a 26 de agosto de 2008
Rio de Janeiro/RJ

BLOGS

http://cristianogiv.zoomblog.com
Libros, ensayos y artículos.

---

http://giv.zoomblog.com
Caminante

---

http://exegiv.zoomblog.com
Escritos Exegéticos

---

http://filosofiagiv.zoomblog.com
Escritos Filosóficos

---

http://poemasgiv.zoomblog.com
Escritos Poéticos

---

http://es.netlog.com/giv1
En varios idiomas

---

http://blogs.diariovasco.com/index.php/presencia
Presencia

---

http://mipagina.univision.com/cristianogiv
Visión

---

http://giv1.unblog.fr
Paisaje

---

http://www.librodearena.com/giv
Libro de arena

---

http://opusgiv.blog.dada.net
LLamado

---

http://giv.es.tl
Web.giv

---

http://giv1.blogcindario.com
Prójimo

---

http://giv888.blog.co.uk
Presente

---

http://giv1.blogia.com
Umbral

---

http://giv1.obolog.com
Trompeta

---

http://del.icio.us/giv1
Videos em portugués

---

http://cristiania.net
Cristianía

---

http://giv1.start4all.com
Fundamento

---

http://www.cross.tv/giv1
Cross.tv.giv

---

http://twitter.com/giv51
giv51

---

http://giv1.tu.tv
Bóreas

---

http://apocalipsis-gino1951.blogspot.com
Apocalípsis

---

http://ermnutik.blogspot.com
Hermenéutica y Concomitancias

---

http://gino1951.blogspot.com
gino1951

---

http://pansobrelasaguas.blogspot.com
Pan sobre las aguas

---

http://isagogiajacobea.blogspot.com
Isagogia Jacobea

---

http://tesoroscristianos.net
Tesoros Cristianos

---

http://giv1.webnode.es
Migajas de la mesa de los hijos